

2015

Crônicas Barbacenenses.
O dia a dia de um pré-cadete da
EPCAR nos idos de 1960

JOBBER ROCHA
Rio de Janeiro



Advertência aos Leitores

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, sob qualquer forma ou meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do autor.

Esta é uma obra de ficção e criada com base na imaginação do autor; todavia, qualquer semelhança com fatos e personagens reais terá sido uma mera coincidência.

Prólogo

Caros amigos leitores, este livro de crônicas fala de algumas estórias passadas na Escola Preparatória de Cadetes do Ar - EPCAR, na cidade de Barbacena, no Estado de Minas Gerais; bem como, de outras estórias transcorridas na Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. Algumas delas foram vividas por companheiros meus de caserna; outras por mim mesmo e diversas foram frutos apenas da imaginação.

Meu objetivo, ao escrever estas crônicas, não foi o de fazer um panegírico sobre a vida e as virtudes dos alunos da EPCAR e dos cadetes da Escola de Aeronáutica, aspectos por demais conhecidos de todos os brasileiros, mas, o de evidenciar (com um viés quase sempre humorístico, mas, por vezes, também sarcástico e irônico) o lado real, brincalhão e místico do dia a dia daqueles jovens, com os quais tive a honra e o prazer de conviver durante vários anos.

Após haver chegado à EPCAR, no ano de 1960, ali encontrei um capitão aviador, Comandante de Esquadrilha, que havia cunhado um bordão ou grito de guerra para a turma que iniciava o primeiro contato com a vida militar naquele ano, bordão este denominado JURUBANGA e que era sempre gritado em voz alta pelos integrantes da Turma de 1960, nas ocasiões em que necessitávamos de coragem, força e disposição para vencer obstáculos e dificuldades.

Eu nunca soube o significado do vocábulo por ele inventado e, recentemente, procurando em um dicionário Tupi-Guarani, supondo ser palavra indígena, nada encontrei; não sendo esta, portanto, uma palavra utilizada pelos índios do nosso país. Localizei uma palavra parecida na língua malaia, Jurubang, cuja tradução é Homem.

Creio que era este mesmo o sentido que aquele antigo comandante queria dar a palavra que havia adotado para incentivar a todos nós, seus subordinados. Homens era o que ele esperava que aqueles jovens fossem em todos os momentos das suas vidas. Infelizmente, pouco tempo depois, aquele nosso estimado e querido comandante veio a falecer. Todavia, a palavra que ele dizia com freqüência, calou fundo no coração e na mente de todos nós, jovens guerreiros que pretendíamos defender a pátria em qualquer situação e local em que nos encontrássemos.

Muitos de nós, em nossas vidas profissionais e particulares, após havermos concluído o curso da EPCAR, por diversas ocasiões, em momentos difíceis ou cruciais, com certeza dissemos baixinho para nós mesmos ou apenas pensamos: - Jurubanga!

Esta obra ao voltar no tempo relatando quase sempre com algum humor, por vezes com um leve sarcasmo ou uma discreta ironia, diversas experiências ou episódios comigo ocorridos; bem como, com alguns companheiros meus cujos nomes foram omitidos para não ferir suscetibilidades (além de outros episódios frutos da minha própria imaginação), durante o período que convivi na Força Aérea, certamente, apresentara temas ou situações que, de uma maneira mais ou menos semelhante, poderão ter sido vivenciados por muitos daqueles que pela EPCAR passaram, desde o ano de 1949, quando da sua implantação na cidade de Barbacena, até os dias atuais.

Espero que os assuntos aqui tratados sejam do agrado do público, em geral, e dos ex-alunos e dos atuais alunos (pré-cadetes) da inesquecível Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de um modo bem particular.

Ao meu antigo comandante de Esquadrilha Capitão Aviador Bayard Ferreira da Costa e ao ex-comandante do Corpo de Alunos, Major Aviador Berthier de Figueiredo Prates, ambos líderes de homens e, infelizmente, falecidos prematuramente nos anos sessenta, dedico estas crônicas.

Agradecimentos

Agradeço aos meus queridos companheiros, da Turma dos Brasinhas (EPCAR 1960) e da Turma Sai da Reta (EPCAR 1961), com os quais convivi durante os melhores anos da minha vida, na EPCAR e na Escola de Aeronáutica. Se algum episódio engraçado ou inusitado desta obra for lembrado com emoção e com saudades por alguns integrantes destas duas turmas, não será uma mera coincidência e o meu objetivo, estou seguro, terá sido felizmente alcançado.

Agradeço, também, a todos aqueles que, na EPCAR e na Escola de Aeronáutica, contribuíram para a minha formação moral, cultural e técnica, destacando-se, dentre eles, os professores, os instrutores, os monitores, os oficiais e os civis, que exerceram dignamente suas atividades naquelas Organizações Militares, na década de 1960.

Finalmente, agradeço a população desta inesquecível cidade mineira de Barbacena, que acolheu com carinho e paciência a mim e aos meus colegas de turma nos idos de 1960; bem como, tem sempre acolhido desta mesma forma, desde o ano de 1949 até o presente, as inúmeras gerações de jovens brasileiros esperançosos, oriundos de todos os rincões do país, que ali se sucederam todos os anos e que, em suas respectivas épocas, caminharam felizes pelas ruas, calçadas, praças e jardins da 'Princesinha dos Campos', da 'Cidade das Rosas' ou da 'Atenas Brasileira', em busca da realização de seus sonhos e da concretização de seus ideais.

Índice

1. Os macetes na vida de um pré-cadete da EPCAR	08
2. Meu querido armário, minha adorável cama	14
3. Nada como um fim de semana com chuva, em Barbacena	17
4. O convite para jantar	20
5. O orgulho de usar a farda	23
6. O portão das lavadeiras	25
7. O show dos pré-cadetes	27
8. Os bailes da EPCAR	29
9. Uma tarde e uma noite na velha Praça de Esportes da EPCAR	31
10. Os vôos rasantes sobre a cidade de Barbacena	35
11. Os vôos por instrumentos	37
12. Os talheres da Residência Oficial	39
13. O lado erótico da vida militar	41
14. O Grande Ás da Aviação	43
15. O Acampamento	45
16. Como se livrar da Entidade?	48
17. Como o amor é lindo!	50
18. As viagens no Vera Cruz	53
19. A carona do licenciamento	55
20. A chegada dos Correios	57
21. A Pizzaria do Gino	60
22. A revolta dos estômagos	62
23. A Rádio Sapeca	64
24. A desunião na ordem unida	66

25. O anel de noivado	68
26. A revolta que não houve	71
27. O Capital Circulante das dezoito horas	73
28. O Monumento ao Cadete Imortal	76
29. A fama e a fortuna	78
30. A sentinela do paiol	81
31. Como presentear a um mestre?	86
32. O maníaco por mulheres	90
33. Os Deuses invadem a Terra	93
34. Sobre a ordem de precedência nos negócios do Além	97
35. O Pátio do Bandeira	101
36. Um dia muito triste	105
37. Considerações sobre a Amizade	109
38. O piloto brincalhão	113
39. O telefonema do Além	116
40. Epílogo	120

1. Os macetes na vida de um pré-cadete da EPCAR

Todos aqueles que já foram militares acabaram aprendendo, por bem ou por mal, os regulamentos disciplinares das forças em que serviram. Uns aprenderam mais cedo e outros de maneira mais tardia, mas o fato é que, sem aprendê-los e sem os colocar em prática, a vida militar seria muito breve para qualquer um que quisesse prosseguir na carreira das armas.

Lembro-me que a primeira coisa que aprendi, rapidamente, logo que entrei para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena (isto, sem nunca haver lido a Arte da Guerra, de Sun Tzu; o Breviário do Político, do Cardeal Mazarino; O Príncipe, de Maquiavel, ou qualquer regulamento militar), foi chamar de senhor a qualquer um que me dirigisse a palavra. A segunda foi procurar me esconder de qualquer um que devesse ser chamado de senhor.

Percebi, depois de alguns meses, que qualquer pré-cadete da EPCAR poderia muito bem passar despercebido dos oficiais, sargentos e veteranos: bastava que não freqüentasse os mesmos lugares que estes ou que andasse sempre no meio de alguma multidão. Assim, eu, a partir de então, ou esgueirava-me por corredores escuros e vazios ou mantinha-me no centro de qualquer grupo de calouros em deslocamento, jamais falando alto para não chamar a atenção e, eventualmente, chegar a ser notado.

No rancho eu era sempre o último a me servir, para não despertar a atenção dos veteranos. Entretanto, isto tinha alguns inconvenientes, pois, quase sempre, quando chegava a minha vez a comida já havia terminado. Por esta razão eu aguardava, pacientemente, a saída dos outros componentes da minha mesa, para, então, procurar quaisquer sobras eventualmente esquecidas nas demais mesas.

Como as paredes do quartel eram pintadas de duas cores, branca em cima e azul em baixo (este azul indo até a altura de uns quarenta centímetros acima do solo), cheguei, em meus sonhos infantis, até a imaginar que se vestisse uma camisa branca, ao invés da azul do uniforme, poderia percorrer o quartel todo, beirando as paredes, sem ser notado; já que, eu me deslocaria vestido da cintura para cima, com uma camisa branca sobre um fundo branco e, da cintura para baixo, com uma calça azul em um fundo azul. Todavia, deixei a idéia de lado,

naquela ocasião, quando percebi que ao sair de perto das paredes seria facilmente reconhecido.

Uma coisa que vislumbrei, desde o início, era que não devia, jamais, ser o primeiro em coisa alguma. O primeiro, seja lá no que fosse, era sempre reconhecido em qualquer lugar que estivesse e, de longe, sempre apontado por alguém: - Olha, lá está o primeiro!

O mesmo ocorria com o último e, por isso, resolvi ficar pelo meio e na média. Em qualquer evento, bom ou mau, eu me escondia com a minha classificação medíocre no meio dos demais (lembro ao leitor que medíocre vem de média, isto é, eu fazia parte da média, estando, portanto, longe dos extremos). Agindo desta forma, escapei de boas quando chamavam os dez primeiros ou os dez últimos para alguma coisa, por exemplo.

Outra lição que aprendi, por mim mesmo, foi que ao ser chamado para justificar faltas (ou apresentar razões de defesa), sempre que o oficial dizia que ia me dar dois dias de detenção, eu ponderava: - Mas senhor, eu não tenho nenhuma punição e estes dois dias vão sujar a minha ficha, que é impecável!

Durante os anos em que permaneci naquela escola este argumento sempre prevaleceu para que eu não fosse punido (desde que utilizado parcimoniosamente e sempre com oficiais diferentes, evidentemente), fazendo com que eu jamais chegasse a ter a minha ficha maculada.

Tendo por norma sempre passar despercebido, acabei por descobrir um procedimento que, se corretamente utilizado, poderia permitir, a todo àquele que o executasse, uma semana de férias longe da escola e junto da família e da namorada, na cidade natal. O procedimento era o seguinte: como as camas e as carteiras das salas de aulas possuísem números identificadores e as faltas diárias fossem tomadas pelas camas e carteiras vazias, bastava que o interessado em gozar uma semana de férias desmontasse ambas e as escondesse atrás do seu armário no alojamento ou, mesmo, dentro de outro armário vazio. Não vendo camas e carteiras vazias, o Aluno de Dia, encarregado de tirar as faltas, julgaria que não havia ninguém faltando. Os próprios colegas, muitas vezes, não notavam a sua falta, principalmente, se o felizado fosse um daqueles, como eu, de poucos amigos e que não chamasse muito a atenção.

Outra coisa que percebi, logo cedo, é que não deveria jamais comparecer à revista médica. Muitos daqueles que, procurando

escapar à parada diária, ao serviço de plantão ou à educação física, alegavam alguma dor ou indisposição; logo após serem examinados pelo médico, eram indicados para baixar a enfermaria, alguns para pequenas cirurgias de amígdalas ou de fimose. Nestes casos, eles baixavam imediatamente e tinham de se submeter às tão temidas cirurgias. Certa feita eu já estava na fila para obter dispensa da parada diária, quando vi o que ocorria aos primeiros pacientes examinados. Alegando que tinha prova naquele horário escapuli rapidamente, para nunca mais voltar.

Durante o período escolar os alunos saíam para a cidade de Barbacena à paisana, no sábado, e fardados, no domingo. A saída fardada nos tirava muita mobilidade, pois as mulheres com as quais alguns de nós costumávamos sair moravam, geralmente, em locais distantes na periferia. Assim, para não chamar a atenção da população dos bairros da periferia por onde passávamos, sobre nós e as nossas namoradas, urgia não transitar fardado aos domingos.

Muito observador, notei que o dono de um dos bares da cidade (conhecido como Bar do Cadete Duro) era bastante receptivo aos pré-cadetes; principalmente, por estes lá deixarem substancial parte do soldo que recebiam todos os meses, para pagamento de sanduíches e bebidas consumidos. Assim é que em um sábado, pedi a ele que guardasse para mim uma bolsa (na qual deixara roupas civis), bolsa esta que iria pegar apenas no domingo. Ele prontificou-se a fazê-lo e, no domingo, tendo eu saído fardado da escola, troquei de roupa nos fundos do bar (deixando lá mesmo, pendurada em um cabide, a minha bela farda que tanta atenção chamava por onde passava) e sai livre, leve e solto, vestindo minhas roupas civis, em direção ao cortiço na periferia onde residia minha amada. Pouco tempo depois, a técnica que inventei caiu em domínio público e quase todos os alunos passaram a fazer o mesmo que eu havia feito.

Posso dizer que aprendi muito com os companheiros do Nordeste. Aqueles colegas de vicissitudes traziam em seus âmagos, fruto talvez de seculares condições precárias, uma capacidade de superação e de agüentar o sofrimento invejável. Enquanto a maioria dos paulistas, gaúchos, mineiros e cariocas achava a comida do rancho da escola intragável, eles a consideravam uma coisa maravilhosa. Enquanto aqueles, mencionados anteriormente, consideravam seus colchões muito duros, eles os consideravam extremamente macios. Enquanto todos escolhiam, pacientemente, as garotas mais bonitas da cidade e com os corpos mais esbeltos, eles escolhiam qualquer uma; notadamente as feias gordas ou as feias magras, nunca as feias

jeitosinhas, como a minha própria namorada. Ainda bem, pois, assim, eu não sofria a concorrência deles.

Depois de meses de análise introspectiva, descobri uma maneira prática de assistir a uma aula ou mesmo a uma palestra, no auditório, sem prestar a menor atenção ao assunto que estava sendo exposto. A técnica consistia em repetir baixinho, centenas de vezes, um mantra indiano que ouvira em determinada ocasião, durante antigo filme de aventuras. Alguns minutos depois, caía em um transe mental do qual somente me livrava quando todos já se levantavam para sair e me empurravam para fora do recinto.

Reconheço que posso haver perdido grandes aulas e magníficas palestras, mas, com este método, certamente, evitei muitas aulas maçantes e inúmeras palestras vazias.

Com o tempo, observando em detalhes aquilo que alguns companheiros denominados 'laranjeiras' faziam, percebi quão espertos eles eram; isto é, sob o argumento de que as suas famílias residiam longe, eles ficavam na escola durante todo o período as férias. Ora, pude observar que no período de férias a comida do rancho era melhor (por ser feita para poucos); a piscina da praça de esportes estava sempre vazia; os oficiais e os sargentos nem apareciam nos alojamentos, podendo as nossas camas passar o dia inteiro desarrumadas; as mulheres da cidade (tendo diminuindo a demanda dos alunos e aumentando a oferta das garotas) davam bola para qualquer um daqueles 'laranjeiras' que haviam ficado na cidade, não importava se feios ou bonitos, se altos ou baixos, se gordos ou magros.

Tendo feito esta descoberta, passei a denominar-me também um 'laranjeira' e resolvi morar, definitivamente, naquela escola durante todas as férias escolares.

A Temperatura em Barbacena, durante a maior parte do ano, era muito baixa. Por vezes, chegava a um dígito apenas no termômetro. Nestas ocasiões, tomar banho era um suplicio. Diariamente, por volta das cinco horas, todos se dirigiam aos banheiros para o banho diário. Os banheiros eram coletivos e enormes, com inúmeros chuveiros. Todos que entravam sob aqueles jatos de água fria pareciam ter sido atacados pela malária, tal a freqüência com que seus queixos batiam e seus corpos tremiam. Não desejando passar, diariamente, por aqueles momentos de aflição, após alguma meditação introspectiva, descobri uma maneira fácil de passar meses sem ser submetido aquele sofrimento cotidiano. O que eu fazia todos os dias, na hora do banho,

era, simplesmente, tirar a roupa no alojamento, colocar minha toalha em volta da cintura, calçar minha sandália de borracha, apanhar o sabonete e o Xampu para os cabelos e me dirigir, calmamente, para o banheiro, como todos faziam. Lá chegando, entrava em uma das inúmeras privadas e fechava a porta, como se fosse fazer alguma necessidade fisiológica. Esperava um pouco, até que todos aqueles que haviam me visto entrar já tivessem tomado seu banho e voltado para o alojamento e saía, displicentemente, enxugando os cabelos com a toalha. Ao passar por algum companheiro, ainda exclamava: - Poxa, como esta água está fria hoje!

Saindo dali para o alojamento, ao chegar ao meu armário apanhava a lata de talco e polvilhava um pouco entre os dedos dos pés, falando bem alto: - Pés molhados dão frieiras, se não colocarmos talco!

Com este simples procedimento, passei meses sem sofrer a ação daquela água quase congelada em minha pele. O talco também era de muita utilidade, quando a barba estava grande e eu não estava com disposição de barbear-me para a parada diária. Bastava encher a mão com um punhado dele e passar na barba. A cor branca disfarçava a cor escura da barba e, de longe, nenhum oficial ou aluno de serviço percebia que ela estava muito grande.

Uma coisa que logo percebi na vida militar é que a hierarquia tratava-se de algo muito importante. Todos respeitavam os superiores e quanto mais superior se fosse, o respeito que se recebia dos subordinados era maior. Assim, após muito pensar, escondido em um pequeno vão que havia descoberto em local ermo da escola, percebi que para me tornar intocável naquele estabelecimento, bastava andar de ombros erguidos e de cabeça levantada, aparentando o ar importante de alguém que estava em alguma missão ou que sabia de algo muito sigiloso. Quando qualquer aluno mais antigo me interpelava eu respondia, simplesmente: - Agora não posso lhe atender, pois estou a serviço de sua excelência, que acabou de me mandar chamar!

Sua Excelência era o tratamento dispensado ao brigadeiro comandante da Escola. Assim, aquelas palavras mágicas, faziam com que os interlocutores desistissem de qualquer intenção que tivessem de me mandar fazer alguma coisa e, a partir de então, eu podia transitar livremente sem ser incomodado pelos veteranos, por qualquer dependência do quartel.

Certo dia ocorreu-me um modo simples de me fazer passar por intelectual, ao ver o professor da matéria expor uma reação química.

Tendo memorizado o processo da reação, levantei-me durante a aula e perguntei alto, para que todos os colegas me ouvissem: - Professor, se eu misturar a substância A com a substância B e depois usar o catalisador C, destilando tudo em seguida, não encontrarei o sal D? O professor respondeu que sim. Logo a seguir, eu disse: - Poxa, então eu estou certo! O professor respondeu que sim, pois era a mesma reação que ele acabara de explicar. Todos os colegas que não estavam prestando atenção à aula, inclusive aqueles que dormiam, olharam para mim como se eu fosse um gênio da Química e sorriram. Desde este dia passei a fazer o mesmo em todas as aulas, de qualquer que fosse a matéria. Logo, havia me tornado um chato para os professores, por dizer o óbvio, mas um gênio para muitos de meus companheiros que, por não estarem prestando atenção às aulas, julgavam que aquelas formulações saiam da minha própria mente genial, notadamente porque eu sempre afirmava no final da concordância do professor: - Então eu estou certo! (como se eu estivesse certo e o professor errado).

Ao final do curso da EPCAR, eu já me considerava um verdadeiro professor na Arte e na Ciência de como, estrategicamente, passar pela vida militar sem ser incomodado pelos superiores e de desfrutar de um bom conceito perante os companheiros. Esperava poder aplicar tudo aquilo que havia aprendido, por esforço próprio, na nova Escola de Aeronáutica, para onde havia sido transferido e onde deveria me apresentar, após gozar as merecidas férias na piscina da Praça de Esportes da EPCAR, dormindo no alojamento sem precisar arrumar a cama, freqüentando o rancho sozinho e com todas as mulheres da cidade de Barbacena à minha disposição.

2. Meu querido armário, minha adorável cama

Todos aqueles que prestaram serviço militar às Forças Armadas, com certeza, lembrar-se-ão, como eu e com saudades, do velho armário e da velha cama que possuíam nas organizações em que foram servir ao ingressarem na carreira das armas. Únicos bens duráveis de que dispúnhamos naquela oportunidade (embora por comodato e por pouco tempo), eles substituíam o armário e a cama que tínhamos em nossas casas e constituíam o refúgio de qualquer jovem militar quando, com saudades da família, neles se abrigava para contemplar algumas fotos, esquecer as agruras do dia, lembrar-se dos entes queridos ou com eles sonhar. Às vezes, a cama estava situada próxima do armário e outras vezes localizada distante do mesmo. O armário, de madeira ou de metal, possuía, quase sempre, cerca de um metro e oitenta de altura, por sessenta centímetros de largura e cinquenta de profundidade, além de um número de ordem localizado em cima da porta. Nele teriam de caber todas as posses do jovem militar (relativamente poucas em valor monetário, mas muitas em quantidade física), que disputavam entre si um lugar definitivo e confortável naquele espaço tão pequeno.

Dentro dos armários não havia gavetas, mas, sim, prateleiras onde os uniformes militares e as roupas civis deveriam ficar, todas limpas e bem arrumadas. A arrumação era fundamental para que coubesse tudo em tão reduzido espaço. Na prateleira de cima, a primeira delas, costumavam ficar os quepes e os gorros (ou casquetes), as platinas (ombreiras ou divisas) e o capacete de fibra. Na prateleira de baixo (a segunda e que era maior do que as demais), ficavam pendurados em um travessão, o uniforme de passeio, a japona, o terno civil, algum casaco civil, camisas civis e camisas de manga comprida, usadas com o uniforme externo. Na terceira prateleira ficavam as camisas militares de manga curta, as camisetas e os calções de ginástica, bem como as sungas de natação. Na quarta ficavam as meias, as cuecas, as blusas e ceroulas, as toalhas de banho e de rosto, como também os pijamas. Na quinta e última prateleira ficavam as sapatilhas de ginástica, os borseguins, a bota preta, o sapato preto do uniforme externo e o sapato de uso civil. Na porta dos

armários existiam dois ou três compartimentos onde eram guardadas as escovas de dente, a pasta, o sabonete, o papel higiênico, a graxa de sapatos, a escova de polir, as insígnias e a latinha do polidor de fivelas. Na porta existia, ainda, um local para pendurar os cintos, cinturões e gravatas do uniforme externo.

Basicamente, em tudo isto se constituía, oficialmente, o armário de um militar no meu tempo. Entretanto, extra-oficialmente, os armários comportavam alguns outros itens: as fotos de familiares, de namoradas, de mulheres nuas, os maços de cigarros, os talheres e canecas emprestados do rancho, as latas de doce recebidas de casa e enviadas pelas mães, os pacotes de biscoito, as cartas de parentes e das namoradas, etc. Alguns veteranos possuíam dois ou, até mesmo, três armários. Aqueles militares que eram desligados e aqueles que pediam seu desligamento por alguma razão particular, durante o ano letivo, tinham de desocupar os armários e entregá-los de volta. Estes armários vagos, logo em seguida, seriam ocupados por alguns veteranos 'mais espertos', que os utilizavam para desafogar o armário original.

As camas que os militares possuíam (também de madeira ou de metal, como os armários) deveriam ser impecavelmente arrumadas todas as manhãs. Um lençol colocado sobre o colchão, um cobertor sobre o lençol, uma colcha sobre o cobertor e outro cobertor arrumado aos pés da cama. A revista de camas era feita pelo oficial de dia, que anotava aquelas mal arrumadas para uma eventual punição dos seus respectivos ocupantes. Nas cabeceiras das camas de todos os militares estavam presentes os mesmos números de ordem que constavam nas portas dos armários. Naquelas camas, logo após o toque do silêncio (executado muitas vezes, com maestria, pelo coração do corneteiro e apenas soprado pela sua boca, tal era a emoção que ele conseguia transmitir àquele toque), sonhávamos com as nossas namoradas, com os nossos futuros, com as nossas mães, pais e irmãos. Daquelas camas teimávamos em não querer sair nos dias frios de inverno. Naquelas camas ressonávamos noite adentro, sonhando com batalhas e combates, sob os olhares atentos do plantão da hora que, em algumas ocasiões, também ressonava em seu posto.

Aquela era a nossa verdadeira casa, onde tínhamos aquilo tudo de que necessitávamos como jovens: um armário, uma

cama, uma namorada e dezenas de amigos. Quem dera que a vida de todos nós continuasse eternamente assim, sem sofrimentos, sem mortes, sem desilusões, sem traições, sem desavenças. Quem dera que continuássemos, para sempre, acreditando nos valores morais e éticos que ali aprendíamos e que passávamos a cultuar como militares ou como civis (após deixar a caserna), pelo resto de nossas vidas, palco de tantos sacrifícios e de tantas abnegações; porém, por outro lado, de inúmeras alegrias e incontáveis momentos de felicidade. Quem dera que a vida não tivesse se encarregado de nos mostrar que muitos seres humanos não balizam suas existências por aqueles valores que nos foram ensinados a cultuar e a cultivar na vida militar (tais como a coragem, a lealdade, a honestidade, a justiça, a dignidade, o patriotismo, etc.), fazendo com que, em muitas ocasiões, nos sentíssemos como verdadeiras ilhas em um oceano de vícios e de más intenções.

Infelizmente, muitos daqueles nossos companheiros de alojamento tiveram suas existências abreviadas, seja desempenhando missões como militares, seja em suas atividades na vida civil. Entretanto, resta-nos sempre o consolo de saber que não convivemos todos juntos no período mais importante de nossas vidas, por um simples e desarrazoado acaso; já que, segundo alguns filósofos e religiosos, este acaso não existe. As amizades surgidas e consolidadas na vida militar serão, certamente, eternas (se não quando ainda encarnados, ao menos quando já desencarnados). Os nossos espíritos de companheiros de caserna, eu estou plenamente convencido disto, para sempre se reconhecerão, seja em outras existências, seja em outras dimensões ou planos de existência, conforme a crença de cada um.

Acredito que estes meus sentimentos sejam comungados por todos aqueles que passaram por alguma Organização Militar brasileira, mesmo que por apenas alguns meses; bem como, sejam sentimentos também reconhecidos e esposados por qualquer militar ou ex-militar, seja de qualquer país do mundo. Ao relembrar aqueles tempos de incrível felicidade em que o mundo me pertencia, quando ainda desconhecia o que o destino me reservava e podia contar com meus pais e irmãos ao lado, me vejo tomado pela emoção e, com lágrimas nos olhos, agradeço ao Criador a graça que me proporcionou de ter vivido a vida que vivi.

3. Nada como um fim de semana com chuva, em Barbacena

Dentre as piores coisas na vida de um pré-cadete da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena, naqueles idos de 1960, certamente, o final de semana com chuva era a que mais se destacava sobre todas as demais. Isto, sem dúvida alguma, sempre foi o pensamento de todos os alunos daquele estabelecimento de ensino desde o dia da sua inauguração, em 1949, até os dias atuais.

Barbacena era, e ainda é, a cidade do sol, do céu azul, da temperatura agradável, do povo educado e afável e das ruas cheias de belas mulheres. Esta descrição como podem ver, não combina com vias molhadas, nuvens carregadas e calçadas desertas.

Lembro-me bem quando, nos idos de 1960, estudando na EPCAR, eu esperava com ansiedade o final de semana para poder percorrer as ruas da cidade, quase sempre em companhia de alguns amigos, em busca de um pouco de diversão, de uma deliciosa pizza no Gino's, de um beijo e de um abraço carinhoso de minha eventual namorada mineira. Estes eram ou ainda são, com certeza, os desejos e os objetivos de todos aqueles pré-cadetes que por aquela organização militar passaram ou ainda passam.

Um fim de semana com chuva e nublado começava por imprimir, na alma de todos nós, certa depressão e um estado de melancolia que nos convidava a permanecer na cama durante a maior parte do tempo, sem desejar ser incomodado e sem querer conversar com ninguém. Exercícios na Praça de Esportes nem pensar; banhos de piscina, só para alguns poucos fanáticos por medalhas nas competições esportivas; estudar para as provas, só para aqueles prestes a ter que repetir o ano, por falta de aproveitamento nas inúmeras disciplinas.

Assim, com este estado de ânimo, em um sábado que havia amanhecido nublado, com a temperatura fria e uma chuva fina que prometia estender-se até o dia seguinte, acordei tarde, por volta das quatorze horas. Não tendo nada para fazer, resolvi me vestir e dar uma volta, sozinho, pelas ruas da cidade.

Sai pelo Portão da Guarda da escola, com minha capa e meu guarda chuva, atravessei a linha férrea e iniciei a subida da Rua Artur

Bernardes, que conduzia a Rua Tiradentes; acesso natural para quem vinha da EPCAR em direção ao jardim da Praça dos Andradas e ao centro da cidade. Enquanto subia pela Rua Artur Bernardes, a chuva começou a apertar e fui obrigado a abrir meu guarda-chuva.

Reparei, naquela ocasião, que na minha frente subia uma jovem de seus 18 anos, muito bonita e com um corpo escultural. Como ela não portasse guarda-chuva e estivesse toda molhada, ofereci o meu para que ela se protegesse da copiosa cascata que caía do céu; já que, eu dispunha ainda de uma impermeável capa plástica. Ela aceitou prontamente, mas fez questão de dividir o guarda-chuva comigo.

A proximidade daquela bela mulher ao meu lado, o perfume que exalava de seus longos cabelos, o sorriso cativante, a boca pequena, os lábios carnudos, os dentes brancos e seu hálito perfumado, quase me fizeram desfalecer de emoção. Eu jamais poderia imaginar que em uma tarde chuvosa, com as ruas molhadas e desertas, eu estaria caminhando pela cidade de Barbacena ao lado de uma mulher linda como aquela. Em breve estávamos os dois conversando sobre diversos assuntos e parecíamos velhos amigos que se conheciam desde longa data. Como a chuva apertasse ainda mais, nós também nos apertamos um contra o outro sob aquele pequeno guarda-chuva. O contato com o corpo jovem dela fez com que meus batimentos cardíacos se acelerassem, minha boca ficasse seca e minha voz começasse a gaguejar. Lembrem-se, meus caros leitores, que eu tinha apenas dezessete anos na ocasião.

Por sorte, ela morava distante do centro da cidade e continuamos caminhando juntos, ainda por algum tempo. Segundo me segredou, sua família era de São João Del Rei e ela morava só, em Barbacena, onde trabalhava e estudava para prestar exames vestibulares para o ingresso na Faculdade de Medicina de Juiz de Fora.

Finalmente, tendo chegado ao nosso destino, totalmente encharcados, ao devolver-me o guarda-chuva ela me convidou para que eu subisse ao seu apartamento, onde poderia secar-me e tomar um café bem quente, antes de ir-me embora.

Ao subir aquelas escadas e penetrar naquele ambiente, um mundo novo, de luxúria e de felicidade, se abriu para mim. Meu primeiro pensamento foi o de ficar morando ali, para sempre, solicitando meu imediato desligamento da EPCAR por telefone. O apartamento era decorado com finíssimo gosto e ela, após oferecer-me um café quente com alguns biscoitos e deixar-me sentado em um sofá,

observando a decoração da bela sala da residência, disse que iria tomar um rápido banho e que já viria conversar comigo.

Sentado no sofá minha imaginação flutuou, saindo da sala e penetrando no banheiro, onde ela havia se refugiado há pouco. Imaginei-a retirando a blusa e a saia e penetrando embaixo do chuveiro. A água quente, caindo em seus cabelos e em seu corpo, deixava escorrer gotas que traçavam caminhos tortuosos em direção aos dois pequenos e delicados pés. O vapor que inundava o ambiente embaçava um espelho na parede, onde aquele corpo escultural refletia as suas belas e desejadas curvas.

Fazia pouco tempo que eu ali me encontrava sentado (tendo já a minha imaginação deixado o interior do banheiro, onde há pouco contemplara aquele lindo corpo molhado sob o chuveiro, e retornado para o seu devido lugar, no âmago de uma mente corroída pelo desejo, como a minha), quando a porta do banheiro foi aberta e ela adentrou na sala em que eu me encontrava, apenas enrolada em uma pequena toalha. Levantei-me apressado e ela, caminhando em minha direção, deixou cair ao chão aquele pano que a cobria.

No domingo à noite, no último minuto do prazo estabelecido para o retorno dos pré-cadetes, entrei pelo Portão da Guarda da EPCAR. Meu pensamento fixo era o de solicitar meu desligamento do Corpo de Alunos da Escola e passar o resto dos meus dias vivendo com ela naquele pequeno apartamento, próximo do centro da cidade.

Conversando com alguns companheiros, verifiquei o quão medíocre havia sido o final de semana deles, quando comparado com o meu. Todos eles maldiziam aquela forte chuva que os obrigara a permanecer na escola, sem nada para fazer no sábado e no domingo. Eu, sem nada comentar sobre o que me ocorrera, aguardava ansioso o próximo final de semana, mesmo que ainda imperasse o mal tempo; pois eu, finalmente, percebera que não havia nada tão bom como um fim de semana chuvoso em Barbacena...

4. O convite para jantar

Depois do meu segundo ano na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, comecei a namorar uma bela jovem chamada Silvia, filha de tradicional família mineira, que demonstrava gostar muito de mim.

Certa ocasião, um domingo no qual saíamos fardados para a cidade, ao chegar a sua casa por volta das dezenove horas, ela me convidou para jantar com a família. Esta seria a primeira vez em que eu entraria na casa dela, para conhecer seus pais e familiares.

Na manhã daquele mesmo dia eu tinha aproveitado para um mergulho na piscina da Praça de Esportes da escola e, depois, jogado uma partida de futebol com os colegas. Por volta das onze horas, com o despertar da fome, fui com alguns companheiros a um bar das imediações (Bar do Mariano), onde comi alguns camarões fritos, junto com algumas empadas e pastéis de camarão (note que a cidade de Barbacena dista milhares de quilômetros da praia mais próxima).

Já no alojamento, após o banho, deitado e vendo uma revista de mulher nua, acabei dormindo até as dezoito horas. Ao acordar, sobressaltado, vi que tinha apenas uma hora para me aprontar e chegar à casa da Silvia, pois eu havia marcado de encontrar-me com ela em sua casa às dezenove horas. Aprontei-me, rapidamente, colocando meu uniforme 5º A, um pouco de perfume, e me dirigi, caminhando a pé, para a residência da jovem.

Ela me recebeu no portão, quando, então, me fez o convite para jantar. Ao entrar já deparei com o pai, a mãe e os avós, sentados na varanda sob um caramanchão, falando amenidades. Feitas as apresentações, o pai de Silvia conduziu-me para a biblioteca, onde, certamente, desejava inquirir-me sobre minhas intenções para com a filha dele. Após mostrar-me alguns livros raros, perguntou-me sobre minhas atividades.

Como, até então, eu apenas me interessasse por sol, mulheres e esportes; porém, naquela ocasião, desejasse causar boa impressão ao velho, disse a ele que, embora estudasse na EPCAR, não desejava ser aviador e que me interessava, mesmo, era pela Literatura Clássica e

Medieval, tendo já elaborado alguns ensaios sobre diversos Filósofos Pré-Socráticos e Neo-Platônicos.

Como eu havia falado em Filósofos, o pai dela me questionou sobre o Princípio da Razão Suficiente, sobre a Genealogia da Moral, sobre a Crítica da Razão Pura e a Crítica da Razão Prática, mas eu não havia ouvido falar nada a respeito daquilo que ele questionava. Assim, desconversei e, por minha iniciativa, passamos a discutir sobre a verdadeira composição da Cicuta, bebida venenosa ingerida por Sócrates ao ser condenado à morte. Para o pai de Silvia tratava-se do extrato de uma planta existente na Grécia, para mim era apenas algum remédio para ratos, tipo 'chumbinho' dissolvido em água.

Pouco depois, Silvia chamou-nos para a sala onde o jantar já estava sendo servido.

Ao chegarmos ao local, fartamente iluminado e com enorme mesa ao centro e onde já se encontravam, além da mãe e dos avós, alguns tios e sobrinhos, algo como uma pequena onda sísmica percorreu-me o intestino. Após sentar-me no lugar indicado por Silvia, ao lado dela e de sua mãe, pressenti nova onda; porém, desta vez, mais forte e como um tremor de terra.

Ao darem início ao jantar, vislumbrei uma verdadeira 'Tsunami' sendo gerada dentro do meu intestino. Pensando na catástrofe que se aproximava, rapidamente, levantei-me e, pedindo desculpas, disse aos presentes que havia me olvidado estar de serviço naquele dia e tinha de seguir urgente para a escola.

Vieram-me logo à mente os camarões, as empadas e os pastéis daquela manhã.

O pai de Silvia ofereceu-se para me levar de carro, o que aceitei mais do que depressa. Cheguei à escola quase no limiar do desfalecimento, não conseguindo chegar nem ao banheiro do alojamento, ficando no próprio banheiro do Portão da Guarda.

Passada a primeira onda, outras mais se seguiram; porém, de menores intensidades na Escala Internacional das Convulsões Intestinais.

Passei o resto do domingo na enfermaria, com febre e calafrios. Só fui me restabelecer na terça-feira.

Silvia, a partir daquele dia, manteve-se fria comigo e, pouco tempo depois, mudou-se de Barbacena para ir estudar em Belo

Horizonte. Não sei o que os seus familiares pensaram de mim naquele fatídico domingo, tendo eu saído tão rapidamente e alegado uma desculpa bem esfarrapada. Talvez achassem que eu não havia gostado da comida que haviam preparado especialmente para mim, e que consistia em antiga receita da bisavó mineira.

Assim, a partir daquele dia eu continuei acordando cedo aos domingos, tomando meus banhos de piscina na Praça de Esportes, jogando meu futebol e correndo atrás das mulheres de Barbacena; porém, desde então, nunca mais comi camarões fritos, empadas e pastéis de camarão em nenhuma cidade mineira.

5. O orgulho de usar a farda

O maior desejo de todos os calouros, desde que chegavam à EPCAR de Barbacena, era receber os seus uniformes. Passávamos cerca de duas semanas, antes de recebê-los no almoxarifado, usando as nossas próprias roupas civis. Recebíamos, inicialmente, apenas os uniformes internos, as roupas de cama e as de banho. O uniforme externo levava, aproximadamente, uns dois meses para que o recebêssemos, pois dependia da confecção, sob medida, por alfaiates da cidade.

Após recebê-lo, no primeiro domingo seguinte, íamos à cidade com nossas vistosas fardas. Esta consistia em uma túnica na cor azul barateia, com botões dourados e as insígnias de pré-cadete nos ombros (um par de asas prateadas inseridas em um pentágono dourado), calça da mesma cor da túnica, sapatos e meias pretas, um par de luvas pretas, camisa azul de mangas compridas, gravata preta e um quepe azul, contendo no alto o emblema da Aeronáutica com suas azas douradas. Fazia parte deste uniforme (5º A Rumaer) uma pelerine azul marinho, para os dias de frio intenso que ocorriam com freqüência na cidade de Barbacena.

Lembro-me bem do orgulho com que vestíamos aquela farda azul. Muitos, durante as férias escolares, usavam aquele uniforme para realizar passeios, freqüentar cinemas, ir a bailes, etc. Em nossas ruas e prédios éramos vistos com respeito e consideração pelos vizinhos, que nos julgavam jovens responsáveis e estudiosos.

Éramos disputados pelas garotas, tanto fardados quanto em trajes civis, pois, ao saberem que éramos militares, nos viam como 'bons partidos'. Muitos de nós, ainda calouros, vestiam suas fardas e faziam visitas aos cursinhos preparatórios, que haviam freqüentado antes de passar no concurso da EPCAR. Naquelas ocasiões, eles apareciam para aqueles estudantes civis dos cursinhos como verdadeiros semideuses. Alguns alunos até faziam palestras, sobre a EPCAR e sua rotina diária, nos referidos cursinhos.

O fato é que nós possuíamos um grande orgulho de pertencer às forças armadas e à Força Aérea Brasileira, em especial, e a prova disto

era que não perdíamos uma oportunidade de mencionar nossa condição de alunos ou de cadetes; bem como de vestir nossas fardas, sempre que possível. Hoje, reconheço que os tempos são outros e que os valores mudaram. Percebo que a criminalidade tomou conta de nossos bairros e de nossas ruas e que usar ostensivamente uma farda pode ser fatal para aquele que a usa. Farda, apenas nos quartéis. Como cidadãos brasileiros, a nós, só resta lamentar como fazia Cícero em seu discurso, de 08 de novembro do ano de 63 a.C., no Templo de Júpiter, em Roma: Ó Tempora, ó Mores! (Oh Tempos, Oh Costumes!).

6. O portão das lavadeiras

Em um dos cantos do Pátio da Bandeira, da Escola Preparatória de Cadetes do Ar – EPCAR existia, nos idos de 1960, um portão que dava para a Rua Santos Dumont. Do lado de fora deste portão, às quintas-feiras, logo após as dezesseis horas, começavam a se juntar as lavadeiras que, na ausência de uma lavanderia própria da escola, faziam, semanalmente, o serviço de lavar as roupas dos pré-cadetes. Os preços variavam um pouco: algumas cobravam CR\$ 350,00 (trezentos e cinquenta cruzeiros) e outras lavavam por até CR\$ 250,00, dependendo das suas necessidades financeiras e da quantidade de alunos que as procurassem. As roupas eram todas carimbadas com o nome e número do aluno, com uma tinta insolúvel em água.

As lavadeiras, em sua grande maioria, eram senhoras de idade, humildes, que ganhavam a vida com aquele trabalho. Todavia, uma delas era bem jovem, bonita e possuía um corpo esbelto e sensual.

Muitos alunos queriam lavar as roupas com ela, imaginando poder contar com mais alguns serviços extras ou alguns favores de caráter particular.

Ela tratava todos muito bem, mas nunca a vi demonstrar maior interesse por algum de seus clientes.

Por vezes, ocorria de algumas peças serem trocadas entre clientes de uma mesma lavadeira, mas esta era logo destrocada ao conferir-se a cópia do rol das roupas, que ficava em poder do cliente, com as peças de roupa devolvidas. Na mesma ocasião em que pegávamos as peças de roupas lavadas e passadas, entregávamos as peças sujas.

Acho que no ano de 1963 ficou pronta a lavanderia da escola e as lavadeiras foram todas despedidas, pois passou a ser obrigatório aos alunos lavarem as suas roupas na lavanderia da escola.

Com isso sobreveio uma crise e foi uma infelicidade geral para aquelas mulheres que se viram privadas da principal fonte de renda, muitas vezes a única renda familiar. Algumas delas foram reclamar junto ao comando da escola, mas a decisão era irrevogável e tiveram de conformar-se com o fato.

Aquele portão, feito de ripas de madeira com espaço entre elas, também era utilizado durante a noite, muitas vezes, para um namoro ocasional com garotas que por ali passavam; porém, o frio costumava ser tão intenso que aquelas conversas duravam pouco. Por aquele portão costumávamos sair marchando com destino ao centro da cidade, nos desfiles festivos, notadamente o de sete de setembro.

Embora fosse bem fácil pular o portão, por ele ser muito visível de qualquer lugar no grande Pátio da Bandeira, ninguém ousava tentar esta empreitada; sendo mais fácil e prático sair pelo muro dos eucaliptos, alguns metros mais acima.

Hoje, no local dos eucaliptos está situado o hospital da escola e o portão das lavadeiras já não mais existe, para tristeza daqueles ex-alunos da década de sessenta, que durante os tradicionais desfiles no Pátio da Bandeira, nas ocasiões festivas em que comemoram seus mais de cinquenta anos de passagem pela EPCAR, contemplam um simples muro no local onde antes havia aquele velho portão; portão que durante muito tempo fez parte da existência de tantas pessoas na cidade de Barbacena.

7. O show dos pré-Cadetes

Uma vez por ano era realizado um show no auditório da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena, para os pré-cadetes e seus familiares; sendo, ainda, convidados para assisti-lo os oficiais e os professores da mesma. O show era planejado e executado, tão somente, por alunos dos três anos; sendo que a direção era sempre dos alunos do terceiro ano. O auditório onde o show era realizado ficava ao lado do rancho.

Compunha-se o espetáculo, basicamente, de canto, música, teatro e alguns monólogos; tudo feito, do início ao fim, pelos próprios alunos, inclusive os cenários.

Naquela época um dos alunos gostava muito de cantar, notadamente músicas em inglês. Após haver saído da escola, veio a se tornar um famoso cantor brasileiro, líder nas paradas de sucesso a partir de meados da década de sessenta, ao lado de Roberto Carlos e da Jovem Guarda. Seu nome era Ronaldo Nogueira, conhecido artisticamente pelo nome de Ronnie Von.

Outro aluno, embora possuísse pendor para o teatro, tinha uma veia cômica sensacional. Era um humorista nato. Todos riam das menores coisas que ele fazia; já que, possuía um sorriso engraçado sempre presente em sua boca.

Em determinado ano ele resolveu mudar. Estava cansado de trabalhar como humorista naqueles shows. Queria agora desempenhar papéis dramáticos. Assim, escreveu um drama teatral no qual ele faria o papel principal, o de herói da trama. Tratava-se de um drama trágico (quase uma tragédia) e, ao ser levado ao palco durante o show daquele ano, infelizmente, para ele, ao invés de se constituir em um drama continuou sendo uma comédia. Explico-me melhor: nos momentos de maior emoção, quando lhe comunicavam que o pai havia sido preso e a mãe assassinada pelo vilão, ele sorria com aquele seu sorriso peculiar que tanto riso despertava nos espectadores. Nestes momentos mais dramáticos, a platéia vinha a baixo, de tanto rir. Na cena final, quando lhe comunicavam que a noiva havia se suicidado e que ele perdera toda a fortuna que possuía, de seus lábios aflorava o costumeiro sorriso engraçado, fazendo os presentes prorromperem em gargalhadas. Anos depois de ele haver terminado o curso da EPCAR,

alguns companheiros de turma disseram que o haviam visto durante um comício político pedindo votos para determinado candidato. Ao afirmar que o seu candidato era totalmente íntegro e honesto, seu sorriso engraçado fazia o povo todo acreditar no contrário.

Durante os shows anuais, muita crítica jocosa era feita, tanto aos oficiais quanto aos professores. Os pré-cadetes aproveitavam o momento em que seus familiares estavam presentes para fazer aquelas críticas, sabendo que na presença dos convidados os oficiais nada diriam. Ocorre que algumas destas críticas eram dirigidas não de modo geral, mas de uma maneira particular. Era possível, assim, identificar o professor ou o oficial alvo das críticas. Estes ficavam vermelhos e constrangidos, naquela oportunidade, sendo alvo das gargalhadas dos pré-cadetes presentes.

Em certa ocasião, após um destes shows, os pré-cadetes participantes da direção e da realização do mesmo, inexplicavelmente, receberam notas baixas em uma prova de determinado professor, que havia sido ridicularizado naquele show. Na mesma ocasião, aqueles mesmos alunos eram freqüentemente anotados por qualquer irregularidade que faziam, por determinado oficial de serviço que também havia sofrido gozações durante o show. Coincidências ou não, o fato é que nos próximos shows aquelas gozações e brincadeiras com oficiais e professores acabaram. Os alvos das gozações a partir de então, passaram a se constituir dos próprios parentes dos alunos, dos sargentos monitores e dos empregados civis que trabalhavam na escola; já que estes, comprovadamente, possuíam pouco ou nenhum poder de retaliação...

8. Os Bailes da EPCAR

Em algumas datas festivas eram realizados bailes nas instalações da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena. A primeira destas datas era logo no início do ano, o chamado Baile dos Calouros, ocasião em que a maior parte dos alunos novatos, que chegavam à EPCAR, não sabia dançar.

Os bailes eram bastante formais, com os militares fardados, os civis de passeio completo e as senhoras e senhoritas de vestidos longos. Os bailes contavam com a orquestra em que se transformava a Banda Marcial da escola, composta por soldados, cabos e sargentos, tocando músicas da moda.

O salão era totalmente decorado pelos alunos e era sempre servido, durante o baile, um bufê com comidas e bebidas. Tais bailes eram freqüentados por alunos e seus familiares, pelos professores, por oficiais, por autoridades locais e moradores da cidade de Barbacena.

Conforme já mencionado, a maior parte dos alunos que ingressava na EPCAR não sabia dançar. Muitos daqueles que estavam no segundo ano, dançavam pessimamente e alguns do terceiro ano de maneira sofrível.

Assim, visando proporcionar um treinamento em etiqueta social, adequado para os futuros oficiais da Força Aérea, alguém teve a idéia de montar uma escolinha de dança no Cassino dos Alunos, que ficava no Pátio da Paineira, contíguo ao Pátio da Bandeira.

Após o jantar e a revista das dezoito horas no alojamento, o cassino se enchia de alunos dos diversos anos, uns ensinando aos outros, ao som das músicas da época, todos os passos de dança que sabia.

Alguns dançavam muito bem e faziam inveja aqueles que os contemplavam. Os alunos dançavam entre si, exclusivamente com o intuito de aprender, para poder apresentar um bom desempenho quando da realização daqueles bailes na escola e de alguns outros que também se realizavam na cidade. Todavia, qualquer um desavisado que chegasse ao cassino durante a noite e encontrasse diversos jovens, do mesmo sexo, dançando juntos, acharia aquilo tudo muito estranho.

Foi o que ocorreu, certa ocasião, com um oficial de passagem pela escola. Ao entrar no cassino dos alunos e deparar o mesmo com as luzes meio apagadas (já que muitas lâmpadas estavam queimadas), ouvir a música tocando baixo, e vários pares de alunos dançando, ele, imediatamente, saiu do cassino e foi comunicar ao oficial de dia o que havia presenciado. Este, que já sabia do que se tratava, explicou ao visitante o motivo nobre daquele evento, notando, pela fisionomia do mesmo, que ele não havia acreditado na estória.

O fato é que os pré-cadetes da EPCAR, a partir de então, passaram a ser disputados pelas damas barbacenenses em todas as festas da cidade; posto que, dançavam tão bem que o faziam quase profissionalmente.

Muitos daqueles companheiros, de então, não seguiram a carreira militar. Os que seguiram, chegaram aos mais altos postos da hierarquia.

Há alguns anos atrás, uma pessoa de minhas relações, ao ver-me dançar em um baile beneficente, disse: - Você dança tão bem! Como e onde aprendeu a dançar?

Respondi-lhe, calmamente: - Em uma organização militar, com o coronel fulano!

9. Uma tarde e uma noite na velha Praça de Esportes da EPCAR

Aqueles que porventura passaram pela Escola Preparatória de Cadetes do Ar, nos idos de 1960, saberão bem do que estou falando. Digo isto porque, pouco tempo depois, a Praça de Esportes da escola mudou-se do seu tradicional local, ao lado da linha férrea e fora do perímetro da EPCAR, para lugar mais distante dentro dos limites da escola; local este melhor adaptado às atividades físicas e esportivas dos pré-cadetes.

A praça de esportes era chefiada, naqueles idos de 1960, pelo capitão Murilo (jovem, forte e louro de olhos azuis), que tinha certa predileção pelos esportes de equipe, com bola, tais como: Basquete, Voleibol e Futebol de Salão. Menciono este fato, porque aquele que o sucedeu pouco tempo depois, Capitão Bayard (também jovem, forte, alto, cabelos e olhos pretos), tinha predileção pelos esportes individuais, ligados à ginástica acrobática: cama elástica, barra fixa, barras paralelas, cavalo de pau, saltos acrobáticos, argolas, etc.

Desde os tempos do capitão Murilo, no entanto, o treinador de praticamente todas as equipes esportivas, notadamente aquelas que tratavam de esportes de cunho individual e acrobático, era um jovem chamado Delmo (altura normal, forte, cabelos e olhos castanhos escuros); embora diversos sargentos exercessem as funções de monitores (sargentos Emilio, Mataruna, Moisés, Chicão, César, etc.).

Na parte da tarde das terças e quintas-feiras, após a ginástica obrigatória, os alunos eram liberados para atividades esportivas na praça de esportes. Descíamos correndo a ladeira que conduzia ao Portão da Guarda e, ultrapassando-o, atravessávamos a linha férrea e seguíamos por uma pequena rua, que finalizava no portão da Praça de Esportes. Adentrando a mesma, cada um seguia para seu esporte preferido.

Na quadra de basquete estavam sempre presentes, dentre outros, os companheiros: Emanuel Bonfim Salvador (mais tarde técnico do Vasco da Gama e de outros times cariocas), Cambiaghi, Café, Ivan da Silva, Antiocho, Gil, Mandarino e Baroni. No futebol de campo e no de salão, dentre outros, destacavam-se: Ernesto, Ribeiro da Silva, Farinha, Levi, Salles Cunha, Walker, Sereni, José Américo,

Oranir e Migon. No Vôlei: Aporandi, Amaro, Duarte Pinto, Matos, Secron, Toledo Pizza, Rostey, José Miguel, Veríssimo, Roney, Péricles, Sarmiento, Ivan Esteves, Café e Oldir. Na cama elástica, os principais colegas eram: Elia, Jomari, Marco Antônio, Walker, Umehara. Nas barras fixas: Ivan, Jobber, Arakem, Benvenuto. No lançamento de disco: Miranda, Vaz e Mattos lançavam aquela pesada bola de ferro a vários metros de distância, com extrema facilidade. No dardo, o Gaúcho jogava o seu tão longe que parecia que iria sair dos limites da praça de esportes. Nas corridas: Anani, Rosa, Nagatani, Paoliello e Guerra se destacavam, dentre inúmeros outros. E por aí segue...

Aquela praça parecia uma arena romana onde os atletas competiam e, por vezes, se digladiavam em busca das melhores colocações quando da realização do Troféu Lima Mendes (competição esportiva disputada entre as três esquadilhas que compunham o Corpo de Alunos).

Muitas vezes, encontrávamos o Sena Pereira tentando superar seu recorde de abdominais, que era de insuperáveis mil e trezentas. Flexão de braço no solo também tinha recorde, creio que de mais de quarenta, do aluno Trindade; bem como de canguru, que era de mais de cem, do pré-cadete Walker.

Lembro-me bem do dia em que o Alcântara, de cabeça para baixo, na barra fixa, caiu ao solo, quebrando dois dentes da arcada superior. Alguns daqueles praticantes, por vezes, acabavam se machucando, tal era a empolgação com que praticavam seus esportes preferidos.

Nos treinos de Ataque e Defesa, os sargentos Moises e Chicão, monitores, ensinavam ao Madsem, Umehara, Jobber, Militão e Pará, as técnicas de imobilização, defesa de facas, estrangulamentos, etc. No tênis destacava-se o Simonelli.

Na piscina, diversos companheiros praticavam e aprendiam as melhores técnicas dos nados de crawl, peito, borboleta e costas: Homero Souto, Perez, Zambom e outros tantos de cujo nome não me recordo.

O Delmo, instrutor dos alunos, percorria todas as equipes dando instruções e conselhos sobre como fazer para melhorar o desempenho de cada um naquele esporte específico.

Às tardes, naquele cenário olímpico, eram tão agradáveis que desconheço algum aluno que não as freqüentasse na ocasião.

Por volta das dezessete horas todos retornavam para o banho de chuveiro nos alojamentos, torcendo para que ainda houvesse água quente; já que, a mesma descia pelos canos por exatos quinze minutos. Quem não conseguisse alcançá-la a tempo teria de se conformar com a água fria, que vinha logo em seguida a uma temperatura próxima de zero grau.

A praça também era freqüentada, pelos alunos, nos dias de sábado, domingo e feriado, quando se podia passar o dia inteiro tomando banho de piscina, pegando sol e fazendo algum esporte.

A mesma praça era, ainda, freqüentada durante as noites de sábado e domingo, mas por outras razões. Naqueles idos, o progresso das relações afetivo-sexuais dos jovens caminhava a passos de tartaruga (quando esta, de barriga cheia, procura um lugar para dormir) e não a passos de guepardo (quando este, esfomeado, persegue a sua caça), como hoje em dia. Naqueles idos, não haviam motéis medianamente afastados que pudessem ser freqüentados, a pé, por aqueles que não dispunham de automóvel. Assim, todo aluno que arranjava alguma namorada mais compreensiva, a conduzia para o interior da praça de esportes, local praticamente sem iluminação e totalmente deserto, a não ser pela presença de um soldado de sentinela que, quase sempre, não se encontrava em seu posto durante o período de guarda.

Muitos amantes contemplaram às noites estreladas, daquela bela cidade, deitados na grama úmida de orvalho das pistas de atletismo, sonhando (eles, certamente, com medalhas e elas, talvez, com casamentos).

Lembro-me da ocasião em que um pré-cadete, perdendo-se com a namorada em um pequeno bosque, que havia atrás de um pórtico e próximo de um riozinho (rio este que cortava parte da referida praça), penetrou, distraidamente, no quintal da casa de um sargento da escola. Tendo o cachorro latido e avançado para eles, o sargento, armado, veio ver o que ocorria; surpreendendo o aluno e a sua namorada, acuados pelo animal em um canto. Reconhecendo o aluno, o sargento, depois de passar-lhe uma descompostura (pois imaginara ser um ladrão), pediu a eles que se retirassem.

Imagino quantas juras de amor eterno foram ali proferidas naquelas ocasiões, ditas por lábios ávidos de desejo e ouvidas por orelhas deslumbradas. Quantos beijos arrebatados foram trocados naqueles cantos escuros, onde, muitas vezes, um parceiro apenas

tateava o outro; já que, a escuridão intensa não permitia que se vissem mutuamente.

Quantos alunos pegaram no sono deitados na relva e só acordaram pela alta madrugada, tendo passado o horário da entrada na escola. Quantos levaram falta no pernoite e tiveram o próximo licenciamento sustado, em razão de terem dormido nos gramados da praça.

Em que pesem aquelas atribulações, estou convencido que tudo aquilo valeu a pena na vida de cada um de nós. Quantos nunca havíamos tido namorada? Quantos tiveram suas primeiras experiências sexuais através daquelas jovens mulheres que nos procuravam, muitas vezes, também, em busca de experiências sexuais próprias?

Com a construção de uma nova praça de esportes no interior da escola e a transformação da antiga praça em vila residencial de militares, creio que as turmas que se seguiram perderam muito de tudo aquilo que a velha Praça de Esportes podia proporcionar aos seus queridos pré-cadetes; tendo as novas gerações, ficado apenas com as delícias do esporte que a nova praça lhes oferecia.

Estou certo de que estas recordações farão parte, ainda hoje, da memória de todos aqueles que, naqueles idos de 1960, tiveram a oportunidade de desfrutar de todas as oportunidades de ser feliz, que a velha e estimada Praça de Esportes nos brindava.

10. Os vôos rasantes sobre a cidade de Barbacena

Em algumas ocasiões festivas (Aniversário da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, Sete de Setembro, Dia do Aviador, etc.), diversas aeronaves, vindas do Rio de Janeiro, sobrevoavam a escola a baixa altura, em verdadeiros vôos rasantes que empolgavam os militares da escola e os civis da cidade de Barbacena.

Estas consistiam nas aeronaves NA T-6, Gloster Meteor F-8 e Lockheed F-80 Shooting Star.

Naquelas ocasiões, os alunos da escola sentiam-se os próprios pilotos daqueles aviões, vibrando com as rasantes que quase tocavam as árvores da antiga Praça de Esportes. Os pilotos daquelas aeronaves, muitos deles ex-alunos da EPCAR, davam tudo de si para impressionar a multidão de observadores, civis e militares, que os saudava com acenos e aplausos.

Terminada a demonstração, os pilotos daquelas aeronaves, muitas vezes, pousavam no aeroporto da cidade e vinham até a escola para uma rápida confraternização com oficiais e pré-cadetes.

Em seus macacões de vôo azuis, eram admirados como deuses por aqueles jovens que também aspiravam à carreira de aviadores. Muitos daqueles que admiravam os recém chegados, conseguiram seguir seus passos na aviação de caça e foram tão ou mais audazes do que eles.

Lembro-me de uma daquelas ocasiões em que aeronaves NA T-6 davam rasantes sobre a cidade. Um dos aviões passou tão baixo que sua asa cortou o galho de uma árvore existente na antiga Praça de Esportes. Na ocasião pensei que a aeronave iria cair, mas ela pareceu nem sentir o impacto.

A Esquadrilha da Fumaça também fazia suas aparições nos céus de Barbacena, em algumas ocasiões. Suas manobras impressionavam pela perfeição e pelo arrojo. Vários companheiros que em uma daquelas ocasiões observavam, da EPCAR, as manobras realizadas pela esquadrilha nos céus barbacenenses, posteriormente, dela vieram a fazer parte, como o Roberto Sá, o Ribeiro Junior e o Soares Filho (estes dois últimos chegaram a ser o seu comandante). Infelizmente, um deles faleceu prematuramente, quando em vôo de grupo naquela

esquadrilha. Tratava-se do pré-cadete Roberto Fructuoso Dantas de Sá (Turma de 1961).

Outro que observava aquelas rasantes era o Carvalho (o aluno zero um da EPCAR, quando nela cheguei em 1960). Era um jovem lourinho e bem apessoado, inteligente e muito boa pessoa. Possuía um grande carisma, não só na sua turma de 1959, como também na turma de 1960 (naquela ocasião a EPCAR possuía apenas duas esquadrilhas, a terceira e a segunda, pois a primeira estava instalada na Escola de Aeronáutica, no Rio de Janeiro). O Carvalho, após haver se formado como oficial aviador veio a falecer em um acidente aéreo pilotando uma aeronave de caça. O Roberto Sá, que era da turma de 1961, sentava-se a mesma mesa que eu no rancho e tratava-se de um bom rapaz, tranqüilo e modesto. Consistia em um grande amigo e excelente companheiro de todos os demais integrantes da mesa: Barone, Mello, Viana, Toscano, Ponte (falecido posteriormente em missão sobre o Oceano Atlântico, em uma aeronave Lockheed P-15 Netuno, desaparecida no mar), Pirajá e Migon.

Muitos daqueles jovens companheiros, alegres e brincalhões, dariam, futuramente, as suas vidas em prol do desenvolvimento da Força Aérea Brasileira e da integração nacional de nosso país. Vitimados em acidentes aeronáuticos ocorridos nos mais variados rincões do território nacional, deixaram lacunas jamais preenchidas, em suas turmas e em suas famílias.

11. Os vôos por instrumentos

Durante o ano letivo, nós, os pré-cadetes, tínhamos licenciamento para ir à casa apenas de 45 em 45 dias. Podíamos, no entanto, ir à cidade de Barbacena aos sábados e domingos. Para mim, confesso, era mais do que suficiente como forma de espairecer e de matar as saudades de uma boa refeição e de alguns goles de cerveja.

Entretanto, alguns companheiros tinham maiores necessidades de liberdade. Estes alunos valiam-se dos seus conhecimentos do perímetro interno da escola, bem como dos locais mais vulneráveis às suas saídas estratégicas, para escapulir durante a noite e retornar pela madrugada. Alguns tinham namoradas ou amantes, residentes na cidade e, como o amor fala mais alto, arriscavam-se a serem punidos em troca de algumas horas nos braços da amada; outros, simplesmente, ficavam bebendo e comendo em algum lugar sossegado.

Estas saídas clandestinas eram denominadas VI; isto é, vôos por instrumentos ou vôos noturnos.

Existiam alguns pontos por onde eles escapuliam; o Buraco da Onça (passagem por baixo da via férrea logo depois da Casa de Rádio), a Pocilga (local onde eram criados alguns porcos e que tinha uma saída para alguns terrenos baldios. Hoje naquele local está situado o auditório e o cinema da escola), a Casa do Camôfo (local atrás do prédio do almoxarifado, no qual, pulando-se um pequeno muro, caía-se em uma casa onde o morador não se incomodava que pré-cadetes usassem aquele caminho para fugir da escola (naquele local hoje estão situados os apartamentos da Primeira Esquadilha) e os Eucaliptos (local alto que dominava o Pátio da Bandeira e onde havia vários pés de eucalipto e um muro baixo, que dava para a Rua Vasco da Gama, por onde os alunos pulavam. Hoje ali está localizado o hospital da escola).

Em que pesasse ser aquilo uma transgressão disciplinar, eu via aquelas fugas de outra maneira. Nosso país havia participado da Segunda Guerra Mundial, com um Grupo de Aviação de Caça combatendo nos céus da Itália. Muitos daqueles aviadores foram abatidos em combate e, feitos prisioneiros ou não, tiveram de fugir para as linhas aliadas. As técnicas de evasão, que eles haviam

utilizado naquelas ocasiões, foram responsáveis por suas sobrevivências na guerra de que então participavam. Ora, aqueles futuros aviadores da EPCAR estavam treinando evasão para quando fossem feitos prisioneiros, em combates que ainda viriam a ocorrer em futuro distante. Porque em tempos de guerra podemos e devemos nos evadir e em tempos de paz é proibido e punível este procedimento? - pensava eu na ocasião.

Por eu não ver maiores problemas com respeito aquelas saídas furtivas, quase sempre, emprestava meu casaco de couro preto e minha calça preta, para que qualquer companheiro que desejasse partir para um vôo por instrumentos pudesse camuflar-se nas sombras das noites barbacenenses. Eu mesmo, algumas vezes, saía apenas pelo prazer de caminhar sozinho durante a noite. Outras vezes, assim fazia em busca de companhia feminina que gostasse de aquecer-se do frio intenso das noites barbacenenses, em um vão de porta ou em um banco de praça.

12. Os talheres da residência oficial

Naquele domingo de sol, o ônibus vindo da cidade do Rio de Janeiro estacionou no pátio da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena. Dele desceram cerca de quarenta jovens moças, com idades variando entre quinze e vinte anos e que, em excursão, estavam visitando naquele fim de semana a nossa organização militar; oficialmente em busca de novos conhecimentos sócio-culturais, mas, extra-oficialmente, em busca de namorados.

Após um passeio pelas instalações da escola, conduzidas pelos alunos de serviço, alguém sugeriu que visitassem a casa do Comandante, vazia na ocasião por este encontrar-se no Rio de Janeiro, a serviço. Assim, o ônibus com as jovens para lá se deslocou, levando junto com as mesmas alguns membros da equipe de serviço. A casa, antigo patrimônio da escola, constituía-se em uma das mais belas da cidade naquela ocasião, sendo totalmente decorada com objetos da última moda. As jovens permaneceram por cerca de meia hora visitando a residência, acompanhadas pelos alunos de serviço, dentre os quais eu me encontrava. A seguir, despediram-se deixando seus endereços e telefones, e foram para um restaurante da cidade almoçar. Logo depois, embarcaram de volta para a capital, certamente, sonhando com aqueles rapazes que haviam conhecido.

Na terça-feira, após a volta do Comandante, toda a equipe de serviço foi reunida no Pátio da Bandeira, onde este fez, mais ou menos, a seguinte comunicação: - "Considerando que na minha ausência da escola a serviço, sem o meu conhecimento e autorização foi facultado, pela equipe dos alunos de serviço, que pessoas estranhas à organização militar entrassem em minha residência oficial, de onde retiraram, sem consentimento, inúmeras facas, garfos e colheres existentes no faqueiro oficial, todas aquelas peças gravadas com o emblema da Força Aérea, informo aos senhores que farei descontar no soldo de todos vocês, o valor correspondente à aquisição de novas peças, idênticas às que foram subtraídas".

O que nenhum de nós sabia é que cada uma das jovens participantes da excursão, querendo levar recordações daquele passeio, achou que pegando como lembrança alguns talheres que continham o símbolo da escola, ninguém notaria. Entretanto, como todas tiveram a mesma idéia, elas acabaram por levar quase todo o

faqueiro da casa do comandante, faqueiro este que foi pago, por todos nós, durante alguns meses, mediante descontos sucessivos.

Logo após o término da reunião com o comandante, alguns dos companheiros, que como eu faziam parte da equipe de serviço naquele domingo, comentaram: - Poxa, vamos pagar a conta e não demos nem um 'amasso' naquelas meninas!

13. O lado erótico da vida militar

Aqueles jovens que buscam a vida militar, notadamente de maneira voluntária, quase sempre estão motivados, principalmente, por algum dos seguintes objetivos: servir a pátria, vontade de voar (no caso da aviação), gosto por vivenciar fortes emoções, o desejo de obter um bom emprego e a busca por status social. Entretanto, nenhum destes objetivos mencionados era o daquele jovem aluno que, como meu companheiro de turma, estudara com afinco, durante vários anos, para, finalmente, ser admitido como aluno da EPCAR, na mesma turma em que eu tive também a felicidade de ser incluído. Seu único objetivo era o de sair do local isolado e miserável em que vivia e partir para conhecer o mundo e o sexo oposto (com o qual nunca havia tido nenhum contato mais íntimo); realizando alguns sonhos infantis que a sua imaginação vivia criando a todos os momentos.

Natural de um distante município rural, localizado em determinado Estado nordestino, ele fora criado desde tenra idade por seus avós maternos (pequenos e pobres agricultores, que possuíam, como únicos bens, algumas poucas cabeças de gado), sempre longe dos demais familiares e, além disto, afastado ainda de eventuais vizinhos ou de companheiros da mesma idade que pudessem envolvê-lo, vez por outra, em suas brincadeiras e em suas confidências juvenis.

Por outro lado, vivendo isolado e não tendo com quem dividir suas emoções e a quem indagar sobre as dúvidas e questionamentos normais da idade, sua imaginação desenvolveu-se de forma acentuada. Vivia, como se costuma dizer, sonhando acordado.

A razão de eu saber tanto a respeito dele é porque, sendo nossas classificações no concurso de admissão à EPCAR muito próximas, estávamos sempre juntos, seja na sala de aulas, seja nas instruções militares ou no alojamento. Com isto, conversávamos com certa assiduidade e fiquei sabendo de inúmeros pormenores da sua infância e adolescência.

Aquela natureza agreste e isolada, onde vivera durante tanto tempo, havia, como já foi dito anteriormente, feito desenvolver nele uma acendrada imaginação; imaginação esta que, alimentando-se dos hormônios naturais da juventude, mantinha-o em um anormal estado de excitação durante a maior parte das horas do dia e da noite.

Nas aulas de instrução militar, bastava o instrutor falar em luta corpo a corpo, para a imaginação dele, vagando rapidamente pelos ares, o conduzir para um cenário de guerra onde, lutando contra belas mulheres integrantes do exército inimigo, ele as apertava nos braços tentando imobilizá-las e submetê-las. Quando o instrutor dizia que devíamos, através de um golpe de mão, romper as defesas inimigas e conquistar o seu ponto forte, ele se imaginava rasgando as blusas das Amazonas, rompendo os seus uniformes e, finalmente, deixando-as inteiramente nuas, com os pontos fortes a mostra e submetidos aos seus caprichos de guerreiro vencedor.

Em certa ocasião lembro-me de lhe haver perguntado que tipo de piloto militar tencionava ser. Ele, pensando um pouco, respondeu: - Quero ser piloto de bombardeiro!

Em seguida, após eu haver questionado qual a razão daquela escolha, ele respondeu com as faces vermelhas: - E porque o Piloto de Bombardeiro faz penetrações profundas na retaguarda do inimigo...

14. O grande Ás da Aviação

Todo calouro da EPCAR, algum tempo depois de receber a farda, unia-se a alguns outros companheiros e, em um domingo de sol, vestia o uniforme de passeio, rachava as despesas do taxi e rumava, com os demais colegas, para o aeroporto da cidade de Barbacena, localizado a certa distancia da escola.

A EPCAR possuía, naquela ocasião, duas aeronaves de instrução NA T-6, monomotores, que ficavam estacionados, com as cabines destrancadas no pátio do pequeno aeroporto.

Munidos de máquinas fotográficas os calouros tiravam dezenas de fotos, uns dos outros, nas poses mais vibrantes, como se tratassem de experientes aviadores retornando de uma missão de guerra.

Aquelas fotos, depois de reveladas, destacariam os verdadeiros Ases da Aviação que se escondiam dentro daqueles jovens corações. Sem jamais haver voado ou, sequer, entrado no interior de uma aeronave militar, aqueles jovens apresentavam poses de pilotos veteranos. Uma única pose, entretanto, nenhum deles ousava fazer: segurar no hélice da aeronave. Diziam, relatando casos e tradições do passado, que todos aqueles militares que tiravam fotos segurando em hélices de avião, morriam posteriormente em desastres aéreos.

Aquelas fotos, das quais faziam inúmeras cópias, iriam para os pais, primas e namoradas. Algumas fotos, resistindo à ação do tempo, permaneceriam com eles até a velhice, para que, mais tarde, pudessem verter lágrimas de saudade por eles mesmos e pelos eventuais companheiros já desaparecidos, que nelas também aparecessem.

Em um destes domingos um amigo meu, tendo ido ao aeroporto, deparou-se ali com um tenente aviador que servia na escola, preparando-se para decolar em um daqueles NA T-6 e realizar um breve vôo local.

Ele, ao ficar em volta do avião fazendo perguntas ao tenente, foi por este convidado para acompanhá-lo naquele vôo.

Aceitou imediatamente e sentou no banco de trás da cabine. O tenente deu a partida, fez os cheques internos regulamentares da aeronave e decolou.

O T-6 era um avião impressionante para qualquer um, mesmo para quem já o pilotava há muito tempo. Seu forte motor puxava a aeronave para todos os lados com velocidade e potência, exibindo um ronco poderoso, que era ouvido de longe pelas pessoas no solo.

Empolgado com o dia maravilhoso que fazia e com a presença de um espectador neófito no banco de trás, o tenente resolveu fazer todas as manobras que aprendera na Escola de Aeronáutica como cadete: parafuso, estol, tonneau, curvas de grande inclinação, loopings, vôo de dorso, etc.

Cada vez mais empolgado, o tenente dava rasantes, virava de dorso, fazia os diabos.

Finalmente, tendo resolvido pousar, após taxiar o avião até o estacionamento, abriu a capota e preparou-se para sair do mesmo. Olhando para o banco de trás deparou-se, surpreso, com o aluno todo vomitado e desmaiado.

Com a ajuda de alguns militares, despertou-o e retirou-o de dentro da cabine da aeronave.

Meu amigo seguiu dali até a escola no carro do tenente. Lá chegando, foi direto para a enfermaria. Na segunda-feira, logo pela manhã, dirigiu-se ao prédio do comando da escola para solicitar o seu desligamento por incompatibilidade com a carreira de aviador. Acho que nem mandou revelar as fotos do grande ás da aviação que almejava ser e que alguém havia tirado, com sua câmera, pouco antes daquele malfadado vôo...

15. O acampamento

Todos os anos a Escola Preparatória de Cadetes do Ar promovia um acampamento nos arredores da cidade de Barbacena, dentro da programação anual de formação militar dos pré-cadetes. Começava o mesmo com o preparo do equipamento que cada um devia levar: mochila com peças de roupa, cordas, estacas de queixo e lona para a barraca, fuzil, baioneta, cantil com água, etc. etc. etc. A saída do quartel era em formatura, andando todos pelas ruas da cidade até o Pontilhão da Estrada de Ferro, quando, então, seguíamos pela Rua Prefeito Simão Bias Fortes e, a seguir, pegávamos a Estrada de São João Del Rey para Barroso.

No caminho, passávamos por um asilo de loucos (atualmente Museu da Loucura e Hospital Regional de Barbacena). Era um prédio enorme e antigo, cheio de grades nas janelas, onde os loucos se aglomeravam para nos ver passar. Imagino que muitos deles, ao nos observar armados com fuzis, imaginavam que iríamos matá-los. Talvez por esta razão, gritavam como loucos das grades onde se encontravam pendurados.

Nós, por nossa vez, ao vermos aqueles loucos, torcíamos para não sermos reprovados nos exames psicológicos que tínhamos de fazer para podermos ser matriculados na Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. Em nossas mentes de alunos, imaginávamos que uma reprovação no exame psicológico poderia representar, ao invés de matrícula na Escola de Aeronáutica, talvez, um passo a mais para as nossas matrículas naquele asilo de loucos ou em algum outro asilo, mais próximo de nossas casas.

Chegando ao local do acampamento, após inúmeras bolhas nos pés, tínhamos, em primeiro lugar, de armar as barracas que dividíamos com outro companheiro. Logo a seguir, havia algum treinamento e, pouco depois, era servido o almoço.

Após um período de descanso, outras atividades vinham atrapalhar a continuação do nosso repouso. Eu, como pré-cadete do primeiro ano; isto é, calouro, não podia usar o argumento de que estava em missão para Sua Excelência, o comandante da escola, conforme usei em várias ocasiões sempre que algum veterano me requisitava para a aplicação de qualquer trote (coisa comum naquela

época). Assim, no acampamento, ocorreu-me dizer a qualquer um que me interpelasse para alguma missão, que estava procurando o aluno 01, pois tinha de entregar-lhe uma correspondência. Para tanto, peguei umas folhas de papel que havia trazido comigo e andava com elas nas mãos por todo lugar que ia. Como o aluno 01 era apenas um no meio de setecentos e cinqüenta alunos, dificilmente alguém saberia dizer onde ele estava. O artifício deu certo, pois ninguém me pediu que mostrasse a mensagem e me deixaram quieto até a hora do jantar.

Eu percebi logo após o jantar, quando já escurecia, que a barraca era um bom lugar para me esconder e dormir alguns minutos. Assim, enquanto meus companheiros tinham instruções de patrulha noturna, eu dormia tranquilamente dentro da barraca. Durante aquela noite caiu uma chuva monumental. Meu companheiro de barraca chegou encharcado da patrulha e eu, quentinho em meu canto, pedi a ele que fizesse silêncio, pois sonhava naquele exato momento com a namorada com quem saíra na semana anterior. Ele, não tendo nada a perder, derrubou a barraca e ficamos os dois deitados na chuva. O meu sonho se desvaneceu naquele momento e eu não tive alternativa que a de deslocar-me para debaixo da ambulância estacionada próxima e ali terminar meu sonho tão agradável.

Na manhã seguinte preparamos nossos petrechos para o retorno à escola. Novamente, passamos pela frente do malfadado asilo. Desta vez, nenhum louco veio nos saudar. Imagino que estivessem pensando que, se nós não os víssemos nas janelas, julgaríamos que o hospício estava vazio e iríamos embora sem molestá-los.

Pouco depois de cruzarmos pelo asilo chegamos à escola, ainda a tempo de almoçar. Nossos pés estavam tão cheios de bolhas que muitos não tiveram condições de andar até o rancho. Com isto, a comida sobrou e pude ficar várias horas sentado, ora em uma mesa ora em outra, apenas degustando bifés e ovos (bem raros naquela época, como agora; porém, sempre depois de algum acampamento, o responsável pelo rancho prodigalizava certa melhoria no almoço, para evitar alguma eventual tentativa de motim).

Retornando ao alojamento, como naquele dia não haveria mais nenhuma atividade, arrumei minha cama, vesti meu pijama e penetrei, novamente, no agradável mundo dos sonhos. Sonhei, inicialmente, com minha família, depois com minhas namoradas e, finalmente, com batalhas aéreas, onde eu, pilotando uma aeronave a jato, dava cabo de meia dúzia de inimigos e retornava vitorioso para a base. Ao pousar era saudado com vivas por todos os presentes, inclusive pelo

Presidente da República, que me condecorava e promovia logo a brigadeiro.

Com o toque da alvorada, na manhã seguinte, despertei daquele mundo de sonhos, onde resolvera me refugiar. Calcei o chinelo, apanhei a minha escova de dente, a pasta e segui rumo ao banheiro, objetivando fazer algo que havia me esquecido na véspera e que, pela pressão interna que sentia, já dava sinais de que não podia esperar mais nem um minuto.

16. Como se livrar da Entidade?

Ninguém saberia dizer como surgira àquela brincadeira entre os pré-cadetes da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena, naqueles idos de 1960. Consistia ela em emborcar um copo de vidro no centro de uma mesa e, colocando todas as letras do alfabeto à sua volta, efetuar perguntas ao copo, tendo os presentes, antes, colocado os seus dedos indicadores sobre o fundo deste. Normalmente, participavam quatro ou cinco pessoas daquela brincadeira.

O copo, deslocando-se pela mesa, parava em frente às letras formando, primeiro, algumas palavras e, depois, frases inteiras em resposta às perguntas que os presentes lhe faziam. Dizia-se, na ocasião, que um espírito entrava no copo e o movimentava.

Naquele dia, em uma sala de aulas vazia, nos reunimos (eu e mais quatro colegas), para iniciar uma dessas brincadeiras. Um deles era totalmente cético e incrédulo e nunca havia participado daquela atividade.

Quando a sessão iniciou e o copo começou a se mover ele, descrente, retirando o seu dedo de cima do mesmo, começou a dizer que aquilo era um embuste, uma mistificação, que não havia nenhum espírito, nem dentro nem fora do copo, e que os participantes é que moviam o copo com os dedos.

Repentinamente, foi tomado por uma convulsão súbita e, caindo ao chão, começou a falar de modo estranho, como se fosse uma pessoa muito mais velha do que ele, que na época tinha apenas 17 anos.

Todos nós ficamos apavorados e saímos correndo. Ele ficou no solo caído, em estertores e convulsões. Aos poucos, a notícia se espalhou pela escola e chamaram o oficial de dia.

Nosso amigo continuava no chão, a falar de modo estranho e a se contorcer, assumindo posições estranhíssimas.

Pouco depois, chegava o capelão da escola que, mesmo através de rezas e exorcismos, não conseguiu fazer com que ele voltasse a si. Lembraram-se, então, de um pai de santo que morava próximo à escola, a quem foram chamar correndo.

Este, chegando ao local em que estava o possuído, foi logo retirando de sua mochila um charuto e uma garrafa de cachaça.

Enchendo o copo por várias vezes, bebeu toda a garrafa. Falando, então, palavras estranhas e fazendo gestos cabalísticos conseguiu, finalmente, tirá-lo daquele transe.

Após aquele dia eu e meus amigos nunca mais brincamos com o copo daquela maneira.

Todavia, como aquele assunto repercutiu durante alguns dias entre os pré-cadetes (muitos deles amedrontados com relação às coisas do além), resolvi adquirir no comercio da cidade de Barbacena um rolo de linha de pesca e um pequeno rolamento de esferas, para uma nova experiência esotérica que pretendia realizar.

A experiência, que foi bem sucedida, consistia em amarrar a ponta da linha de pesca, praticamente invisível, no pequeno rolamento e levá-lo ao início do alojamento, pouco antes do toque de silêncio (quando todas as luzes se apagavam), deixá-lo em pé, no solo, e voltar ao final do alojamento soltando vagarosamente a linha de pesca, sem que os demais companheiros percebessem. Chegando ao final do alojamento, quando o toque de silêncio era iniciado e as luzes apagadas, eu, sentado em minha cama, dava vários puxões fortes na linha e o rolamento vinha deslizando por debaixo das camas, fazendo um barulho estranho que a todos amedrontava. Muitos companheiros, imaginando forças do além, levantavam-se correndo em direção ao banheiro. Da minha cama, eu recolhia rapidamente a linha e guardava-a junto com o pequeno rolamento, esperando outra ocasião propícia para espalhar o terror naquele ambiente.

17. Como o amor é lindo

O fato que passarei a narrar ocorreu com um velho companheiro meu, amigo de muito antes de entrarmos para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena. Morávamos na mesma cidade e havíamos estudado no mesmo colégio. Fizemos concurso para a escola preparatória e passamos juntos, ficando na mesma turma.

Aos sábados e domingos uma patrulha da escola, formada por um sargento comandante e por cinco ou seis alunos, além do motorista, percorria as ruas da cidade e os bairros da periferia, objetivando proteger os pré-cadetes de eventuais agressões e também proteger a população da cidade de eventuais deslizamentos (e até mesmo violências) por parte dos militares.

Os alunos, selecionados para compor a patrulha, deviam ser altos, fortes e estar classificados no comportamento excepcional, o nível mais elevado de todos.

Em um sábado extremamente frio do inverno barbacenense, meu amigo fora escalado para fazer parte da patrulha, por atender a todas aquelas exigências. Por volta das dez horas a mesma saiu dos portões da escola, instalada em uma antiga viatura militar semelhante a um micro-ônibus.

O veículo percorreu as principais ruas do centro, parando um pouco em alguns lugares para se fazer notar, tanto por pré-cadetes quanto pelas pessoas da cidade. Após as vinte e uma horas, o sargento resolveu percorrer as ruas da periferia.

Em Barbacena, naquela ocasião, tendo em vista o elevado número de pré-cadetes na escola (por volta de setecentos e cinquenta), proliferavam os prostíbulos nas ruas estreitas e sem calçamento da periferia.

A patrulha parava em frente a qualquer um e os militares desciam para uma ronda por suas instalações, para ver da presença de algum militar e se tudo estava em paz e em ordem.

Por volta das onze horas, a viatura parou em um deles situado em uma rua distante e todos desceram para a vistoria rotineira. Meu amigo confessou-me que, após haver entrado, avistou lá dentro a

moça mais linda que já vira. Morena, de olhos azuis, nariz e lábios finos, cabelos negros lisos e compridos, corpo escultural. Disse-me ele que havia sido amor a primeira vista. Ambos não conseguiam desviar os olhos um do outro.

Meu amigo aproximou-se dela, enquanto os demais componentes da patrulha faziam outras coisas, e entabulou conversaço. Pouco depois, ela o chamou para um dos quartos e ele a seguiu. Fechando a porta atrás de si, penetrou em um mundo de prazer e de luxúria nunca antes experimentado.

Rapidamente desfez-se do uniforme, do capacete, dos talabartes, do cassetete e da arma que portava, e mergulhou nos braços daquela deusa do amor.

Ficou pelo menos uma hora naquele quarto, com a sua amante. Quando saiu, procurou pelos demais componentes da patrulha e não encontrou mais ninguém. Correu para fora da casa, mas o veículo da patrulha já havia partido sem ele.

Ele não tinha a menor noção de onde estava e já devia ser por volta de meia-noite. Naquele tempo, a esta hora da noite as ruas estavam geladas e desertas e não circulavam nem taxis nem ônibus.

Meu amigo saiu andando pelas ruas, sem destino, fardado e de capacete. Ainda pensava em sua bela amada, pela qual, com certeza, pegaria uns dez dias de prisão por ter abandonado a patrulha.

Chegou à escola por volta das duas horas da madrugada, após haver se perdido e andado quilômetros de ruas de terra, esburacadas.

O oficial de dia mandou que ele se apresentasse no dia seguinte ao seu comandante de esquadrilha e preparou uma enorme parte, onde relatava todas as infrações ao regulamento disciplinar que ele havia cometido.

Durante toda aquela noite meu amigo sonhou com a amada e com as cenas de amor que vivenciara. Os plantões do alojamento relataram ao Aluno de Dia, após o toque da alvorada, que, naquela madrugada, partindo da cama dele ouviam-se gemidos e palavras ininteligíveis.

Chamado no mesmo dia a presença do Comandante da Esquadrilha para apresentar razões de defesa, relativamente ao seu ato, apenas declarou, suspirando e com os olhos perdidos no infinito: - Ha, capitão, como o amor é lindo!

Pegou quinze dias de prisão, passou para o mau comportamento e nunca mais tirou serviço de patrulha. Após cumprir a prisão, tentou descobrir onde ficava aquela casa, mas não conseguiu jamais localizá-la.

Certo dia, tomando coragem, procurou aquele sargento da patrulha para perguntar-lhe como chegar ao local onde estiveram naquela noite. O sargento ouviu sua pergunta em silêncio e, ao final, deu de ombros e foi-se embora sorrindo.

18. As viagens no Vera Cruz

Os pré-cadetes da EPCAR em suas viagens entre Barbacena e a cidade do Rio de Janeiro, dispunham, naqueles idos de 1960, de um confortável trem chamado Vera Cruz. Eram vagões de aço, com ar condicionado, vagão restaurante e carros leito. A viagem demorava bastante, pois saíamos do Rio por volta das 21 horas e chegávamos a cidade de Barbacena pouco antes do toque de alvorada na EPCAR, que era às 5,45 horas da manhã.

Nós vínhamos caminhando, desde a estação ferroviária da cidade até o Portão da Guarda da escola, através da linha férrea. Chegávamos a tempo de tomar o café da manhã no rancho e nos dirigíamos, logo, para as salas de aula, onde a maioria (que passara a noite toda acordada conversando e paquerando as mulheres dentro daquele trem) aproveitava para botar o sono em dia, sob os olhares complacentes dos professores.

O trem era padrão USA: absolutamente limpo, poltronas macias e confortáveis, temperatura agradável, restaurante com pratos gostosos, banheiros confortáveis, leitos largos com roupas de cama limpas.

Havia também outro trem mais barato, com vagões de madeira, bancos de madeira, com vagão restaurante modesto e sem carros leito. Os calouros, em sua viagem inicial para a EPCAR e procedentes todos do Rio de Janeiro, vinham neste trem. O tempo de duração da viagem no trem de madeira era um pouco maior do que a do Vera Cruz, porém o seu horário era diferente e ele chegava a Barbacena na parte da tarde.

O dia do retorno do licenciamento era praticamente um dia perdido, pois os alunos dormiam em todas as atividades programadas. A vida só voltava ao normal no dia seguinte, após uma noite de sono. A ida para o Rio nos licenciamentos, entretanto, era sempre feita em ônibus fretados da empresa de transportes UTIL e a volta era realizada no trem Vera Cruz.

Muitos iam ao local de embarque na plataforma especial do Vera Cruz, na Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, com os pais, irmãos e namoradas. Todos os militares estavam vestidos com a sua farda azul barateia, quepes, luvas pretas e maleta. Eram centenas de

pré-cadetes fardados na plataforma, despertando a curiosidade dos demais passageiros.

Quando o apito da partida soava, todos subiam rapidamente nos vagões de aço, sob os olhares lacrimosos de parentes e de namoradas. Muitos daqueles que embarcavam também deixavam cair algumas lágrimas, rapidamente enxugadas com as luvas pretas de couro.

Se houvessem garotas naquele trem, as namoradas eram totalmente esquecidas e endereços e telefones eram trocados, como quem troca figurinhas de álbum. Muitos namoros novos surgiram nestas viagens e, talvez, até alguns matrimônios (quem sabe?). Na viagem de volta, uns contavam para os outros tudo aquilo que haviam feito no licenciamento, as mulheres com as quais haviam saído naqueles dias, os lugares que tinham visitado e as brigas de que haviam participado. Como éramos muitos e todos tínhamos estórias para contar, o trajeto inteiro era ocupado com aqueles assuntos. Raríssimos eram os que liam algum livro ou que dormiam.

Hoje, quando visitamos a escola em datas comemorativas de 50, 55, 60 anos de nossa passagem por aquele local e observamos a velha estação e a linha férrea por onde caminhávamos naquelas frias manhãs, tão jovens e tão cheios de sonhos, furtivas lágrimas afloram em nossos velhos olhos, ao transitarmos por aqueles rincões tentando resgatar as nossas juventudes perdidas.

19. A carona do licenciamento

Nos idos de 1960 era costume, de grande parte dos pré-cadetes, nos dias de licenciamento ou nas férias escolares, apanhar carona em automóveis ou caminhões nas margens da estrada BR-3 (atual BR-040), que ligava Barbacena ao Rio de Janeiro e a Belo Horizonte. Os alunos, fardados, esperavam às margens da estrada que os motoristas que se dirigiam no sentido do Rio de Janeiro (ou de Belo Horizonte, se fosse o caso) parassem para lhes dar carona.

Naquele fim de semana, um de nossos companheiros colocou a sua farda e, após o toque de corneta liberando a saída, dirigiu-se para a rodovia, esperando ser logo contemplado com uma carona em automóvel grande, de preferência um daqueles norte-americanos com bancos largos e molas macias.

Como sua sorte estava boa naquele dia, logo um veículo Chevrolet Bel air, com a capota arriada, vindo da direção de Belo Horizonte, parou ao seu lado e um senhor idoso, alto e de cabelos brancos, ofereceu-lhe carona para o Rio de Janeiro. Ele aceitou contente, sentando-se no banco do carona.

Naquele dia, todavia, inúmeros outros alunos haviam feito o mesmo, pouco tempo depois dele; só que a única carona que conseguiram foi na carroceria de um caminhão de carga, vazio, que também seguia para o Rio de Janeiro. Embarcaram quase vinte alunos fardados, naquela carroceria, e seguiram felizes e satisfeitos, com destino à Cidade Maravilhosa.

O nosso amigo que estava mais a frente, no veículo de passeio, seguia feliz e sorridente conversando com o velho motorista, quando este lembrou que se esquecera de comprar o queijo mineiro solicitado pela esposa em determinada padaria existente na beira da rodovia, alguns quilômetros mais atrás. O velho senhor pensou, então, em retornar até a tal padaria; porém, a pista em sentido contrário estava congestionada em razão de um pequeno acidente, e ele resolveu fazer o retorno com o seu automóvel entrando pelo terreno de um hotel, com cara de antigo prostíbulo, localizado às margens da estrada.

O hotel, que tinha um grande cartaz com o nome na fachada, possuía um muro baixo, o portão de entrada ficava do lado direito e o de saída do lado esquerdo. O motorista entrou no terreno do hotel e fez a curva lá dentro, preparando-se para sair pelo portão da esquerda

e pegar a pista no sentido contrário, isto é, de Barbacena, quando teve de parar para esperar um caminhão que passava.

Na carroceria daquele caminhão vinham os vinte pré-cadetes, colegas do personagem deste episódio, que seguiam para o Rio de Janeiro. Imediatamente eles reconheceram o carona fardado daquele belo automóvel de capota arriada, saindo de um hotel nas margens da estrada, acompanhado com um motorista mais velho, com cara de efeminado (segundo a opinião posterior divulgada na escola por quantos estavam naquela carroceria).

Os companheiros, na parte de trás do caminhão, se limitaram a sorrir para ele, que, na mesma hora, percebeu o motivo daqueles sorrisos e a imagem que passava pela cabeça de seus colegas: ele, saindo de carro de um hotel de má aparência, acompanhado de uma pessoa mais velha.

**Na volta do licenciamento, notou que os companheiros o olhavam de soslaio, com um leve sorriso nos lábios. Teve até a impressão de haver ouvido alguém, por detrás de uma porta, dizer em altos brados:
- Aquele cara nunca me enganou!**

20. A chegada dos Correios

Todos os dias, na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena, após o almoço e antes da formatura para o expediente da tarde, chegavam correspondências trazidas pelos correios; correspondências estas que, após serem separadas de acordo com as respectivas turmas ou esquadrilhas, eram distribuídas nos alojamentos pelo auxiliar do aluno de dia.

Aquele era um momento de tensão para todos, pois ninguém sabia, com certeza, se receberia ou não alguma carta.

Muitos dos alunos possuíam várias namoradas, em diversos locais distintos. Estes tinham uma probabilidade próxima de 1 de receberem, pelo menos, uma carta todos os dias; isto é, era um evento quase certo.

Alguns, com maior círculo de amizades e família mais numerosa, recebiam diversas cartas por dia. Tinha garota que escrevia para o seu namorado todos os dias, de modo a que fosse, sempre, por este lembrada. Como não havia tanto assunto entre um dia e o outro, as cartas, por vezes, se amontoavam fechadas na prateleira do armário do namorado.

Outros alunos jamais recebiam cartas, seja lá por que motivo fosse. Estes, embora nem chegassem perto, na hora da distribuição das mesmas, deixavam transparecer, quase sempre, um sentimento de mágoa e de inveja.

Por vezes, alguém terminava a leitura de uma carta chorando. Outros davam pulos de alegria, seja lá porque motivo fosse.

Aquelas cartas representavam o vínculo entre os alunos e seus entes queridos, em uma época de poucos telefones e de licenciamentos para suas casas, apenas, de 45 em 45 dias (isto, para aqueles que não estavam presos ou detidos).

A maioria, entretanto, escrevia cartas uma vez por semana e recebia respostas também com esta mesma periodicidade. As cartas, quase sempre, eram enviadas em papéis e envelopes com o símbolo da EPCAR (uma águia segurando um espadim e o lema Non Multa Sed Multum).

Muitas garotas colocavam perfumes nos papéis de carta, algumas passavam batom e beijavam o papel, deixando a forma de seus lábios marcada no papel da carta.

Às vezes, as notícias de uma carta nos davam ânimo para as tarefas da tarde; outras vezes, nos deixavam totalmente desanimados a semana inteira.

Através daquela correspondência diária tomávamos conhecimento dos avanços e retrocessos da vida familiar: da promoção ou da demissão do pai, das doenças na família, das aprovações ou reprovações dos irmãos, dos acontecimentos nacionais, regionais, estaduais e municipais. Digo isto, porque não líamos jornais, não assistíamos à televisão (que quase não existia) e, com relação aos rádios, apenas ouvíamos músicas. Quaisquer que fossem os fatos políticos ou sociais de grandes proporções, só tomávamos ciência deles, na maioria das vezes, através das cartas que recebíamos.

Éramos, com toda certeza, totalmente despolitizados com respeito aos acontecimentos do presente. Nossa visão do mundo era a que trazíamos de casa e todos tínhamos uma formação, até certo ponto, homogênea. Nossos valores eram os mesmos e nossa moral igual (os eventuais desajustes ou desvios de conduta, eram casos excepcionais).

Voltando as cartas, alguns companheiros, por vezes, enviavam correspondências fictícias, para um irmão ou irmã, pedindo que este colocasse aquela carta em um novo envelope e a remetesse para algum pré-cadete da EPCAR, como se fosse a própria namorada daquele determinado aluno, cujo nome, número e endereço seguiam juntos com a carta fictícia. A carta, quase sempre, era para terminar com o namoro entre eles. Se o pré-cadete que a recebia não prestasse atenção na letra e não notasse alguma diferença no modo de escrever, muitas vezes, ficava desesperado com o término do namoro. A farsa só era percebida com a chegada de uma nova carta da verdadeira namorada, demonstrando que estava tudo normal entre eles.

A correspondência era, assim, o elo que nos unia aos parentes e amigos, em uma época em que não existiam os telefones celulares e a comunicação, via telefone, tinha que ser feita na própria companhia telefônica, levando cerca de uma ou duas horas de espera para ser completada.

Por vezes, dentro dos envelopes, chegavam algumas notas de dinheiro, disfarçadas no meio de algumas folhas de carta. Aqueles

bilhetes que chegavam, permitiam fechar o balanço mensal na vida de um pré-cadete, onde os débitos eram sempre maiores do que os créditos.

Pelos correios participávamos das correntes para a compra de sapatos Samello e blusas de Banlon. Muitos pré-cadetes da EPCAR, na atualidade, nem suspeitam que sapatos, e blusas podiam ser adquiridos, há muitos anos atrás, sob a forma de pirâmide (quando aquele que pretende comprar tem que, antes, vender o produto para outros, até chegar a sua vez de receber), pela via postal.

Aquele passado distante nos evoca, assim, boas recordações de uma época em que nós, ainda jovens, acreditávamos nos valores, nas pessoas e nas instituições.

21. A Pizzaria do Gino

A Pizzaria do Gino, nos idos de 1960, estava localizada na Rua 15 de Novembro, em Barbacena. O Gino, seu proprietário, era um italiano nascido na província de Bari, na Itália. Logo após a Segunda Guerra Mundial, exercendo a atividade de policial, conheceu uma brasileira, de Barbacena, que passava as férias em Roma, na casa da avó.

Após um curto namoro ele veio ao Brasil e casou-se com aquela jovem. Tendo vindo residir em Barbacena, cidade natal da esposa, resolveu montar uma pizzaria, até então inexistente naquela cidade. A pizzaria fez sucesso, notadamente entre os pré-cadetes da Escola Preparatória de Cadetes do AR que, nos sábados e domingos, afluíam a sua loja para uma refeição noturna, antes ou depois do cinema. As pizzas do Gino eram deliciosas, pois a receita que trouxera da Itália era famosa naquele país.

O Gino identificava-se muito com os alunos da EPCAR, porque, da mesma forma que eles, ele também se achava longe de seus parentes e familiares.

Em inúmeras situações ele fornecia pizzas a crédito para os alunos, a pagar no soldo do mês seguinte.

Em sua pizzaria havia diversas frases, escritas por ele mesmo em italiano e pregadas nas paredes. Lembro-me de duas: L'acqua fa male, il vino fà cantare!; Chi beve birra ha sempre vent'anni!

Infelizmente, em um conflito ocorrido em 1963, entre pré-cadetes e alunos da Escola Agrotécnica existente na cidade, sua pizzaria foi praticamente destruída, pois a briga, começando na rua encaminhou-se para dentro da pizzaria, onde alguns pré-cadetes haviam se refugiado.

Aquele fato, entretanto, não prejudicou suas atividades, pois, na atualidade, é um empresário de sucesso na cidade, possuindo uma nova pizzaria em outra rua e diversos negócios no município.

A nova Pizzaria é ponto de encontro das diversas turmas de ex-alunos, em suas comemorações de 40, 45, 50, 55 e 60 anos de passagem pela EPCAR, realizadas anualmente na cidade de Barbacena.

O Gino, já idoso, atende a todos com elegância e distinção, conhecendo muitos daqueles ex-alunos pelos próprios nomes e

sentando-se nas mesas destes para um brinde aos velhos tempos e para rememorar episódios já quase esquecidos pela ação dos anos.

As pizzas agora possuem nomes diversos (na época eram apenas as de mussarela, calabresa e de presunto) e contém outros ingredientes. O Gino, porém, continua o mesmo e, como o bom vinho italiano, só faz melhorar com a passagem dos anos...

22. A revolta dos estômagos

A comida da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, nos idos de 1960 era de um nível bastante razoável. Durante todos os dias da semana tínhamos no café da manhã, um mingau (de aveia ou de sagu), uma fruta, pão com manteiga e café com leite. No almoço e no jantar, arroz, feijão, carne e macarrão. Sempre uma sobremesa (goiabada com queijo, pudim, etc.). Para beber, água e refresco de alguma coisa. Eventualmente um ovo e leite.

A partir de determinada ocasião, entretanto, a qualidade da mesma começou a baixar; de tal ordem que até os nordestinos, tradicionalmente satisfeitos com a qualidade de qualquer que fosse a comida, passaram a fazer coro com os cariocas, paulistas, gaúchos e mineiros. O leitor pensará que me esqueci de mencionar os nortistas, mas não foi esquecimento meu. É que os nortistas pensavam e agiam da mesma maneira que os nordestinos e, por serem em menor número, eram englobados na mesma categoria e chamados por nós de nordestinos também.

Não sei qual a razão determinante daquela redução na qualidade da comida, mas o fato é que aquilo gerou um sentimento de revolta em todos, inclusive nos veteranos que sempre se serviam primeiro. A partir de então, com aquela qualidade tão ruim, os calouros podiam até se servir primeiro que nenhum veterano reclamava.

Possuíamos, além do café da manhã, do almoço e do jantar, uma ceia, realizada à noite e antes do toque do silêncio.

Em determinado dia, como represália pela qualidade da comida e para mandar um recado, às autoridades da escola, que os alunos estavam insatisfeitos, todos combinaram de ir à ceia, encherem suas canecas com chá mate ou com chocolate quente, apanharem seus pãezinhos e colocarem os mesmos dentro do líquido das canecas, deixando-as sobre as mesas do rancho intocadas e se retirar em seguida.

Aquilo causou uma comoção na escola, pois nunca havia ocorrido algo parecido. Considerando a dimensão que o assunto tomou no dia seguinte, quando as autoridades tomaram ciência da ocorrência da noite anterior, a coisa tomou foros de uma revolta do Corpo de Alunos.

Buscaram-se, em seguida, cabeças para a degola; mas, como o movimento havia sido totalmente espontâneo, nenhuma cabeça foi identificada como incentivadora daquela manifestação. Na semana seguinte ao episódio, começaram a aparecer algumas melhorias no almoço e na janta e, poucos dias depois, voltava a vigorar o padrão normal de alimentação para felicidade geral de todos, menos para o dono da cantina...

23. A Rádio Sapeca

Estávamos, naqueles idos de 1960, bem ao par com o progresso das Ciências. Alguns companheiros faziam aeromodelos movidos a elástico e a gasolina, que eram soltos, totalmente descontrolados, na pista de atletismo da Praça de Esportes ou no Pátio da Bandeira, da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, Minas Gerais.

Um de nossos companheiros, entretanto, era rádiotecnico e chegou a construir um transmissor, cuja potente irradiação cobria parte da cidade de Barbacena, incluindo a própria escola preparatória. A partir de então, com um microfone acoplado ao aparelho, falava diretamente para os radinhos de pilha, que a grande maioria dos alunos possuía naquela época. Não me recordo da frequência em que transmitia, mas nós preparávamos textos humorísticos bem engraçados que transmitíamos sob a forma de novelas.

O nome que o seu construtor inventou para a emissora foi o de Rádio Sapeca (Serviço de Áudio Pirata da Escola de Cadetes). Para não ter sua sede identificada ele transmitia apenas por um curto espaço de tempo e em períodos alternados. O aviso de que sua transmissão estava no ar corria rápido, entre os alunos, e todos eles de qualquer local que estivessem ligavam os seus radinhos de pilha, para ouvir as bobagens que eram ditas pelo nosso companheiro e por alguns de seus auxiliares; já que, contando com a colaboração de vários de nós, os textos eram quase sempre muito engraçados.

Ocorre que aquela transmissão interferia na rádio da cidade, chamada Rádio Raiz da Serra, e todos os ouvintes da mesma, naquele curto período de tempo em que ia ao ar a nossa transmissão, ouviam os textos e os comentários piratas da Rádio Sapeca.

Pelo teor da programação os ouvintes perceberam, logo, que era coisa preparada por pré-cadetes da EPCAR. O comandante da escola foi contatado pela direção da rádio local e, em reunião com todos os seus subordinados, pediu que dessem um fim àquele transmissor, o que foi feito em seguida. Foi uma pena, pois aqueles momentos de diversão e de descontração eram aguardados com ansiedade por muitos de nós, após um árduo dia de estudos e de atividades físicas e militares.

O criador da Rádio Sapeca veio a falecer, prematuramente, em um acidente aeronáutico, pouco tempo depois de ser declarado oficial,

quando a aeronave que pilotava, um DC-3, durante mau tempo, chocou-se com o solo. A Aeronáutica perdeu um aviador, os seus companheiros de turma perderam um grande e leal amigo e a radiodifusão perdeu um grande comunicador.

24. A desunião na ordem unida

Em determinado dia do ano de 1962, no Pátio da Bandeira da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena, durante instrução de ordem unida no expediente da tarde, o pelotão do qual eu fazia parte estava sendo instruído e comandado por um sargento, que não dava descanso algum para seus integrantes, após incontáveis momentos de marchas e de instrução militar. Em represália, por já estarmos esgotados de tanto marchar pelo pátio sem nenhum intervalo de descanso, espontaneamente, começamos todos a bater no solo com o pé direito, compassadamente, fazendo um barulho que chamava a atenção de todos que se encontravam naquele pátio.

Um capitão da Infantaria de Guarda, que observava de longe, percebeu naquilo um gesto de protesto e veio em direção ao nosso pelotão que marchava. Chegando perto, mandou que parássemos com aquela cadência. Sem obedecê-lo, continuamos a marcar a cadência agora com os dois pés. Ele, então, assumiu o comando do pelotão e passou a ordenar que fizéssemos acelerado, alto, meia volta volver, ordinário marche, alto, ombro armas, apresentar armas, descansar armas, etc. etc. etc. Tudo isto em uma seqüência continua e sem intervalo.

O pelotão, sem nenhum erro, fazia o que lhe era ordenado, mantendo a cadência nos dois pés, em que pesem as reiteradas ordens do capitão para que parássemos com aquilo.

A instrução deveria normalmente terminar às 16 horas, porém, em razão da intervenção do capitão, ficamos até as 18 horas, marchando sem parar naquele pátio.

Quando ele, finalmente, cansado de tentar dobrar aquele pelotão, nos liberou já totalmente exaustos, havíamos perdido o horário da água quente do banho e o jantar, que já havia terminado.

Comentando o ocorrido entre nós mesmos, alguns reclamavam que com aquela brincadeira tola, havíamos nos prejudicado. Outros, diziam que mostráramos ao capitão que não tínhamos medo dele. Outros, ainda, afirmavam que nosso pelotão demonstrara ser o mais bem treinado da escola, pois não erráramos nenhuma vez as ordens de comando do capitão. Outros, ainda, diziam que havíamos vencido aquele pequeno embate entre nós e a vida militar, demonstrando que ela ainda não havia conseguido nos domar.

Eu, que naquela ocasião já lera alguns poucos compêndios de Filosofia e de Psicologia, ponderei sensatamente: - Companheiros, nós somos um bando de verdadeiros idiotas! Ficaremos marcados como uma turma de refratários e seremos perseguidos pelos sargentos, que tirarão o nosso couro. Lembrem-se de que Sócrates morreu por contestar os valores da polis grega e por tentar corromper a juventude com novos valores, contestando os valores antigos. É o que estávamos tentando fazer aqui, hoje, e, por isto, não me espantarei se alguns de nós seguirem o mesmo destino trágico de Sócrates. Ademais, buscamos, com aquela nossa atitude infantil, apenas, satisfazer o imenso EGO que nos domina, carente de reconhecimento, de admiração e de elogios. Creio que o mais sensato seria procurarmos o sargento e o capitão para desculparmo-nos do ocorrido e impedir, ainda em tempo, as represálias que, certamente, ocorrerão.

Pesados os prós e os contras, acabou por prevalecer a razão. Eu, como o autor da idéia, fui indicado pelos demais para ir pedir as desculpas do pelotão. O capitão aceitou-as prontamente. Com o sargento, 'casca grossa' na vida militar, foi um pouco mais difícil, pois tive de ouvir um longo sermão antes de ele aceitar as minhas desculpas.

25. O anel de noivado

A Praça dos Andradas, localizada no centro da cidade de Barbacena, em frente à Igreja Matriz, nos idos de 1960 era povoada por macacos e micos de várias espécies. Impressionava a todos que visitavam aquela cidade mineira ver, no alto das árvores, dezenas de macacos de vários tipos pulando entre os galhos. Muitos deles acabavam por perder o medo dos humanos e vinham beber em uma fonte no meio da praça e comer no chão algumas frutas, que o pessoal da cidade colocava em recipientes próprios.

Um companheiro meu de turma, da Escola Preparatória de Cadetes do Ar situada naquela cidade, ao final do terceiro ano e preparando-se para ingressar na Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, resolveu ficar noivo da jovem que namorava.

Durante o último licenciamento que tivera, oficializou o noivado, conversando com o pai e a mãe da jovem, e disse que adquiriria as alianças na própria cidade de Barbacena, pois conhecia ali um ourives que a poderia fazer bem mais barato do que no Rio de Janeiro.

Ele tirou a medida do dedo anular da noiva e, de volta à EPCAR, na primeira oportunidade foi à cidade procurar o ourives, que tinha muito bom gosto e preparou um par de alianças, onde colocou algumas bonitas pedras semipreciosas, comuns de serem encontradas em cidades mineiras.

No último dia de aulas na escola preparatória, tendo a maior parte dos alunos já se deslocado para o Rio de Janeiro em ônibus fretados, ele se dirigiu à cidade onde pretendia apanhar as alianças na oficina do ourives e, logo a seguir, tomar o ônibus que saía da cidade com destino ao Rio de Janeiro, fazendo escala em Juiz de Fora.

Antes disso, porém, passou em um bar onde comeu um sanduíche e tomou um refrigerante. Dali seguiu direto para o seu destino.

O trabalho do ourives havia ficado uma maravilha, como pode constatar observando as jóias. As duas alianças, cheias de pedras, brilhavam de chamar a atenção. O profissional colocou as duas em uma caixinha e entregou a ele, que pagou satisfeito o preço cobrado.

Saiu dali contente, pensando em como sua noiva, no Rio de Janeiro, ficaria feliz com aquela aquisição que ele fizera.

No caminho para a rodoviária, teria de passar pela Praça dos Andradas. Foi andando calmamente, sob o gostoso calor do sol, e adentrou o interior da praça. Como ainda era cedo, resolveu sentar em um dos bancos vazios e descansar um pouco. Estava ali sentado, quando se lembrou das alianças e resolveu contemplá-las de novo.

Sacou a caixinha do bolso da calça e abriu-a. As alianças estavam mais bonitas ainda, porque brilhavam sob os raios de sol que incidiam sobre elas.

Enquanto contemplava as mesmas, com a caixinha na mão, um grande macaco preto com a cara branca veio descendo lá de cima das árvores, pendurado em um fino galho, e lhe arrebatou a caixinha das mãos.

O macaco rapidamente galgou os galhos mais altos e, misturando-se aos demais animais que habitavam aquelas árvores, desapareceu por completo.

Meu amigo ficou inconsolável, chegando, mesmo, a derramar lágrimas pensando na trágica notícia que teria de dar a noiva, quando a encontrasse na cidade do Rio de Janeiro.

A viagem de ônibus foi um suplício, pois não deixava de pensar no ocorrido e na desilusão da noiva.

Chegou ao Rio bem tarde e foi direto para a sua casa, matar a saudade dos pais e do irmão. Na manhã seguinte, após ir à Praia de Copacabana e dormir a tarde toda, ao cair da noite rumou para a residência da noiva.

Foi recebido por toda a família da moça, constituída pelo pai, mãe, duas irmãs, um irmão e os avós. Quando ela lhe perguntou pelas alianças, ele, totalmente sem jeito, respondeu: - Elas foram apanhadas por um grande macaco preto com a cara branca, que as tirou de minha mão e subiu correndo para os galhos mais altos das árvores!

Os pais olharam-no como se contemplassem um louco recém saído do hospício. A avó disse baixinho: - Mas que pouca vergonha!

A mãe pensou: - Mas que salafrário, ficou noivo só para aproveitar da minha filha!

A noiva começou a chorar, dizendo histérica: - Nunca fui tão humilhada!

As irmãs e o irmão preparavam-se, já, para correr com ele para fora da casa delas. Todos imaginavam ser aquilo uma desculpa que ele encontrara para terminar o noivado, já que a estória que relatara era completamente inverossímil; isto é, um macaco preto com a cara branca, surgir no centro da cidade, vindo do nada, apanhar as alianças e desaparecer.

Com a gritaria que se seguiu, alguns vizinhos se aproximaram e, sabedores do ocorrido, partiram para cima do meu amigo, que desapareceu correndo pelas ruas do bairro. Afinal, ele era o recordista dos cem metros rasos nas competições da EPCAR.

Segundo me confessou, nunca mais soube da noiva e, durante algum tempo pensou, ainda, em voltar à Praça dos Andradas com uma espingarda de chumbinho para vingar-se daquele macaco preto com a cara branca.

26. A revolta que não houve

Na campanha eleitoral de 1962, os graduados das forças armadas (cuja eleição aos cargos legislativos era proibida pela Constituição de 1946 e por decisão do Supremo Tribunal Federal), indicaram candidatos próprios para concorrer à Câmara Federal, às Assembléias Legislativas e às Câmaras de Vereadores, da Guanabara, de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

Os candidatos eleitos de São Paulo e do Rio Grande do Sul foram impedidos de tomar posse e assumir seus mandatos. Esta questão mobilizou a classe e em 12 de setembro de 1963 foi deflagrada uma rebelião na cidade de Brasília, sufocada cerca de doze horas depois.

Na EPCAR, naquela ocasião, o convívio entre oficiais e graduados era muito bom. Todos participavam, em conjunto, da formação militar e da formação cultural daquele monte de jovens que queriam ser aviadores. O convívio entre os alunos, os sargentos e os oficiais era bastante bom, principalmente na parte esportiva.

Assim, foi com surpresa que, certo dia, nós vimos os fuzis depositados no Material Bélico serem conduzidos para o meio do alojamento da Terceira Esquadrilha (no terceiro andar do prédio de alojamentos) e ali ficar sob a guarda de sentinelas armadas e municionadas, do próprio Corpo de Alunos, 24 horas por dia. Os sargentos continuavam desempenhando suas tarefas normais, bem como os oficiais, os professores e os alunos.

Aquela precaução do comando, com certeza, tinha por base o fato histórico da Intentona Comunista de 1935, quando graduados (e alguns oficiais) se revoltaram na antiga Escola de Aviação Militar, do Campo dos Afonsos. O fato é que ali, naquela escola, onde oficiais e graduados conviviam próximo, ambos vivendo com suas famílias em um ambiente saudável e em uma cidade agradável, uma revolta hierárquica por motivo tão particular não poderia progredir. Independente deste fato, os serviços de guarda das sentinelas, nas varandas do segundo e do terceiro andar do prédio dos alojamentos, seguiam seus cursos rotineiros, durante as manhãs, as tardes e as noites.

Uma ocasião, durante o serviço de sentinela, por volta das duas horas da madrugada, conversando com um companheiro que estava no mesmo quarto (eram sempre duas as sentinelas), decidimos pregar

uma peça naqueles dois que nos substituiriam (a substituição era informal; isto é, chegando a hora de sermos rendidos, dois outros companheiros vinham para nossas posições sem nenhuma formalidade, a não ser a senha). Resolvemos dizer aos dois que havíamos visto, durante nosso quarto, a imagem de uma mulher vestida de branco subindo as escadas do segundo para o terceiro andar e que, ao atingir o patamar do terceiro, simplesmente desaparecera. O pânico foi geral. Eles não queriam mais ficar de sentinela e foram procurar o aluno de dia para comunicar a ocorrência. Nós mantivemos nossa posição, confirmando o corrido, já que não havia meios de comprovar a veracidade ou não do fato.

Deitado em minha cama, pouco depois, esperando soar o toque de alvorada, pensava comigo mesmo: - como é possível que dois homens armados de fuzis, sem medo de uma eventual invasão de outros homens, tremerem de medo perante a ameaça de uma invasão partindo do além?

27. O Capital Circulante das Dezoito Horas

Esta estranha estória que passarei a narrar ocorreu no início da década de 1960, em uma cidade mineira bem próxima de Barbacena e dela acabei tomando conhecimento através de um antigo morador da cidade com quem eu costumava conversar nos fins de semana, que havia vivenciado parte dos fatos e que, mais tarde, soube na íntegra dos detalhes posteriores ao trágico episódio.

Embora naquela ocasião o nosso país ainda fosse bastante atrasado, econômica e culturalmente, já ensaiava os primeiros passos no sentido da superação dos inúmeros obstáculos ao seu desenvolvimento. Com o crescimento da cidade, a intelectualidade local deu início ao projeto de instalação de uma Faculdade de Direito, visando atender às necessidades do município.

Ele, o personagem principal desta estória, com a idade de vinte e poucos anos, concluíra o curso de Direito na capital (Belo Horizonte) e procurava emprego, tão difícil naquela época quanto agora.

Na ocasião, começavam a proliferar cursos de Direito no interior do Estado, cada cidade querendo ter sua própria faculdade.

Através de um companheiro de faculdade, na época alto funcionário público, ele ficou sabendo de uma vaga para professor na Faculdade de Direito daquela pequena cidade afastada da capital.

Na falta de qualquer outra oportunidade, para lá se dirigiu. Após uma rápida entrevista com o diretor recentemente nomeado, soube que estava sendo criada a Faculdade de Direito e que necessitavam de um professor para a nova cadeira de Contabilidade, que havia entrado na grade curricular das Faculdades de Direito naquele ano.

De Contabilidade ele nada sabia, pois na faculdade em que se formara não havia, até então, aquela matéria. Imaginou, porém, que, assim como ele, os alunos também nada saberiam daquela matéria.

Achava que com um pouco de retórica, de sofística e da hermenêutica jurídica que havia aprendido na capital, conseguiria 'enrolar' seus eventuais alunos.

Como havia sido o único candidato a se apresentar, foi contratado pelo diretor com quem conversara apenas por alguns minutos. O

próprio diretor, nada sabendo sobre a matéria, julgou que ele, pelo fato de haver se apresentado para a vaga, dominasse bem o assunto.

No dia programado para sua primeira aula, acordou cedo em seu quarto no pequeno hotel onde se hospedara, barbeou-se e colocou sua melhor roupa para causar boa impressão aos alunos.

Chegando à sala de aulas havia cerca de 30 alunos, além do diretor, esperando por ele.

Alguns daqueles alunos, entretanto, já possuíam noções da matéria por haverem cursado o Técnico de Contabilidade, em cidade vizinha, e alguns até trabalharem em escritórios locais de Contabilidade.

Após apresentar-se aos alunos e tecer vários comentários sobre o clima frio da região, a perspectiva de chuvas próximas, a arquitetura da igreja matriz e a produção agropecuária do município, perguntou à platéia se desejavam fazer alguma pergunta, antes que encerrasse a aula.

Vários alunos se levantaram e, alternadamente, perguntaram: - Professor, o que é Ativo Fixo? O que é Capital Circulante? O que é Patrimônio Líquido? O que é Capital de Giro? O que é Passivo à Descoberto?

Apanhado de surpresa, ele ficou durante alguns momentos com a cabeça baixa, procurando, pelo canto dos olhos, uma maneira rápida de escapular daquele ambiente. Pensou em atirar-se pelo vão da janela entreaberta; mas, logo em seguida, lembrou-se de que estavam no terceiro andar do prédio.

Ele nunca ouvira falar naqueles termos contábeis e não tinha a menor noção do que significavam. Subitamente, porém, veio-lhe à mente que se aqueles alunos lhe perguntavam era porque também não sabiam.

Pensando rápido e fazendo uso de toda a 'malandragem' aprendida ao longo de seus vinte e poucos anos vividos na capital, respondeu, calmamente: - Meus caros alunos imaginem vocês uma empresa que se dedique à exploração de estradas de ferro e que transporte em seus vagões gasolina, querosene, diesel ou qualquer outro produto líquido. Os trilhos da estrada constituem o Ativo Fixo da empresa. O comboio, formado pela máquina e por todos os vagões, representa o Capital Circulante. A carga dos vagões consiste no Patrimônio Líquido e as rodas da locomotiva no Capital de Giro. Passivo a Descoberto se dá, quando encontram o maquinista da

composição em atitude indecorosa, junto com seu ajudante, no interior da cabine da locomotiva!

Parou de falar e, em seguida, encarou a platéia de frente, para ver o efeito de suas palavras. Estava plenamente convencido do bom senso e da veracidade daquela sua explicação, julgando-a, até mesmo, digna de figurar nos principais compêndios da matéria.

Os alunos, entreolhando-se, levantaram todos ao mesmo tempo, prorromperam em estrepitosa vaia e retiraram-se ruidosamente da sala.

Ao final da tarde daquele dia alguns estudantes o encontraram na Estação Ferroviária, esperando o trem das dezoito horas (Vera Cruz) com destino à capital, cabisbaixo e demonstrando certo descontrole emocional.

De pé na plataforma, ao ver a locomotiva se aproximar, atirou-se aos trilhos quando esta passou por ele, tendo morte instantânea.

Poucos meses depois, passageiros que embarcavam afirmaram haver visto seu espírito, de pé na mesma plataforma, ao entardecer, talvez ainda mortificado pelas vaias recebidas e esperando, com certeza, a chegada do Capital Circulante das dezoito horas...

28. O Monumento ao Cadete Imortal

Na antiga Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, nos idos de 1960, havia um Monumento ao Cadete Imortal. Era uma construção em mármore, encimada por uma águia de bronze e contendo placa com os nomes dos cadetes falecidos em acidentes aeronáuticos. Através dela, a Força Aérea prestava uma derradeira homenagem àqueles que haviam se sacrificado pela pátria.

Tendo eu já superado a fase de pré-cadete, na EPCAR, o meu posto na Escola de Aeronáutica, na ocasião, era o de Cadete Aviador e a plaqueta de identificação que usávamos presa no uniforme, trazia a abreviatura do posto seguida do nome (a título de curiosidade, na FAB apenas os pré-cadetes, os cadetes e os brigadeiros trazem o posto na frente do nome, ao assinarem; nos demais postos, o nome vem primeiro e o posto a seguir). Na plaqueta do nosso companheiro Érico, portanto, estava escrito: CAD.AV.ÉRICO (Cadete Aviador Érico). Em uma época em que o termo 'bulling' ainda não era conhecido em nosso país, brincávamos com ele dizendo que seria o próximo a fazer parte da Galeria do Cadete Imortal. Naquela galeria, hoje ainda existente no mesmo lugar, no velho Campo dos Afonsos, constam, na atualidade, os nomes dos seguintes cadetes aviadores falecidos:

Silvio M. de Almeida; Manoel M. Cardeal; Paulo P. F. Ferreira; Ruy Lima; Hugo Cassiatore Filho; Newton de Melo Braga; Hilton M. Palermo; Carlos Adão L. Oliveira; Carlos Alberto T. Carneiro; Emmanuel C. Arruda; Roberto P. M. de Andrade; José O. Lima Cavalcante; Horacio Barcellar; Moacydes S. Caparica; José B. Tavares; Nelson de M. Rodrigues; Othelo José da Costa; Alexandre R. de Moraes; Francisco S. de Carvalho; João Hudziak; Marcelo Prado; Humberto Boyd; João B. Alves Affonso; Expedito R. dos Santos; Henrique Antunes Junior; Robson M. de Albuquerque; Roberto Quintas Magioli; Laércio D. de Souza; José Cláudio Ricco; Dalton M. de Oliveira; Milton Manoel Maranhão; Clovis Fonseca Menezes; Antônio C. R. Gonçalves; Luiz A. P. Lampert; Luiz Carlos P. Salles; Carlos Henrique Flores; Reinhard F. R. Hofmeister; Antônio F. B. Soares e Marco Antônio P. Nunes.

Praticamente desconhecida do público em geral, esta galeria bem demonstra que a Força Aérea Brasileira foi edificada sobre muita dor e sofrimento, embora também construída com inúmeros momentos de muita alegria e de inesquecível felicidade, desde a data da sua criação, em 1941, no governo de Getúlio Vargas. Desde a participação do Primeiro Grupo de Caça nos céus da Itália, um punhado de bravos têm se imolado em prol do desenvolvimento da nossa Aeronáutica, tanto militar quanto civil, quase sempre de maneira anônima. Aquele pórtico destaca, assim, o papel dos cadetes aviadores que, com suas jovens vidas, têm contribuído para o progresso e a consolidação da Força Aérea Brasileira, desde os seus primórdios até os dias atuais

29. A fama e a fortuna

Durante o período em que estudei na EPCAR, travei conhecimento com um médico do hospital público da cidade e dele, em certa ocasião, pude ouvir uma estória simplesmente inacreditável.

Ele, até então, um médico sério e respeitado dentro daquele hospital, a partir de determinada ocasião passou a faltar aos plantões, a não ter mais interesse pelos casos médicos e, sobretudo, a contar para todos, sempre que a oportunidade aparecia, uma mesma estória fantástica (já conhecida dos funcionários do estabelecimento hospitalar, que o consideravam meio maluco, conforme pude apurar posteriormente), da qual só vim a tomar conhecimento naquele dia e contada por ele mesmo. Sua narrativa, que passarei a expor da forma como dela me recordo, era, basicamente, a seguinte:

Em um dia chuvoso de inverno estava ele de plantão na emergência daquele hospital, no qual trabalhava mais por caridade do que por necessidade. Era um cirurgião geral com certa prática de emergência, já tendo vários anos de formado.

A manhã tinha transcorrido normal, com alguns casos de mordidas de cães, pernas e braços quebrados, cortes e machucados superficiais.

Na parte da tarde, quase ao findar seu plantão, deu entrada na emergência um indivíduo que havia sido recolhido na via pública, possivelmente após haver sido atropelado por veículo desconhecido.

Ao auscultar-lhe o coração, o médico não percebeu nenhum batimento, embora percebesse que o paciente estava vivo e se mexendo.

Procedeu a uma massagem cardíaca, respiração boca à boca e à aplicação de choque elétrico; porém, o coração não respondia a nenhum daqueles estímulos, embora o paciente continuasse vivo e se movimentando ocasionalmente.

Ele, então, resolveu, rapidamente, abrir-lhe o peito para, através de uma cirurgia exploratória, averiguar as reais condições de seus órgãos internos.

À medida que abria o peito, de alto a baixo, notou que os órgãos do indivíduo eram totalmente diferentes daqueles dos seres humanos, que tão bem conhecia, e localizados em posições totalmente diversas.

Todo o seu interior era diferente: veias, nervos, tendões. O próprio coração, que era duplo, possuía forma quadrada e localizava-se próximo ao abdômen. Possuía apenas um pulmão, localizado ao lado, na posição onde deveria estar o fígado.

A própria coloração dos órgãos era também diferente; alguns azuis e outros verdes. O sangue era de cor amarelada.

Surpreendido, imaginou, inicialmente, tratar-se de um fato raríssimo na história da medicina, que poderia acarretar-lhe fama e fortuna se soubesse explorar com inteligência o caso, divulgando-o, com fotos exclusivas, em congressos médicos e em revistas científicas.

Poderia, ainda, tratar-se de um verdadeiro ser alienígena e, neste caso, seu nome passaria para a história como o primeiro ser humano a, comprovadamente, fazer contato com um extraterrestre.

Como seu plantão havia terminado, resolveu não dizer nada a ninguém, fechar o talho aberto e deixar o paciente internado durante aquela noite, para, no dia seguinte (tendo, durante a noite, pensado com detalhes sobre como deveria proceder), tomar as medidas necessárias à divulgação do fato, tanto junto à imprensa, de um modo geral, quanto junto ao meio científico, de um modo particular.

Aquela noite inteira não conseguiu pegar no sono, pensando nas implicações da descoberta e em como poderia tirar o melhor proveito de todo aquele acontecimento.

Pela manhã, já tendo resolvido como deveria proceder, dirigiu-se ao hospital à procura do paciente. Não conseguindo localizá-lo, de imediato, perguntou a um acadêmico de serviço naquela hora, sobre o seu paradeiro. Este, ainda sonolento, respondeu, calmamente: - Acabou de levantar-se do leito e tomou o elevador, no final do corredor!

Em desabalada carreira o médico desceu os dois lances de escada até a portaria. Lá, perguntando ao segurança de plantão, soube que ele havia saído para a rua, junto com dois outros indivíduos que pareciam seus irmãos gêmeos, tal a semelhança física e os mesmos trajes que usavam.

O médico ainda percorreu, correndo, várias ruas das imediações; porém, a sua "fama e fortuna" já havia desaparecido em alguma daquelas estreitas ruas laterais.

A partir daquele dia ele perdeu completamente o interesse pelo seu trabalho naquele hospital, conforme segredou olhando-me fixamente nos olhos. Ficar ali atendendo os casos simples, quando havia um Universo inteiro a ser descoberto, com novas espécies de vida, novos conhecimentos e novas tecnologias, era totalmente desestimulante para uma mente científica como a dele.

Contou-me, também, que, logo depois do ocorrido, havia entrado para uma organização esotérica na qual, freqüentemente, ele e outros membros faziam viagens espaciais para planetas distantes. Ele estava aprendendo novas técnicas e procedimentos cirúrgicos (com os seres de outros mundos para onde viajava frequentemente), técnicas estas que pretendia aplicar aos pacientes daquele hospital.

Enquanto falava, pude perceber estranhos movimentos em seus olhos e em suas mãos. Repentinamente, sacou do bolso do jaleco um bisturi e, pegando-me pelo braço, disse: – Venha comigo que quero dissecá-lo, para ver se não é um alienígena como aquele!

Livrando-me dele com um safanão, pus-me a correr pelo imenso corredor daquele hospital, só parando no ponto do lado de fora. Dali, descí correndo por ruas íngremes e fui direto para a EPCAR. Durante a viagem de regresso, imaginei algumas hipóteses para explicar um fato tão inusitado: ou aquele médico sempre fora totalmente maluco ou ficara maluco após o episódio que relatara ou estava me pregando uma peça e me fazendo de otário ou era um fugitivo do asilo de loucos da cidade, que fizera uma parada naquele hospital antes de tomar um novo rumo. Por via das dúvidas, a partir de então, sempre que o encontrava no hospital ou o via pelas ruas da cidade, procurava afastar-me o mais depressa possível, com receio de ser reconhecido e de vir a me tornar um novo mártir em prol da ciência médica, nas mãos daquele suposto cirurgião com seu afiado bisturi.

30. A sentinela do paiol

Lembro-me muito bem da ocasião em que tomei conhecimento do fato que, a seguir, passarei a narrar. Tinha eu naquela oportunidade dezoito anos. Havia ingressado na EPCAR no ano anterior e passara, já, a condição de veterano, após haver permanecido um ano sofrendo, na qualidade de calouro, sob a tutela dos mais antigos naquela Organização Militar.

Em um sábado, tendo ido ao centro da cidade de Barbacena e ao encontrar-me sentado em um banco na Praça dos Andradas, pude travar conhecimento com um senhor de mais idade, que, ao saber que eu era militar, terminou por me contar um episódio da sua vida quando, jovem como eu, servia em um quartel do Exército localizado em uma cidade do Estado do Rio de Janeiro. O quartel onde ele servira era chamado de regimento, embora fosse apenas um batalhão com cerca de 800 homens. Sua história como Organização Militar remontava ao ano de 1935, quando, em área de antiga chácara de propriedade de ingleses, havia sido fundado um quartel de infantaria nas proximidades da divisa entre os municípios de Niterói e de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro.

No ano de 1939 aquele quartel havia mudado de nome e passara a ocupar-se das atividades de um antigo regimento, anteriormente localizado na cidade do Rio de Janeiro (regimento este que havia sido extinto em 1935, em razão de haver se rebelado contra o governo federal em episódio marcante da nossa história, para, finalmente, ser destruído em um incêndio que se seguiu, após ser bombardeado pelas forças governamentais fiéis ao presidente de então.

O quartel em que ele se encontrava servindo, havia, portanto, sido criado inicialmente como um batalhão de caçadores e, pouco tempo depois, transformado em um batalhão de infantaria; porém, como incorporara às atividades daquele antigo regimento extinto, continuou a ser chamado pela denominação de regimento, embora, volto a dizer, fosse apenas um batalhão. Aquele batalhão de infantaria, no ano de 1944, havia fornecido inúmeros militares para compor uma Força Expedicionária que lutou em território europeu durante a Segunda Guerra Mundial.

Os militares do citado batalhão, logo após o Brasil haver declarado guerra às Potências do Eixo, haviam sido enviados para uma

nova unidade na Vila Militar de Deodoro, onde tinham participado de treinamentos conjuntos com outros militares de diversas regiões do país, e, a seguir, foram embarcados em navios norte-americanos com destino ao porto de Nápoles, na Itália.

Muitos daqueles antigos militares, oriundos do referido batalhão, haviam falecido em combates no Teatro de Guerra Europeu e não retornaram ao nosso país, com o fim do conflito mundial. Seus corpos ficaram, durante vários anos, sepultados no Cemitério Militar de Pistóia, na Itália. Com a reurbanização da Praia do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, seus despojos puderam ser trasladados para o nosso país e ficaram guardados no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra, ali construído para tal; onde, além de serem prestadas homenagens aos mortos que naquele local estão sepultados, também são prestadas homenagens aos desaparecidos em combate, cujos restos mortais jamais puderam ser localizados.

O episódio, contado pelo meu interlocutor, havia ocorrido já fazia muitos anos, em um período de inverno intenso, no qual, durante as madrugadas, descia sobre o quartel uma forte cerração.

Encontrava-se ele, naquele dia, de serviço de guarda junto ao paiol de armas e munições, localizado em área erma em meio a um alto capinzal com algumas esparsas árvores de grande porte.

O seu turno de sentinela iniciara-se às três horas da madrugada. O serviço transcorrera sem alteração; muito embora, após tê-lo assumido, ele teve a sensação de estar sendo observado de uma distância bem próxima, por vários olhos escondidos em meio ao capinzal. Por diversas vezes notou que o mato ondulava, como se pessoas se movessem em seu interior, em que pese não estar ventando naquela ocasião. Chegou mesmo a engatilhar o seu fuzil, abaixar-se e ficar esperando um ataque vindo daquela direção.

Com o transcorrer do tempo, nada tendo acontecido, julgou ter sido tudo aquilo fruto da sua imaginação, principalmente, devido à pesada cerração que não permitia a visão de mais do que alguns poucos metros à frente.

Faltando cerca de vinte minutos para a chegada da guarda que traria o seu substituto, percebeu o ruído de passos, em cadência, aproximando-se do paiol onde se encontrava.

Imaginou que seu relógio deveria estar atrasado e o seu substituto já estivesse sendo conduzido pela guarda naquele momento, para aquele posto no paiol. Após alguns segundos, durante

os quais se preparou para ser substituído, avistou, saindo de dentro da bruma, a guarda que marchava em sua direção comandada por um sargento.

Tendo ela parado a uma pequena distância de onde ele se encontrava, dirigiu-se ao seu encontro para ocupar, na formatura, o lugar do soldado que o substituiria. Todavia, conforme ele se aproximava da tropa, nenhum militar saiu do seu lugar e nenhuma voz de comando foi dada. A guarda permanecia imóvel e silenciosa.

Chegando bem próximo dela, percebeu que seus uniformes eram um pouco diferentes daqueles que usavam no quartel. Todos os componentes da guarda pareciam bem mais velhos, sendo que alguns possuíam ataduras que envolviam algumas partes de seus corpos e apresentavam as roupas manchadas de sangue. As armas que portavam eram de modelos antigos, não sendo iguais aquelas que existiam no quartel na ocasião.

Imediatamente, uma sensação de frio e terror percorreu-lhe todo o corpo. Embora desejasse sair correndo dali, suas pernas não lhe obedeciam. Foi então que, olhando as faces daqueles homens, percebeu que não conseguia vislumbrar seus olhos. Era como se no local onde eles deveriam estar não houvesse nada; mas, apenas, dois buracos vazios. Repentinamente, o comandante da guarda disse para seus homens, em voz baixa, alguma coisa que ele não compreendeu.

Os componentes da guarda seguiram, então, rumo à porta do paiol, onde entraram após havê-la quebrado. Alguns passaram por dentro da parede, como se ela não existisse.

Após permanecerem alguns minutos lá dentro seus integrantes saíram pelo mesmo local transportando várias caixas de munição, granadas e algumas armas leves, que se encontravam armazenadas naquele paiol.

Ele assistia a tudo aquilo sem poder se mover, sem nenhuma reação, com o coração batendo forte, parecendo querer pular para fora do peito.

A guarda, sempre marchando sob o comando do sargento, dirigiu-se, então, para o interior do capinzal, onde logo desapareceu em meio à bruma.

Consultando o relógio, constatou que ainda faltavam os mesmos vinte minutos para a chegada da guarda que traria seu substituto; isto é, parecia que o tempo havia parado e aquilo tudo fora vivido em outra

dimensão espaço-temporal. Ainda pensava em tudo aquilo que havia presenciado, quando, pouco depois, percebeu novo ruído de passos se aproximando. Ao olhar o relógio, novamente, viu que haviam se passado vinte minutos e, fixando os olhos nas figuras que chegavam, percebeu que aquela era, realmente, a guarda do quartel trazendo o substituto, que era seu colega da Primeira Companhia.

O sargento comandante da guarda, após uma vistoria na porta do paiol, lhe perguntou o que havia ocorrido.

Após relatar, ainda sob forte emoção, tudo aquilo que havia presenciado, ele observou quando o sargento retirou do seu cinturão, calmamente, um par de algemas com as quais o algemou, tendo antes tomado o seu fuzil.

Foi conduzido pela guarda até uma cela no interior do quartel, onde passou detido aquele fim de noite. Na manhã seguinte, levaram-no à presença do comandante da unidade, a quem, novamente, relatou tudo o que havia presenciado naquela fatídica noite.

Por mais que descrevesse, fielmente, tudo aquilo que havia presenciado, notava que as pessoas presentes ao seu depoimento pareciam não acreditar no que ele dizia. Ninguém se dava conta da real existência daqueles espectros que haviam visitado o quartel, retirado as armas, granadas e munições do paiol para, em seguida, desaparecer para sempre no interior do capinzal.

Seus pais foram conduzidos àquela Organização Militar e, tendo sido levados até a cela onde ele se encontrava, pediram-lhe que contasse apenas a verdade, que não escondesse nada nem tentasse proteger a ninguém. Jurou-lhes que tudo aquilo que dizia era, absolutamente, verdadeiro. Afirmou-lhes que aqueles espectros, certamente, haviam retornado dos campos de batalha da Itália onde haviam tombado e, não tendo ainda se dado conta da realidade de suas mortes, em uma derradeira visita ao antigo quartel no qual haviam servido, buscavam obter mais armas e munições para prosseguir com sua incansável luta contra o inimigo nazi-fascista, já agora, entretanto, combatendo-o no território da morte.

Tendo ele feito uma pausa para observar a minha reação a tudo aquilo que narrava, pouco depois, chegando-se mais perto de mim, disse bem próximo e em voz baixa: - O que eu vou lhe dizer, a seguir, estou contando pela primeira vez para alguém, desde a data em que o fato ocorreu. Peço que ouça e que depois se cale para sempre, também.

Assim, segundo mencionou a continuação, na tarde daquele mesmo dia seus dois primos, Claudinei e Roberval, que também serviam naquele mesmo quartel, foram colocados presos na mesma cela onde ele se encontrava.

Logo após o abraçarem disseram baixinho em seu ouvido, demonstrando medo e desânimo, que ele podia parar de contar àquela estória que haviam combinado antecipadamente, pois o comandante do quartel já havia descoberto as caixas de munição, as granadas e as armas que, durante o seu horário de guarda no paiol, eles três haviam retirado arrombando a porta, protegidos pela noite, pela bruma e pelo frio, e escondido na mala do carro do seu primo, Claudinei, estacionado perto da cantina do quartel.

As autoridades militares haviam chegado ao carro do primo e feito a descoberta das armas e munições que eles haviam roubado, em decorrência de um estranho rastro de sangue, de ataduras ensangüentadas e de várias munições espalhadas, que, vindo desde o paiol das armas e munições, seguia pelo chão no exato rumo do portamalas do veículo. Parecia até, segundo disseram alguns de seus companheiros que haviam visto aquele rastro, que uma tropa, com vários militares feridos e carregando vários caixotes pesados, havia feito aquele trajeto na noite anterior.

Durante os meses em que ele esteve preso na cadeia daquele batalhão, aguardando o julgamento que o conduziu, finalmente, ao presídio militar onde passou cinco longos anos, nas madrugadas frias em que a cerração caía sobre o quartel, da janela da sua cela, ele, por várias vezes, pode observar, solitário, uma guarda com uniformes e armas diferentes, cujos integrantes cheios de ataduras marchavam em direção ao velho paiol, agora já desativado e vazio depois daquele infeliz episódio em que ele havia participado.

31. Como presentear a um Mestre?

O aniversário daquele excelente professor da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena, seria na próxima segunda-feira e os poucos discípulos e amigos que tinha combinaram uma festa surpresa em sua homenagem. A festa seria bem simples com salgadinhos, muita vodca, refrigerantes e um bolo com duas pequenas velas, uma delas com o número seis e a outra com o número zero, pois completava sessenta anos, dos quais há pelo menos trinta dava aulas de Filosofia em escolas e universidades mineiras.

No sábado, um dos seus alunos da EPCAR teve a idéia de conversar com alguns outros, sugerindo que se cotizassem para dar-lhe um presente. Todos concordaram; mas, o problema surgiu na hora da escolha do presente. Um discípulo sugeriu camisa, mas outro lembrou que ele tinha apenas uma e que não a tirava nem para tomar banho. Alguém falou em comprar um livro, mas todos concordaram que ele já havia lido tudo, sobre quase tudo, e seria difícil dar-lhe alguma obra que ainda não houvesse lido.

Pensaram em levá-lo para almoçar em algum local próximo, como a Cabana da Mantiqueira, mas reconheceram que ele quase não saia de casa, a não ser para as aulas, nem gostava de apanhar sol. Um deles sugeriu que lhe comprassem uma poltrona nova, onde pudesse meditar durante todo o dia, como fazia sentado naquela velha cadeira, já gasta pelo tempo, que havia no escritório de sua residência. Esta idéia, entretanto, embora aceita pelos demais, fugia ao orçamento deles.

Foi sugerido um animal de estimação, que lhe fizesse companhia durante os dias e as noites, já que vivia só; porém, lembraram que ele era alérgico aos pelos de animais. Tudo aquilo que alguém pensava e sugeria, tinha sempre alguma contra indicação. Não era a toa que ele possuía poucos amigos e, mesmo assim, todos eles seus discípulos e aprendizes de filósofos.

Depois de horas discutindo sobre o presente que lhe ofertariam alguém saiu com a seguinte sugestão: - Porque não elaboramos cada um de nós, alguns pensamentos filosóficos de nossas próprias

autorias, que colocaríamos em uma placa de madeira ou metal e lhe daríamos de presente? Certamente seria algo do seu agrado; pois, ademais de tratar-se do assunto que ele mais gosta, seria um presente feito pelos seus próprios amigos e discípulos.

Aprovada a sugestão, cada aluno foi para seu canto pensar naquilo que escreveria, com a promessa de reunirem-se, no dia seguinte, para deliberar sobre o que cada um deles havia escrito.

Domingo à tarde, reuniram-se em um bar da cidade para selecionar quais pensamentos filosóficos fariam parte da pequena homenagem que pretendiam prestar ao velho amigo e mestre. Após muito consumo de cerveja e vodca; bem como, depois de muita fumaça de cigarros espalhada pelo ambiente, chegaram, finalmente, a uma conclusão sobre os pensamentos que comporiam a pequena placa emoldurada, que mandariam executar, logo na manhã de segunda-feira.

Ao entardecer da segunda-feira tendo obtido, previamente, guia de licenciamento para a cidade de Barbacena, os discípulos reuniram-se no térreo do prédio de apartamentos onde ele morava próximo da Igreja Matriz, trazendo as bebidas, os salgados, o bolo e o presente. Subiram juntos pela escada e tocaram a campainha do apartamento dele.

O velho mestre demorou a atender, pois não esperava ninguém naquele dia e naquela hora, além de se encontrar vestido de pijama e preparando-se para dormir. Após haver trocado de roupa, veio abrir a porta e deparou-se com aqueles seus alunos, alegres e cheios de pacotes.

Depois de ele haver sido abraçado por todos os amigos que chegavam naquele momento, uma pequena mesa na sala foi arrumada com o bolo e alguns pratos de sobremesa; bem como, com os salgados e as bebidas. Alguns alunos começaram a servir a todos os presentes.

Em pouco tempo aquele diminuto apartamento, de quarto e sala, estava todo tomado pela fumaça de cigarros e pelas vozes estridentes dos alunos, todos já meio embriagados.

Após cantarem algumas canções e o velho professor haver cortado o bolo, seus discípulos retiraram de uma sacola de plástico a placa que haviam mandado fazer em sua homenagem, contendo os pensamentos filosóficos daquela plêiade de amigos sinceros, e a ele entregaram, com discursos e palavras de saudação.

Emocionados, viram quando ele colocou os óculos para poder ler os pensamentos filosóficos contidos naquela placa que lhe ofertavam. Logo após focalizar os olhos na mesma, o mestre conseguiu ler o seguinte texto:

Caro mestre e amigo,

Estes pensamentos foram elaborados por seus próprios discípulos e esta placa constitui um presente, de seus amigos e admiradores, em reconhecimento à sua grande sabedoria filosófica:

- ***Só sei que nada sei (Sócrates), mas se algum dia souber que sei, então saberei, ou não, se sei ou se não sei! (pré-cadete Ricardo L.M.);***
- ***Ser ou não ser não é a questão! (Shakespeare) A questão é quando começam a desconfiar que você seja... (pré-cadete Gustavo P.R.);***
- ***Se o homem é um caniço pensante (Pascal), sua mulher logo se mudará para a casa do amante! (pré-cadete Henrique Y.F.);***
- ***Conhece-te a ti mesmo (Oráculo de Delfos/ Sócrates); pois, na vizinhança já te conhecem e falam mal de ti pelas costas! (pré-cadete Miguel D.E.);***
- ***Escolhe um trabalho de que gostes e não trabalharas um só dia em tua vida (Confúcio); escolhe uma mulher de que gostes e trabalharas todos os dias! (pré-cadete Carlos S.A.);***
- ***Penso, logo... (Descartes) em seguida me esqueci daquilo tudo que pensei! (pré-cadete Mário Z.C.);***
- ***Como a dúvida pode ser o princípio da sabedoria (Aristóteles), se a verdadeira sabedoria é jamais ter dúvidas? (pré-cadete Oscar H.G.);***
- ***A dialética transcendental perder-se-á, para sempre, entre antinomias e paralogismos, a menos que a teologia racional supere a tradição epistemológica! (pré-cadete Eduardo V.L.).***

Ao terminar o professor de ler os dizeres da placa, todos os alunos perceberam os olhos do velho mestre marejados de lágrimas. Em seguida, viram-no deixar no chão (ao lado da poltrona em que estava sentado) a placa que recebera dos seus alunos, levantar e se

encaminhar, com a cabeça baixa, para a porta de saída. Observaram quando, lá chegando, ele abriu a porta e, passando por ela, saiu para o corredor externo, fechando-a devagar.

Algum tempo depois, seus amigos e discípulos, tendo imaginado que ele, emocionado, havia saído para tomar ar e para que não o vissem chorando de alegria e de satisfação pelo presente recebido, vendo que ele não retornava para o apartamento, ao tentarem abrir a porta constataram que a mesma estava trancada, com chave, pelo lado de fora. Tiveram de chamar os bombeiros para retirá-los, bêbados, daquele apartamento apertado e enfumaçado no terceiro andar do prédio.

O professor não voltou mais para o apartamento após aquela noite trágica. Seus discípulos e amigos não o encontraram mais pelas ruas da cidade de Barbacena, nem ele retornou as suas aulas na EPCAR. Jamais souberam, a partir de então, do seu paradeiro...

33. O maníaco por mulheres

Era um tipo magro e baixinho e sua pele era de uma tonalidade meio branco amarelada, indicando que raramente tomava sol. Ele possuía espinhas no rosto, os seus lábios eram grossos e o seu cabelo era de uma tonalidade castanha e um pouco enrolado. O único interesse que tinha na vida eram as mulheres, segundo propalava e conforme podíamos observar; tanto é assim, que nos até já o havíamos apelidado de tarado. Não diria que era um mau aluno; mas, não tinha nenhum interesse pelas matérias que os professores dedicadíssimos lecionavam na Escola Preparatória de Cadetes do AR, de Barbacena. Nas provas, embora não estudasse quase nada, tirava as notas mínimas suficientes para ser aprovado.

Em todos os sábados preparava-se, cuidadosamente, antes de sair para a cidade de Barbacena. Tomava um longo banho quente por volta das dezessete horas, colocava desodorante, passava em suas partes íntimas uma pomada chamada Profil (segundo ele, aquela pomada protegia contra qualquer uma das doenças sexualmente transmissíveis), colocava um preservativo na carteira, um pouco de perfume e partia, calmamente, para sua caçada noturna pelas ruas centrais e periféricas da cidade de Barbacena.

Não era de andar em grupos como a maioria dos alunos; pois gostava de caçar sozinho.

Quando alguns companheiros mais gozadores lembravam a ele suas condições físicas desfavoráveis, ele costumava dizer que a maioria das mulheres procurava homens ativos e de grande potência sexual e não homens bonitos. O fato é que, após as sessões dos três cinemas da cidade, quando os espectadores saíam caminhando em direção à Praça dos Andradas, ele estava sempre de mãos dadas com alguma garota. Diga-se de passagem, que estas garotas se alternavam todos os fins de semana. Parecia, realmente, que ele era disputado por algumas mulheres da cidade. Talvez seu desempenho fosse acima da média e sua fama de bom amante corresse à boca pequena, entre um determinado público feminino local. O fato é que ele era sempre visto com belas mulheres jovens ou maduras em bailes, nos cinemas, nos bares e passeando pelas ruas, provocando, com certeza, inveja

naqueles seus companheiros de caserna, eventualmente mais bem feitos de corpo, mais inteligentes e até mesmo mais bonitos do que ele.

Nos bailes, segundo ele fazia questão de dizer, possuía uma técnica infalível de escolher a mulher certa. Olhava uma vez para determinada mulher na qual estivesse interessado, de maneira que ela percebesse que ele a olhava. Em seguida, desviava o rosto, olhando para outro lado. Alguns minutos depois voltava a olhar para ela; se ela estivesse olhando novamente para ele, considerava que havia interesse da parte dela e, então, partia para cima. Muitas vezes aquele olhar da mulher era de espanto perante a ousadia daquele baixinho, feio, ao pensar que ela poderia se interessar por ele. Ocorre, porém, que as virtudes, as qualidades, os vícios e os defeitos, foram espalhados, pelo Criador, mais ou menos equitativamente pelos seres humanos; isto é, apenas excepcionalmente uma determinada pessoa possui todas as boas qualidades físicas, de caráter e de espírito; como também, só excepcionalmente alguém possuirá todas as qualidades más, os vícios e os defeitos. Normalmente todos recebem um pouco de tudo.

Ele, embora baixo, magro e feio, possuía uma capacidade de convencimento acima da média e uma conversa agradável ao extremo, o que cativava, imediatamente, qualquer pessoa que com ele conversasse. Era feio por fora, mas era bonito por dentro. Além disto, a julgar pelas mulheres com quem andava acompanhado, é de se presumir que tudo aquilo que ele dizia de si, referente ao seu desempenho sexual, também fosse verdade. O fato é que, em certa ocasião, durante um baile na cidade, presenciei uma cena inusitada que, certamente, fará com que seu nome fique, para sempre, nos anais das lendas referentes aos amantes da história (bem ao lado do Rei Salomão, de Bhupendra Singh, de Jorge IV, de Fath Ali, de Giacomo Casanova e de Dom Juan), como também na galeria dos grandes amantes que já passaram pela EPCAR.

A cena ocorreu no salão do Automóvel Clube local, durante um baile no domingo, em que ele compareceu fardado com uma de suas namoradas. Naquele dia, no salão, inúmeras damas que bailavam já tinham sido também suas namoradas e provado de seus beijos e de seus carinhos. Vendo-o dançar de rosto colado com a atual namorada, creio eu que motivadas exclusivamente pelo ciúme, foram tomadas por incontida fúria e, largando seus pares no meio do salão, partiram para cima dele, socando-o e rasgando sua farda. Foi salvo por alguns outros

companheiros presentes ao baile, que o colocaram em um taxi e o trouxeram de volta para a escola.

Aquele fato foi a sua glória e motivou uma salva de palmas e uma volta olímpica triunfal, pelo alojamento, nos ombros dos demais companheiros que se encontravam no quartel preparando-se para dormir quando da sua chegada, ao tomarem conhecimento do fato ocorrido, através dos colegas que vieram juntos com ele naquele mesmo taxi.

33. Os Deuses invadem a Terra

O acontecimento que abalou a pequena cidade de São João dos Escravos, no interior de um Estado do Nordeste, ocorreu muito antes de a mídia mundial começar a divulgar, incansavelmente, casos de contatos de primeiro, segundo e terceiro graus com seres extraterrestres ou, até mesmo, episódios de abduções por naves alienígenas. Os únicos seres que poderiam almejar descer dos céus, conforme a crença local admitia, eram os anjos, que o padre da antiga igreja construída pelos primeiros desbravadores do sertão não cansava de elogiar em suas pregações aos domingos e dias santos. O núcleo que originou o município surgiu ao redor da capela dedicada a São João dos Escravos, a beira do caminho velho para o interior do Estado.

O município estava situado em uma posição privilegiada, quando da expansão agrícola daquela região nordestina.

Há muitos anos atrás, naquele lugar longínquo onde a televisão ainda não havia chegado, os jornais saíam quinzenalmente e a rádio local apenas irradiava as palavras do vigário e uma ou outra música sacra, dentre as quais a mais tocada era a Ave Maria, era praticamente impossível uma estória como esta que vou lhes narrar - por havê-la ouvido da boca de um colega meu de turma, na EPCAR, que dela participara como um dos seus coadjuvantes - não ser integralmente verdadeira e aceita, sem questionamentos, pelos habitantes locais.

Segundo o meu colega me confidenciou em determinada ocasião, o seu pai, em razão de grave revés financeiro sofrido em decorrência da comercialização de 'produtos piratas'; isto é, falsificados, mudara-se com toda a família para aquele município, que possuía alguns garimpos de ouro e de pedras preciosas; bem como, fazendas dedicadas ao café e à produção agropecuária, objetivando entrar para o ramo da exportação clandestina de pepitas de ouro e daquelas pedras abundantes no local e, com isto, recuperar o seu anterior patrimônio perdido.

A casa onde foram residir ficava às margens de um ribeirão, que, embora normalmente manso, na época das chuvas tornava-se caudaloso e avançava até quase o quintal da sua casa.

Em uma casa vizinha à dele residia uma família de gaúchos, que também fora para aquela região, alguns anos antes, buscando tentar a

sorte na agricultura. Possuíam duas filhas, uma com dezessete anos e a outra com dezoito. As meninas eram lindíssimas; tinham belos olhos verdes, cabelos louros e corpos que eram olhados com inveja pelas outras mulheres e com cobiça por todos os homens do local. Sabedoras do valor intrínseco que possuíam, em uma terra onde o tipo físico predominante de mulher era o da cabocla ou da cafuza, vendiam bem caro os seus olhares brejeiros àqueles pobres jovens locais, que as assediavam em suas incansáveis disputas.

Entretanto, por força dos hormônios próprios daquela idade, eram vistas, muitas vezes, suspirando pelos cantos e folheando uma ou outra revista que lhes caía às mãos, com fotos de artistas de cinema, de cantores ou de atletas de qualquer modalidade esportiva.

Em uma manhã nublada, após uma noite chuvosa com muitos raios e trovões, quando o nível do rio subira quase a ponto de alcançar a cerca do terreno da casa delas, seus pais, ao entrarem no quarto que as meninas ocupavam, para acordá-las, constataram que as mesmas haviam desaparecido. Procuraram-nas primeiro pelas vizinhanças, com o auxílio de amigos da família e de admiradores das moças; depois, por todo o município, com o auxílio da polícia. Havia desaparecido totalmente.

Parecia que ambas tinham sido conduzidas dali para local desconhecido, sem deixar nenhum vestígio ou marcas. Suspeitou-se de assassinato, de rapto ou, até mesmo, de fuga. Entretanto, por mais que o povo da cidade especulasse a respeito, seus pais não viam qualquer motivo para nenhuma das hipóteses levantadas.

Instadas pelo padre e pela congregação de beatas, foram feitas inúmeras novenas milagrosas, rogando aos céus pela volta das duas lindas jovens.

Meu colega, como jovem vizinho e admirador fervoroso de ambas, que costumava espioná-las tomando banho no rio, quase desnudas, participou, voluntária e incansavelmente de todos os esforços promovidos para encontrá-las, pois ainda não havia perdido as esperanças de, algum dia, vir a desfrutar do interesse e dos favores de alguma delas.

Por fim, com o passar do tempo, todos assumiram que elas realmente haviam desaparecido misteriosamente para não mais voltar e as buscas pelas duas meninas cessaram.

Tendo passado oito meses da data do sumiço das jovens, em uma bela manhã de sol, as duas apareceram no centro da cidade, cada uma

carregando uma pequena maleta na mão. Vinham da direção da fazenda de propriedade de dois irmãos, solteiros e ricos, que plantavam café para exportação. Traziam, além das pequenas maletas, duas enormes barrigas, indicando que ambas estavam já pelo oitavo ou nono mês de gestação.

Em casa, na presença dos pais, do padre e de diversos moradores, puderam, finalmente, contar uma fantástica estória sobre o que lhes havia ocorrido. Segundo relataram, envergonhadas e cabisbaixas, naquela noite de chuva forte, repentinamente, o quarto onde dormiam havia sido iluminado por uma intensa luz que as cegou momentaneamente. Com a diminuição gradativa da intensidade da luz, puderam ver dois anjos que as convidaram a visitar a morada dos Deuses. Os anjos fizeram-nas entrar em um veículo prateado que, a uma velocidade incrível, as havia conduzido para um planeta distante, em um local do céu para elas totalmente desconhecido. Naquele novo planeta tudo era diferente do que conheciam. Embora só tivessem ficado poucos dias visitando aquele local, os anjos lhes informaram que no lugar de onde tinham vindo (Terra) já havia transcorrido vários meses, em razão do fenômeno físico da relatividade espaço-temporal.

Os anjos, ao conduzi-las de volta ao nosso planeta, afirmaram que o crescimento de suas barrigas, que elas já haviam notado, era normal e devia-se a um fator gravitacional que acometia a todos os viajantes espaciais. Com o passar do tempo o inchaço das barrigas desapareceria. Disseram também que os Deuses, dentro de mais alguns dias, enviariam dois bebês para que elas cuidassem, com vistas a observar se aqueles pequenos filhos de divindades se adaptariam à vida em nosso planeta, com sua excessiva gravidade e com sua atmosfera extremamente densa.

Seus pais, muito religiosos, ajoelharam-se para orar em agradecimento, no que foram seguidos pela multidão de trabalhadores rurais e de garimpeiros que a tudo assistia. O padre, demonstrando certo ceticismo, deu início a uma oração em louvor, que foi rezada por todos os presentes naquela ocasião.

Os bebês, que chegaram poucos dias depois, eram, na opinião daqueles que os contemplavam, muito parecidos com os dois ricos fazendeiros locais; os quais, rapidamente, prometeram ao padre mandar erguer em suas terras uma capela em agradecimento aos Deuses por aquela deferência de enviar dois bebês anjos, tão parecidos com eles.

Certa ocasião, meses depois, meu colega realizava um pequeno trabalho a pedido do pai das jovens, no sótão da casa deles, quando, ao abrir um baú cheio de velharias encontrou o livro de um autor inglês, traduzido para o português, com uma estória muito parecida com aquela do depoimento que ouvira relatado pelas meninas.

Muito religioso, meu colega imediatamente pensou, fazendo contristado o sinal da cruz: - "Milagres realmente acontecem. Quando os Deuses querem, até mesmo a ficção pode se transformar em realidade"!

34. Sobre a Ordem de Precedência nos Negócios do Além

Muito já se escreveu sobre a ordem de precedência nos negócios do Além. Inúmeros filósofos e pensadores religiosos, ao longo da História, dedicaram seu tempo a analisar esta eventual possibilidade. Tendo este assunto suscitado recentemente alguma polêmica entre os integrantes da Turma Sai da Reta, em razão do falecimento de alguns de seus membros; com o objetivo de melhor, e mais claramente, tentar elucidar esta questão, eu resolvi escrever o presente texto.

Sem desejar passar por erudito, em uma rápida revisão da Literatura sobre esta matéria, mencionada à continuação, pude constatar as seguintes opiniões de alguns pensadores e filósofos sobre o referido assunto:

Agostinho de Hipona (Santo Agostinho – 354/430 D.C.) – Como um dos primeiros pensadores cristãos de orientação Platônica, acreditava na precedência dos homens de fé nos negócios do Além; isto é, o Criador atenderia em primeiro lugar aos desejos e interesses daqueles que eram possuidores da fé, para, posteriormente, atender aos reclamos daqueles de pouca ou de nenhuma fé. Para Agostinho esta era uma demonstração da verdadeira justiça divina;

Tomás de Aquino (1226/1274 D.C.) – Como um pensador Aristotélico, achava que a precedência existia, de fato, notadamente para atender aos interesses dos próceres das religiões, como ele próprio. Sendo eles os responsáveis pelo pensamento e pela disseminação das coisas religiosas, nada mais justo que seus desejos fossem atendidos, pelo Criador, em primeiro lugar;

François Marie Arouet (Voltaire – 1694/1778 D.C.) - Voltaire achava que o Criador tinha mais o que fazer, ao invés de ficar se preocupando com tolices como esta; isto é, se existia ou não a tão falada precedência no Além. Segundo ele, o Criador de todas as coisas não perderia seu tempo com assunto tão irrelevante; já que, gastava-o corrigindo as órbitas dos planetas e os rumos das galáxias, coisas muito mais importantes sob o ponto de vista da criação;

Friedrich Nietzsche (1844/1900 D.C.) – Nietzsche, pouco antes de ficar louco, afirmou em seu livro 'Além do Bem e do Mal', que a Igreja Católica era a grande responsável pela difusão de tais conceitos

de ordem de precedência no Além; pois seu objetivo maior era o de angariar adeptos interessados nesta precedência de atendimento. Muitos fiéis chegavam a pagar elevadas quantias por tais favores (indulgências) esperando, com isso, atrasar suas partidas e/ou obter os melhores lugares na grande mesa do banquete, promovido pelo Criador após o Juízo Final;

Outras opiniões certamente existirão sobre assunto tão polêmico, entretanto, resolvi ficar apenas com estas; já que, o espaço e o tempo de que disponho são limitados e também porque desejo expressar a minha própria opinião sobre a matéria.

Não farei referência a Mitologia Grega relativa à barca do inferno que, conduzida pelo barqueiro Caronte, levava a alma dos mortos (priorizando a dos mais novos em detrimento da dos mais velhos) à outra margem do Rio Estige, que separava o mundo dos vivos e o dos mortos; visto que isto já foi feito por muitos outros autores em outras ocasiões.

A análise que farei a seguir tem por base simplesmente a razão; ou seja, os argumentos expostos serão aqueles que tão bem caracterizam a nossa espécie humana; isto é, os argumentos racionais.

Começando pelo mito de Adão e Eva (os dois espécimes mais antigos relatados em documentos religiosos), constatamos que o Criador de todas as coisas privilegiou-os colocando-os no Paraíso. O mesmo não ocorreu com os que vieram depois, colocados que foram no planeta Terra que muitos consideram como a própria sucursal do Inferno ou, talvez, uma franquía dele.

Com o desenvolvimento posterior da sociedade humana, para que a nossa espécie pudesse se expandir e prosperar se tornou imprescindível a institucionalização da denominada Ordem. Esta, por sua vez, está fundamentada na chamada Hierarquia, que estabelece o conceito de Precedência. Como a própria palavra indica, a Precedência é o critério que faz com que os que precedem (chegaram antes), sejam os de maior hierarquia e os responsáveis pela implantação da Ordem.

Evidentemente, no mundo moderno, muitos destes conceitos foram subvertidos, dando-se, na atualidade, precedência aos mais espertos, aos mais fortes ou aos mais inteligentes. Limitando-me, porém apenas a Etimologia do vocábulo, nós podemos constatar que a verdadeira precedência é a daquele que chegou primeiro, no tempo e no espaço, em algum lugar do Universo.

Se as coisas se passam desta forma no mundo material, com toda a certeza, assim deverão se passar também no mundo espiritual; já que, ambos estão intimamente interligados. O Criador, que aos dois deu vida, não usaria critérios diferentes para tratar de um mesmo assunto. Portanto, podemos concluir, tão somente com base na razão que norteia os nossos pensamentos, que a precedência é um critério que também existe na dimensão etérea.

Voltando, agora, cinqüenta e poucos anos no tempo, pensemos naquele dia 06 de março de 1961, quando duzentos e poucos jovens animados pelo desejo de servir à pátria, adentraram, pela primeira vez, o Portão da Guarda da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena. Esperando-os, já encontraram diversos outros companheiros que os haviam precedido um ano antes. Naquela escola, como na vida militar de um modo geral, a precedência se materializava de várias maneiras: servir-se primeiro nas refeições do rancho, entrar primeiro em viaturas e em instalações físicas; bem como escolher em primeiro lugar determinadas coisas, funções, etc. etc. etc.

Ora, tendo em vista aquilo já exposto nestas poucas páginas podemos concluir, sem nenhum sofisma, que a mesma ordem de precedência existente na EPCAR nos idos de 1960, deverá, também, ser respeitada e mantida no Território do Além; principalmente, porque não vislumbramos nenhuma razão superveniente para que a ordem de precedência estabelecida, naquela ocasião, venha a ser divinamente alterada. A referida Ordem, vigente para as Turmas de 1960 e de 1961, para aqueles que a desconhecem, pode ser encontrada em duas placas nominativas com a relação dos integrantes da Turma dos Brasinhas (1960) e da Turma Sai da Reta (1961), por ordem de antiguidade, afixadas atualmente em local de destaque na EPCAR. Ali são listados, nominalmente, todos os integrantes de ambas as turmas pela ordem de precedência ou de antiguidade; isto é, desde os mais antigos até os mais modernos.

Finalmente, considerando que a precedência a que me refiro quando falo do mundo espiritual (da mesma forma daquela existente no mundo material) é a de poder escolher primeiro que os demais, o lugar, a hora e o dia em que gostaríamos de abandonar esta adorável vida que levamos, como aposentados na Terceira Idade; tem-se que aqueles mais antigos (nesta e naquela dimensão) deverão, certamente, poder escolher, em primeiro lugar, a ocasião em que desejarão partir.

Como se trata de uma dança das cadeiras, onde a ocupação de vagas na existência humana, para pessoas tão idosas, seja relativamente reduzida e os espíritos necessitando desencarnar para dar lugar a novos espíritos (que necessitam de uma existência material para poder evoluir) sejam relativamente muitos, a ordem de desencarne dos jogadores, com toda a certeza, partirá daqueles mais modernos para os mais antigos; isto é, daqueles últimos nomes das placas a que me referi anteriormente, para os primeiros nomes das mesmas, salvo melhor juízo. Estas considerações, evidentemente, valem não apenas para as duas turmas citadas, mas, para qualquer turma que tenha passado pela EPCAR desde o ano de 1949.

35. O Pátio do Bandeira

No dia 06 de março de 2011 a Turma Sai da Reta, que havia entrado para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar em Barbacena, Minas Gerais, no ano de 1961, completou 50 anos da saudosa passagem por aquela Organização Militar.

Aquele foi um dia festivo na referida escola, de inúmeras comemorações nas quais se achava presente a maior parte dos antigos alunos (em sua maioria coronéis, brigadeiros, advogados, médicos, engenheiros, economistas e empresários), acompanhados das esposas, dos filhos e dos netos.

Um daqueles ex-alunos, mais do que qualquer outro, tinha razões para se sentir extremamente feliz naquele dia. Tratava-se do 61-178, Jefferson Vianna Bandeira (engenheiro naval e nuclear), que, durante o tradicional desfile de toda a turma, feito no Pátio da Bandeira (local da passagem diária do serviço de Aluno de Dia e de saudação à Bandeira Nacional), ao som da Banda Marcial da EPCAR e com a presença dos Comandantes da Aeronáutica (Juniti Saito) e da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, além de dois companheiros de turma ministros do Superior Tribunal Militar (José Américo e William) e de todo o Corpo de Alunos formado, conduzia seu Chevrolet Fleetmaster, ano de 1947, automóvel este cuja história eu passarei a relatar:

Em abril de 1950, quando o Bandeira tinha cinco anos e um mês de idade teve uma das maiores alegrias da sua vida, ao ver o pai chegando de viagem com um motorista (naquela ocasião seu pai ainda não tinha carteira de habilitação), em um carro azul maravilhoso. Tratava-se de um Chevrolet modelo Fleetmaster, ano de 1947, construído no Canadá como seu pai lhe contou na ocasião.

A cor do veículo, na atualidade, ainda é a mesma original e tem o número de catálogo 349 (Freedom Blue). Esta foi uma cor que a Chevrolet criou no pós-guerra e chamava-se Azul Liberdade.

A velocidade e a quilometragem do veículo são marcadas em milhas e o odômetro marcava, naquela época, 12.000 milhas. Hoje, ele marca cerca de 99.500 milhas e nunca virou as 100.000 milhas. Talvez seja um dos carros deste tipo menos rodados em todo o mundo.

Era o primeiro e foi o único carro que o seu pai teve na vida e chegou com ele, em sua casa, depois de viajar em companhia do motorista por três dias em uma estrada de terra, desde o Rio de Janeiro. Não havia ainda a BR-3, atual BR-040. A única estrada razoável era o trecho da Rodovia União e Indústria entre o Rio e Juiz de Fora, trecho este construído ainda no tempo do Império.

A primeira placa do carro, que seu pai escolheu no Departamento de Trânsito, teve o número: 1-1940. Isto em homenagem ao ano em que ele se casou: 1940. Quando vieram as placas alfanuméricas, na década de 1960, a placa do carro mudou para AE-9305. O Bandeira aprendeu a dirigir no carro do seu pai, em 1958, com 13 anos.

Já como aluno da EPCAR, muitos colegas que iam de licenciamento à Belo-Horizonte, entre 1961 e 1963, passearam com ele no Chevrolet por aquela capital.

Em 1978, seu pai, que já não querendo mais dirigir, pensou em se desfazer do carro. Bandeira lhe disse que estava interessado em comprá-lo. Ele sorriu e perguntou: quanto você tem na carteira? Bandeira abriu a carteira e a primeira nota que pegou foi uma de cinco cruzeiros, aquela meio marrom com a cara do Barão do Rio Branco. Tirou a nota e lhe mostrou. Seu pai então disse: o carro é seu!

O veículo estava com a pintura meio desbotada, pois, após a morte da sua mãe e a saída dos filhos de casa, seu pai se casou de novo e mudou-se para um apartamento, onde a garagem era descoberta e a ação do sol foi implacável com a pintura original. O carro nunca foi batido fortemente; teve, apenas, um pequeno acidente, quando um bonde se chocou com o lado traseiro direito, que teve de ser retocado.

Devido à descoloração da pintura pela ação do sol, Bandeira resolveu fazer uma nova pintura externa e a manutenção mecânica e elétrica geral, o que teve lugar entre 1979 e 1981. Naquela ocasião, como o carro era importado e já tinha mais de 30 anos, não conseguiu no mercado brasileiro a cor original. Assim, optou por pintar o carro da cor Azul Tapajós, a cor de linha da Chevrolet que mais se assemelhava ao "Freedom Blue" original. Ele comprou, no DETRAN mineiro, a placa BH-1947 (BH de Belo Horizonte, onde reside), seguida do ano de fabricação do carro. O DETRAN de BH reservava estas placas para os carros antigos e a renda com a venda das placas ia para algumas instituições de caridade. Aquela placa era ainda a de cor amarela.

Em 1996 submeteu seu carro à avaliação para concessão de placa preta. Ele foi aprovado e não deixaram que ele continuasse com a placa BH-1947, pois as placas já haviam passado para as atuais, de três letras e quatro números. Assim, pediu uma placa com o número 1947 e lhe concederam a atual placa: GXP-1947.

Quando ele resolveu restaurar o carro completamente, para o desfile do cinquentenário da Turma Sai da Reta (de 1961), na EPCAR, nos moldes e na qualidade dos colecionadores do Veteran Car Club, mandou fabricar a tinta original com base nos catálogos digitalizados da Chevrolet e, também, por comparação visual com partes pintadas que estavam nas dobras da estrutura do carro, quando este foi desmontado.

Assim, conseguiu obter parte de superfície pintada ainda em 1947, nunca exposta ao sol, quando desmontou a aba metálica que existe acima dos quebra-ventos das portas da frente. Teve toda assessoria de restauração do Eng. Paulo Cesar Guarino, carioca que mora em BH e é membro do Veteran Car Club de Minas Gerais, sendo, também, o avaliador do DETRAN-MG para a concessão de placas pretas aos carros antigos restaurados em Minas Gerais. Bandeira conseguiu, então, mandar fabricar a tinta da cor original, que é a Freedom Blue e pintou com ela o veículo que desfilou em 2011 na EPCAR.

A capa azul do estofamento, seu pai mandou colocar ainda na década de 60, para proteger o estofamento original. Como não deu tempo de terminar a restauração para a comemoração do cinquentenário da Turma Sai da Reta, Bandeira o fez posteriormente, restaurando os bancos e as portas. Não foi possível aproveitar o estofamento original, mas conseguiu nos USA uma lã de casimira, muito semelhante. As partes melhores do estofamento original ele aproveitou para fazer uma capa para o pneu estepe e também uma capa para o manual do carro, que ainda conserva no porta-luvas.

Voltando às festividades de 2011, naquela manhã ensolarada com todos os ex-alunos de 1961 reunidos no Pátio do Bandeira (agora não mais Pátio da Bandeira), pois ele, em seu Chevrolet azul, sendo alvo da atenção de todos os presentes, dava início e puxava o desfile de seus companheiros da Turma Sai da Reta, seguidos pelo Corpo de Alunos da EPCAR.

Naqueles breves minutos em que durou o desfile ele e o seu velho automóvel foram o centro de todas as atenções e aquele local

transformou-se, naquela ocasião, no Pátio do Bandeira. Dirigindo o veículo sua mente reviveu inúmeros momentos de felicidade vividos naqueles idos de 1961 e naquele próprio pátio, onde tantas vezes ele desfilara em companhia de seus companheiros de turma, alguns já falecidos; mas, sem dúvida alguma, cujos espíritos estavam acompanhando aquele evento, talvez muito próximos da turma que desfilava ao som da Banda marcial ou, até mesmo, entre as suas fileiras (quem sabe até não estariam confortavelmente sentados nos bancos do velho Chevrolet, ao lado do companheiro que puxava o desfile?).

Ao passar pelo palanque das autoridades Bandeira contemplou o Tenente Brigadeiro Juniti Saito, Comandante da Aeronáutica, contemporâneo da Turma de 1960, e os Tenentes Brigadeiros José Américo dos Santos e William de Oliveira Barros, Ministros do Supremo Tribunal Militar, colegas da turma de 1961, as maiores autoridades militares presentes àquela solenidade.

Findo o desfile, ao percorrer com seu carro as velhas alamedas da escola, onde tantos episódios haviam sido vivenciados por ele em sua juventude, lágrimas de saudade e de felicidade escorreram pela sua face. Havia comparecido àquela solenidade, justamente para isto, para resgatar seu passado ao lado de companheiros saudosos e amigos fiéis.

O velho Chevrolet Fleetmaster, desde então, está guardado com carinho em sua garagem, esperando outra oportunidade para conduzir o desfile da Turma de 1961, agora, porém, como um companheiro saudoso e como um novo integrante da Turma Sai da Reta.

37. Um Dia Muito Triste

Naquele dia, nos idos de 1964, o acontecimento que vivenciei afigurou-me como um dos mais tristes de quantos já haviam me ocorrido, em meus vinte anos de existência.

Como sempre fazia, acordei cedo, fiz minha higiene pessoal e dirigi-me, em formatura, para o rancho da antiga Escola de Aeronáutica, localizada no Campo dos Afonsos, no Bairro de Marechal Hermes, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

Após o café da manhã (constituído, lembro-me bem, por um prato de mingau de sagu, um bife com ovo, pão com manteiga e café com leite), voltei ao alojamento para trocar o uniforme diário pelo macacão de vôo azul escuro, que ficava pendurado em ganchos de madeira do lado de fora do alojamento.

Do pátio em frente ao Corpo de Cadetes, todos aqueles que voariam naquela manhã seguiam em formatura até o hangar do Estágio Primário, o último deles, quase na divisa da Escola de Aeronáutica com a Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar.

No trajeto, passando pelos Estágios Avançado e Básico, víamos dezenas de aviões NA-T6 e Fokker T-21, estacionados, lado a lado, no grande pátio de grama em frente aos prédios. Alguns destes aviões estavam sendo pilotados por cadetes mais antigos ou por oficiais. Tais pilotos, para brincar com os militares que marchavam em direção ao Estágio Primário, voltavam seus aviões de costas para nós e, pisando nos freios, aceleravam os motores a pleno. O vento que as hélices produziam, faziam nossos casquetes e bonés caírem ao solo, desorganizando a formatura. O barulho de vários motores funcionando, ao mesmo tempo, era ensurdecador. Creio que aquela era uma maneira deles nos darem as boas vindas ao mundo da aviação militar.

Chegando ao hangar do Estágio Primário, era dado o fora de forma e cada um se dirigia ao depósito de paraquedas, para apanhar o seu. Após isto, em um quadro onde ficavam placas de metal com os números das aeronaves, cada cadete virava a placa do seu avião ao contrário, para indicar que aquela aeronave estava em missão de vôo e, portanto, indisponível. Os que voariam com seus instrutores recebiam a explicação sobre a missão em uma pequena sala do

hangar. Os que voariam sozinhos podiam se dirigir, de imediato, para as aeronaves.

Tendo solado no dia anterior com um total de quatorze horas de vôo e vinte e quatro pousos, àquele seria o meu primeiro vôo solo, após haver voado sozinho na véspera por cerca de vinte minutos, sem a presença do instrutor. O percurso que deveria fazer naquele dia era o de ida e volta até a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes, nossas áreas de instrução.

Adiantei-me aos demais companheiros, pois tinha pressa em efetuar minha primeira missão solo. Apanhei o paraquedas, vesti-o, fiz o cheque externo da aeronave Fokker T-21, entrei na cabine, dei a partida e segui, conduzindo o avião pelo campo, em direção à pista 17. Chegando à cabeceira da pista, fiz o cheque interno e preparei-me para a decolagem.

A única coisa de que me esqueci foi de olhar para a torre de controle, já que a aeronave não dispunha de rádio.

A torre estava me dando luz vermelha, pois os vôos haviam sido suspensos em decorrência de mau tempo, com nuvens imensas cobrindo toda a cidade do Rio de Janeiro.

Sem o conhecimento da proibição dos vôos, dei manete a pleno, soltei os freios e iniciei a corrida pela pista. Quando a cauda levantou, puxei o manche suavemente e o avião ganhou altura. Usei o compensador para apressar a elevação da aeronave e, em seguida, entrei em uma imensa nuvem cinza que me tirou toda a visão. Meu vôo era visual, como o de todos os cadetes do primeiro ano e eu deveria me dirigir para a área de instrução na Barra da Tijuca. Porém, dentro daquela nuvem, eu não tinha a menor idéia de onde ficava a área de treinamento. O que fiz, em seguida, foi subir mais, tentando livrar-me da nuvem. Por mais que subisse, não conseguia sair de dentro dela. Tentei, então, descer. Porém, por mais que descesse, chegando perto dos cem metros de altura, também não conseguia sair de dentro dela. Novamente, ganhei altura prevendo a colisão com alguma montanha, o que, felizmente não ocorreu. Depois de quase uma hora voando a esmo, percebi uma abertura nas nuvens que descortinou uma estrada e a chaminé de uma fábrica que soltava fumaça amarela. Rumei em direção à abertura e, descendo por ela, consegui avistar uma pastagem na qual resolvi pousar. Efetuado o procedimento que aprendera (de perna com o vento, perna base e reta final), comecei a baixar em direção à pastagem. Na reta final puxei a alavanca dos 'flapes' e, arredondando alto, fiz um pouso chapado (pouso em que a aeronave

corre pouco pelo solo) e dei um cavalo de pau para a direita, parando o motor.

Desci do avião e circulei pelo local. Pouco a frente, deparei com um grande e profundo barranco, onde a aeronave deveria ter caído se o pouso não tivesse sido chapado (por obra do acaso) e se eu não tivesse dado o cavalo de pau (também por obra do acaso).

Pouco depois chegou uma pessoa de bicicleta que declarou ser o cabo do Exército Aquiles Ventura, a quem dei o telefone do Corpo de Cadetes e pedi que entrasse em contato, informando o local em que me encontrava. Só através dele, naquela ocasião, eu fiquei sabendo que o local se chamava Jardim Ideal e que ficava no município de São João de Meriti.

Após a saída do cabo, chegou um delegado de polícia com alguns auxiliares; bem como, um mecânico, que me perguntou se o defeito era no carburador e se eu queria que ele desse uma olhada.

Pouco tempo depois o local do pouso estava repleto de moradores das imediações; alguns querendo subir nas asas para observar a cabine. O delegado e seus auxiliares puseram todos para correr.

Transcorridas algumas horas, notei no céu uma aeronave Fokker T-21 e um helicóptero da Força Aérea sobrevoando em círculos o local. O helicóptero pousou e a aeronave foi embora.

Pilotando o helicóptero estava o tenente Mello, nosso subcomandante de esquadrilha, mais conhecido como Mello Galinha, e que, posteriormente, tendo dado baixa, foi comandante da Varig.

Com o tenente Mello retornei à Escola de Aeronáutica, tendo ele antes deixado um soldado armado tomando conta do avião.

Ao chegar à escola, depois da hora do almoço, muitos já me imaginavam morto ou ferido; pois, não tendo retornado com a aeronave até então, certamente, havia caído após o combustível haver terminado, é o que meus companheiros julgavam.

Após explicar a todos eles o que havia ocorrido comigo, pegando-me nos ombros, jogaram-me, novamente, no lago do Lachê (lago este em que todos os aviadores eram jogados, logo após o vôo solo). Estou certo de que, em toda a história da Escola de Aeronáutica, eu fui o único cadete a ser atirado no lago por duas vezes.

Até então, em que pesem às vicissitudes pelas quais havia passado, aquele era o dia mais feliz da minha vida, pois havia escapado incólume daquele episódio, que, sem dúvida alguma, poderia ter me matado ou me deixado ferido.

Pouco depois, comunicaram a todos na escola que o nosso ex-comandante do Corpo de Alunos na EPCAR de Barbacena, Major Bertier de Figueiredo Prates, que naquela ocasião era o comandante do Primeiro Grupo de Aviação de Caça, baseado em Santa Cruz, no Rio de Janeiro, havia falecido pela manhã, ao ter a sua aeronave se chocado com uma montanha, em decorrência das nuvens que haviam coberto toda a cidade naquele dia.

Tendo tomado conhecimento do fato e sendo o major Bertier um líder para todos nós, que havíamos sido seus comandados naquela escola de Barbacena, meu sentimento, na ocasião, foi o de uma profunda tristeza. Eu, um simples cadete, totalmente ignorante das coisas da aviação, havia sobrevivido à existência daquelas nuvens, enquanto o Major Bertier, exímio piloto de caça, havia encontrado seu fim naquele mesmo dia, por conta daquelas mesmas nuvens. Certamente o Criador possuía seus motivos, embora eu não soubesse quais eram e não concordasse com eles. A tristeza, naquele dia, tomou conta de todos os que haviam sido seus superiores, comandados, amigos e companheiros de turma.

Lembro-me de que, junto à alegria de haver escapado com vida daquele episódio, uma extrema tristeza me invadiu na ocasião. Minha mente buscava resposta para uma questão irrespondível: porque aquela nuvem havia se localizado logo em cima de nossa cidade e contribuído para a morte prematura de um verdadeiro Ás da Aviação, de quem todos aqueles que o conheciam gostavam e admiravam?

37. Considerações sobre a Amizade

Como ex-aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena, organização militar na qual servi durante alguns anos, sinto-me na obrigação de discorrer um pouco sobre a amizade, virtude esta tão comum entre os integrantes de todas as turmas que por ali passaram; bem como, entre aqueles que estão a ela vinculados nos dias atuais.

Creio que foi o filósofo Aristóteles (324 a.C. a 322 a.C.), em sua 'Ética a Nicômaco', um dos primeiros a escrever, substancialmente, sobre a amizade, que considerava uma virtude extremamente necessária à vida. Segundo alguns pesquisadores, os escritos de Aristóteles consistem na mais completa e bela análise, que, filosoficamente, já se fez sobre o fenômeno da amizade. Anteriormente a ele, Sócrates (469 a.C. a 399 a.C.) já havia declarado: - *"Para conseguir a amizade de uma pessoa digna é preciso desenvolver, em nós mesmos, as qualidades que nela admiramos"*. Platão (427 a.C. a 347 a.C.) teria afirmado, por sua vez: - *"A amizade é uma predisposição recíproca que torna dois seres igualmente ciosos da felicidade um do outro"*.

Os Epicuristas (Epicuro 341 a.C a 270 a.C.) também exaltavam a amizade, na qual baseavam um dos fundamentos da sua ética e da sua conduta prática. Todavia, ela era uma manifestação na vida do sábio e não estaria da forma como foi considerada em Aristóteles, ligada as relações humanas. Epicuro estava disposto a oferecer a sua própria vida em benefício de um amigo, se necessário fosse; pois, para ele, os amigos eram as únicas pessoas em quem se podia confiar e deviam ser preservados em nossos corações.

Para o cristianismo o amor ao próximo veio superar o conceito de amizade, em termos filosóficos, pois o próximo é aquele que está perto de nós, podendo ser amigo ou inimigo; embora, muito antes do surgimento do cristianismo, Aristóteles já houvesse dito, com relação à amizade: -*"Comporte-se com o amigo como consigo mesmo. Veja nele outro eu"*!

No Wikipédia (biblioteca da WEB), encontramos que *"a amizade (do latim amicus, amigo, que possivelmente se derivou de amore, amar, ainda que se diga também que a palavra provém do grego) é uma relação afetiva, a princípio, sem características romântico-sexuais, entre duas pessoas. Em sentido amplo, é um relacionamento humano que envolve o conhecimento mútuo e a afeição,*

além de lealdade ao ponto do altruísmo. Neste aspecto, pode-se dizer que uma relação entre pais e filhos, entre irmãos, demais familiares, cônjuges ou namorados, pode ser também uma relação de amizade, embora não necessariamente”.

“A amizade pode ter como origem um instinto de sobrevivência da espécie, com a necessidade de proteger e ser protegido por outros seres. Alguns amigos se denominam “melhores amigos”. Os melhores amigos muitas vezes se conhecem mais que os próprios familiares e cônjuges, funcionando como um confidente. Para atingir esse grau de amizade, muita confiança e fidelidade são depositadas”.

“Muitas vezes os interesses dos amigos são parecidos e demonstram um senso de cooperação. Mas também há pessoas que não necessariamente se interessam pelo mesmo tema, mas gostam de partilhar momentos juntos, pela companhia e amizade do outro, mesmo que a atividade não seja a de sua preferência”.

“A amizade é uma das mais comuns relações interpessoais que a maioria dos seres humanos tem na vida. Em caso de perda da amizade, sugere-se a reconciliação e o perdão. Carl Rogers diz que a amizade é “a aceitação de cada um, como realmente ele é”.”

Voltando a Aristóteles, constatamos que este distinguia três tipos de amizades: a fundamentada no interesse, a baseada no prazer e a amizade perfeita.

As duas primeiras, segundo ele, “eram apenas acidentais, porque a pessoa amada não era amada por ser quem era, mas porque proporcionava algum bem ou prazer ao outro. Por isto, tais amizades se desfazem facilmente, se as partes não permanecem como eram no início, pois, se uma das partes cessa de ser útil ou agradável, a outra deixa de amá-la. Acresce que o útil e o prazer não são permanentes, mas estão constantemente mudando. Dessa forma, quando desaparece o motivo da amizade, esta se desfaz, pois existia apenas como um meio para chegar a um fim”. Quando a amizade é por prazer ou por interesse, até os maus poderiam ser amigos, conforme destaca o filósofo. Da mesma forma, os bons podem ser amigos dos maus e aqueles que não são nem bons nem maus podem ser amigos de qualquer tipo de pessoa; mas, por aquilo que são por si mesmos, só o terceiro tipo de amizade poderia ser considerado perfeito.

A amizade perfeita, para Aristóteles, seria aquela que “existiria entre indivíduos que são bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro, de maneira idêntica, e são bons em si mesmos. Estes seriam amigos em razão de suas próprias naturezas e não por acidente. Uma amizade assim, como seria de esperar, é permanente, visto que um encontra, no outro, todas as qualidades que os amigos devem possuir”. O filósofo, entretanto, salienta que amizades assim são raras, pois também são raros indivíduos como estes. Acrescenta, ainda, que “entre as pessoas idosas é menos freqüente surgir amizade (depois de já idosas), pois tais pessoas são menos bem-humoradas e não encontram muito prazer na companhia umas das outras; e a boa disposição e a sociabilidade são consideradas as marcas principais de amizade e são as suas causas”.

Não se pode ser amigo de muitas pessoas, no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, a não ser em casos excepcionais; pois, tais amizades demandam tempo para experiências, recíprocas, de convivência, que as tornem íntimas.

Destacava Aristóteles, ademais, que *"existe outra espécie de amizade que envolve uma desigualdade entre as partes, por exemplo, a amizade entre pai e filho, e em geral a amizade entre a pessoa mais velha e a mais jovem, a amizade entre marido e a mulher, e em geral a amizade entre quem manda e quem obedece".* "Essas amizades diferem umas das outras, pois a que existe entre pais e filhos não é a mesma que existe entre quem manda e quem obedece; nem a amizade de pai para filho é idêntica a de filho para pai, como a do marido para a mulher não é a mesma que a da mulher para o marido. De fato, a virtude e a função de cada uma dessas pessoas são diferentes, e por isso igualmente diferem o amor e as razões pelas quais as pessoas envolvidas são amigas". "Nessas diferentes espécies de amizade, cada parte, portanto, não recebe a mesma coisa da outra, e nem deveria pretender isso. Quando os filhos dão aos pais aquilo que devem dar aos que lhes deram a vida, e os pais aquilo que devem dar aos filhos, a amizade entre tais pessoas é duradoura e equitativa." "Em todas as amizades que envolvem desigualdade, o amor também deve ser proporcional, isto é, a parte melhor deve receber mais amor do que dá, assim como deve ser mais útil, e de modo análogo, em cada um dos outros casos, pois quando o amor é proporcional ao merecimento das partes, estabelece-se, de certa forma, a igualdade, que é considerada uma característica essencial da amizade".

Para o filósofo, a amizade devia ser distinguida das duas coisas com as quais parecia ter mais afinidade: o amor e a benevolência. Distinguida da benevolência porque esta pode ter como alvo pessoas desconhecidas e permanecer oculta, o que não ocorre com a amizade, e distinguida do amor, porque este é semelhante a uma afeição e a amizade a um hábito.

Aqueles que foram contemplados com a felicidade de poder dispor, na velhice, de um grande número de verdadeiros amigos - forjados durante a infância e a adolescência - podem se considerar seres humanos predestinados; pois, é acontecimento raro. A amizade desenvolvida entre amigos que conviveram juntos durante muito tempo (como aquelas que desfrutamos na vida militar) e que, eventualmente, correram riscos juntos, é indissolúvel. Ao se encontrarem, após anos de ausência, é como se o tempo não houvesse transcorrido.

Cito o exemplo da amizade desenvolvida entre aqueles que participaram de guerras e de revoluções, onde suas vidas, muitas vezes, dependeram de seus pares. Cito, também, a amizade existente entre o mestre e seus alunos ou discípulos, como é o caso de Frei Luis de León, professor da Universidade de Salamanca, na Espanha, no século XVI, que foi preso pela Inquisição em razão de traduzir livros

não autorizados pela Igreja Católica. Como seus alunos eram também seus amigos, após cinco anos de cárcere, tendo sido solto e havendo retornado à sua cátedra na universidade, na primeira aula que proferiu perante seus antigos alunos e amigos, iniciou com as seguintes palavras: - “Como decíamos ayer...” (Como dizíamos ontem...)

Finalizando como tudo na vida possui, no mínimo, duas interpretações de observação e de compreensão, reporto-me a dois pensamentos, opostos, sobre a amizade:

“É preciso ter sempre alguém em quem se possa confiar e falar abertamente, ao menos em um raio de dez quilômetros. Não adianta se estiver mais longe”.
(Guerdjef).

“Não te abras com teu amigo que ele outro amigo tem; e o amigo do teu amigo, possui amigos também...” (Mario Quintana).

38. O Piloto Brincalhão

O fato que passarei a narrar ocorreu com um velho companheiro de turma, da Escola Preparatória de Cadetes do Ar - EPCAR, de Barbacena, já aposentado na atualidade e residindo em Barbacena, cujo nome eu não mencionarei, em razão de o evento por ele vivido, quando ainda pilotava, ter sido tão inusitado e incrível, que desejo evitar seja ele procurado por alguns dos meus leitores, ao reconhecerem seu nome, objetivando satisfazer dúvidas e curiosidades próprias, porém, trazendo-lhe novamente à memória lembranças desagradáveis que procura a todo custo esquecer.

Já era Piloto de Linha Aérea há mais de doze anos. Possuía uma boa formação, tanto militar quanto de aviador. Cursara a EPCAR e a Escola de Aeronáutica, tendo se formado oficial e seguido na carreira militar por alguns anos. No posto de Capitão resolvera pedir baixa e ingressar em uma companhia de aviação civil. Tendo entrado inicialmente como segundo piloto, após diversos cursos internos, realizados no país, em aproximadamente dois anos passara a ocupar o posto de primeiro piloto das aeronaves da companhia. Nesta função ele já se encontrava há quase dez anos.

Possuía um temperamento alegre e brincalhão e gostava de pregar peças em todo mundo. Diziam que era costume dele recolher gatos nas cidades em que pousava e colocá-los em sacolas, que transportava na cabine de seu avião para soltá-los em cidades diferentes do país, nas quais fazia escalas. Fazia isto apenas para deixar os bichanos sozinhos e sem amigos em uma cidade estranha. Ficava imaginando como os gatos reagiriam, sendo colocados em um ambiente diferente daquele em que viviam. O que pensariam os gatos de Recife sendo largados em Porto Alegre? E os do Rio de Janeiro deixados em Manaus? Pensava em escrever mais tarde, depois de retirado, um compêndio sobre Psicologia Animal onde relataria estas suas experiências pelo país.

Costumava manter os passageiros apreensivos durante os vôos, quando, sem mais nem menos, pegava o microfone interno e dizia: - **Atenção, senhores passageiros, lamento informar - fazia uma pausa de alguns segundos, esperando que todos os corações aumentassem seus batimentos, para, então, concluir - que chegaremos dois minutos atrasados na cidade de Brasília, destino final de nosso vôo!**

Desligava o microfone e caía na gargalhada dentro da cabine, imaginando o terror que, por alguns instantes, havia passado pela mente de todos os passageiros da aeronave, imaginando defeitos mecânicos, falta de combustível, etc.

Contam que em determinada ocasião entrara no avião repleto de passageiros pela porta de trás e, percorrendo todo o interior do mesmo, dizia em voz alta para que todos ouvissem: - Isto é uma irresponsabilidade! Eu, um comandante aposentado e cardíaco, ser chamado para pilotar uma aeronave moderna como esta, que nunca pilotei antes. Esta é a última vez que faço isto!

Entrava na cabine e caía na gargalhada, imaginando a cara de espanto e o medo que acompanharia os passageiros durante toda aquela viagem.

A partir de certa época, porém, o seu comportamento se modificou. De bem humorado e brincalhão, passou a ser reservado e de poucos amigos. Seus companheiros não entendiam a razão daquela mudança radical em seu modo de ser. Questionado a respeito, ele nada dizia.

Apenas duas pessoas sabiam a razão que explicava aquela sua nova maneira de ser: ele mesmo e o autor destas páginas, seu velho amigo da EPCAR.

Segundo me confiou, particularmente (e já quase embriagado durante um encontro de turma a que comparecemos, como sempre fazíamos há mais de trinta anos, sempre na primeira sexta-feira do mês em um bar do centro da cidade), a razão daquele seu novo comportamento era de ordem Metafísica e Esotérica.

Duas semanas antes, encontrando-se acamado com dengue, comunicara à empresa aérea que não poderia voar durante toda aquela semana, por ordem médica. Assim, ficara em casa, de repouso, com febre intermitente e tomando soro, durante todos os sete dias.

Ao retornar para a empresa aérea no início da semana seguinte ouvira surpreso, do chefe de operações, o seguinte comentário: - Que bom que você, após haver comunicado estar doente, logo no mesmo dia retornou para a empresa e cumpriu toda a escala de vôos semanal. Vou recomendá-lo à direção como um excelente empregado, destes que 'veste verdadeiramente a camisa da empresa', pois, mesmo doente, você veio cumprir suas escalas de vôo.

Sem acreditar naquilo que ouvia, saiu dali desconfiado em direção aos hangares. No caminho, encontrou alguns companheiros que o cumprimentaram como se nada houvesse ocorrido na semana anterior, quando estivera ausente dos vôos por estar em casa doente. Não perguntaram por sua saúde, nem deixaram transparecer que não o viam há cerca de uma semana. Indagando por aqui e por ali, ficou sabendo que todos os vôos que seriam seus, na semana em que esteve doente, haviam saído sempre no horário e - de forma misteriosa - pilotados por ele mesmo...

39. O telefonema do Além

Na ocasião em que os fatos relatados a seguir ocorreram, eu residia na cidade de Belém, no Estado do Pará, para onde havia me transferido há poucos meses, a serviço da organização bancária em que já trabalhava durante alguns anos, logo após haver solicitado baixa da Força Aérea Brasileira.

Casado há cerca de um ano, alugara confortável casa em bairro tradicional da cidade, onde vivia tranquilamente. Freqüentando, junto com minha esposa, um clube local ao qual me associara, acabei por encontrar um velho companheiro da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena, que com sua jovem esposa também residia há pouco tempo naquela cidade e ainda não possuíam filhos, como nós.

O meu velho companheiro, tendo também saído da FAB, era piloto em uma das muitas empresas de táxi aéreo da região e sua esposa, médica, possuía um pequeno consultório no centro da cidade.

Com o transcorrer da nossa nova amizade, passamos a sair juntos e a freqüentar a casa um do outro. Como não tínhamos nenhum parente por aquelas bandas, nós nos apoiávamos mutuamente, como fazem freqüentemente dois irmãos. Costumávamos fazer churrascos, ora em minha residência ora na dele, quando, então, tínhamos a oportunidade de conversar com maior profundidade e trocar nossos pontos de vista sobre a vida, de uma maneira geral, e sobre as coisas e as instituições.

Como ambos não professássemos nenhuma religião, embora acreditássemos na existência de um Criador, em muitas ocasiões filosofávamos acerca da origem da vida, sobre o papel do destino e se haveria ou não vida do outro lado da existência; isto é, no território que separa a vida e a morte. Nestas ocasiões, embora cada um de nós expusesse o seu ponto de vista particular, sobre este assunto, não chegávamos a nenhuma conclusão; haja vista a complexidade do tema.

Meu amigo era de opinião que existia vida após a morte e, ainda mais - segundo ele - aqueles que, porventura, tivessem penetrado no Território do Além poderiam, caso assim desejassem, comunicar-se com os que estavam do lado de cá.

Meu ponto de vista era o tradicional da religião católica, ou seja: - temos apenas uma existência e, após a morte, não poderíamos mais nos comunicar com nossos familiares e amigos.

Deixando de lado estes assuntos, entretanto, logo passávamos a conversar sobre a vida profissional de cada um de nós.

Eu dizia-lhe que o trabalho bancário, embora não parecesse, era desgastante e causava muito estresse entre os bancários, estresse este que, fatalmente, conduzia muitos de nós às doenças do Sistema Nervoso; tudo isto, motivado pela constante pressão sobre metas a serem alcançadas e a grande responsabilidade sobre eventuais erros com relação a valores, cifras, etc.

Nestas ocasiões eu comentava com ele que o trabalho de piloto era muito mais tranqüilo e gratificante. Enquanto o bancário vivia preso em uma sala durante o dia todo, o aviador tinha a liberdade de poder estar em vários lugares naquele mesmo período.

Meu novo amigo garantia que as coisas não eram como eu pensava. Disse-me ele que desde pequeno se interessara pelas coisas da aviação. Tentara inicialmente a aviação militar, tendo entrado para a EPCAR; porém, tendo repetido o último ano em várias matérias, não pode ingressar na Escola de Aeronáutica. Assim, ingressara em um curso de aviação civil, onde se formou piloto privado e, mais tarde, tornou-se piloto comercial. Naquela ocasião já possuía milhares de horas de vôo sobre o território nacional.

Disse que já havia passado por situações de grande perigo, seja durante temporais, seja por panes em um ou em dois dos motores, etc. Garantia que os vôos eram seguros; mas que, por vezes, sentia que “a bruxa” estava dentro da aeronave, a espreita, pronta para ceifar a vida de pilotos desatentos.

A região em que ele voava compreendia, basicamente, toda a Região Norte do país; muito embora, ocasionalmente, efetuasse vôos para o Nordeste e para o Centro-Oeste. Seus passageiros eram, quase sempre, empresários, homens de negócio e empregados de alto nível, que tinham pressa em chegar até pontos isolados daquela região, não servidos pelas empresas aéreas de grande porte. Pilotava um bimotor Cessna 310 e conhecia o território sobre o qual voava como a palma de sua mão. Pousava em campos de pouso abertos no meio da mata, em pastagens, em ruas de pequenas cidades perdidas, em pistas improvisadas de garimpos, etc.

Em um domingo, durante um dos churrascos em minha casa, enquanto saboreávamos uma caipirinha e comíamos camarões fritos, ele comentou que, na véspera, dois empresários o procuraram para combinar um vôo até o município de Tarauacá, localizado a noroeste do estado do Acre, na fronteira com a Colômbia. Disse que embora o vôo tivesse sido combinado para a segunda-feira, pela manhã, tivera um estranho pressentimento naquela ocasião. Não sabia dizer a razão de tal sensação, pois já havia efetuado inúmeros vôos em direção ao Acre e a previsão do tempo para a manhã de segunda-feira era de tempo bom, com boa visibilidade. Julgava que, talvez, tivesse sido a aparência daqueles dois empresários: trajas muito caras, faces muito pálidas e olhos muito profundos. Os olhares daqueles dois - pareceu ao meu amigo, segundo disse - que penetravam no mais íntimo do seu Ser. Era como se eles soubessem a sua resposta, antes mesmo dele responder. Algumas vezes, chegou a perceber que eles lhe perguntavam algo, mas que suas bocas não se abriam; embora ele entendesse perfeitamente o que eles queriam saber.

Os empresários haviam pagado adiantado, aquele vôo que fariam, e foram embora sem mesmo se despedir.

Enquanto meu amigo falava, notei que os pelos de seu braço ficaram todos arrepiados. Ao brincar com ele sobre o fato, confessou-me que um calafrio percorrera seu corpo, por inteiro, ao lembrar-se daquela viagem que teria de fazer no dia seguinte. Pouco depois, com a chegada de nossas esposas, o assunto foi esquecido.

Na segunda-feira dirigi-me, conforme sempre fazia, para a sede do banco em que trabalhava, onde uma vastidão de problemas burocráticos me aguardava. As máquinas automáticas de caixa haviam dado defeito; o sistema todo havia caído; alguns empregados haviam faltado e ainda não haviam descoberto, na contabilidade, onde fora parar aquela diferença no caixa, da ordem de alguns milhares.

Por volta do meio-dia, o telefone da minha mesa tocou. Ao atendê-lo, fui surpreendido pela voz longínqua do meu amigo pedindo socorro. Ele pronunciou meu nome claramente e, em seguida, pediu que o socorresse. Ao solicitar-lhe maiores informações a ligação caiu. Ainda esperei alguns minutos para que ela retornasse, porém, como tal não aconteceu, coloquei o paletó, peguei meu carro no estacionamento do banco e dirigi-me para o aeroporto, em busca do hangar da companhia de táxi aéreo na qual ele trabalhava.

Lá chegando, constatei que o ambiente era de total desolação. Informaram-me que sua aeronave havia decolado, conforme previsto,

às oito horas da manhã com dois empresários e, em razão de uma pane de decolagem em ambos os motores, havia colidido com árvores existentes logo após o final da pista e explodido. O corpo do piloto fora encontrado pelas equipes de socorro, pouco após o acidente, morto, com várias queimaduras e bastante mutilado; porém, os corpos dos dois passageiros que transportava, não tinham sido localizados até aquele momento.

O acidente, portanto, havia ocorrido alguns minutos após a hora confirmada da decolagem; isto é, às oito horas da manhã e eu recebera a ligação por volta de meio-dia, quando já me preparava para ir almoçar em casa. Alguma coisa de muito estranha e inusitada ocorrera naquele dia: eu recebera uma ligação telefônica do meu amigo, algumas horas depois de ele haver falecido. Ao pensar no fato, lembrei-me daquela conversa que tivéramos no fim de semana anterior, quando ele demonstrara certo receio daquele vôo na segunda-feira.

Fui ao seu enterro, na tarde do dia seguinte, com minha esposa. A cerimônia foi breve. No cemitério achavam-se presentes apenas poucas pessoas: nós dois, a sua esposa e alguns funcionários da empresa de táxi aéreo. Ao voltarmos para casa vínhamos contristados, tanto com o acontecimento, em si, quanto com a cena patética de sua esposa chorando à beira do tumulo.

Pouco depois de entrarmos em casa, tendo minha esposa subido ao quarto para descansar daquele dia cheio de atribulações, onde chorara muito ao consolar a viúva, dirigi-me ao bar da casa para tomar um copo cheio de uísque, em uma derradeira homenagem ao meu velho amigo que se fora definitivamente.

Enquanto servia a dose, derramando o uísque por sobre várias pedras de gelo, o telefone tocou. Ao atender, ouvi a voz dele chamando-me pelo nome e, novamente, pedindo socorro. Em seguida a ligação caiu.

Desliguei o telefone e, com um sorriso nos lábios, peguei o copo de uísque e bebi todo o seu conteúdo, de uma única vez. Soltando, então, uma pequena gargalhada, exclamei baixinho, para mim mesmo: - Então é verdade, existe mesmo vida no território da morte!

Ainda sorria eufórico, quando me dei conta de que, tendo ele finalmente penetrado naquela região desconhecida, estava mais era gritando por socorro...

40. Epílogo

Desde que solicitei meu desligamento da Escola de Aeronáutica, por razões de ordem pessoal, sempre mantive estreito contato com os demais integrantes de ambas as turmas a que pertenci (Brasinhas e Sai da Reta). Há mais de trinta e cinco anos participo, fielmente, das reuniões de confraternização realizadas, mensalmente, na sede do Clube da Aeronáutica, na Praça XV, no Rio de Janeiro.

Nestas ocasiões, independente do posto, cargo ou função que desempenhemos em nossas vidas profissionais, não somos nada mais do que simples jovens reunidos, resgatando os seus passados. Creio que isto ocorre da mesma forma, com todos os ex-integrantes de escolas militares, em todos os países do mundo.

Quando, por vezes, encontramos ex-cadetes de outras turmas, que ali ou em qualquer outro lugar, também, se reúnem para confraternizar, mesmo não os conhecendo previamente eles são para nós e nós somos para eles como velhos amigos, tão fortes as marcas e os vínculos deixados por aquelas duas Escolas Militares naqueles que possuem o elo fraterno de a elas terem pertencido, vivenciado suas rotinas e caminhado por suas alamedas e rincões, alegres na maior parte das vezes e tristes, talvez, em algumas poucas ocasiões.

Todos nós aprendemos muito naquelas duas casas sobre as regras do convívio social, convivendo com centenas de jovens oriundos dos mais distantes pontos do país, com suas culturas, modos de ser e idiossincrasias. Princípios morais e virtudes nós absorvíamos, tão somente, contemplando as ações e ouvindo os conselhos e os ensinamentos de nossos chefes e comandantes, que não hesitariam em tomar decisões necessárias nas horas certas, tendo em mente a proteção dos alunos, a preservação da Força Aérea e a defesa e a integridade de nosso país.

Amizades leais e duradouras forjaram-se naquelas Organizações Militares, onde o convívio era diuturno e as alegrias e tristezas compartilhadas.

Estou convencido de que desfrutei de uma experiência única, experiência esta que marcou para sempre a minha vida, como também deve ter marcado a de todos os meus companheiros.

Atualmente, tendo percorrido mais de setenta por cento do caminho da existência e contemplando o trajeto já trilhado, percebo haver andado sempre no rumo certo, sem me deixar levar pela ambição e pelo desejo do lucro fácil, sem trilhar caminhos que conduzem à violação das leis, à prática de injustiças, de violências, de covardias e de traições; caminhos estes, com certeza, seguidos pela maioria daqueles jovens que pela EPCAR tiveram a felicidade de poder passar. Naqueles idos, como alunos e cadetes, a nossa grande preocupação além das mulheres e dos esportes, era a de servir à pátria, quando e aonde fosse preciso. Não que esta última preocupação não exista mais, na atualidade, mas, naqueles tempos, sentíamos muito orgulho daquilo que fazíamos e daquilo a que nos propúnhamos fazer...